



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

SUSIANE MARIA NASCIMENTO DA ROCHA TAVARES

**SENTIDOS QUE OS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE RIO
BRANCO ATRIBUEM À ESCOLA**

**RIO BRANCO-AC
2019**

SUSIANE MARIA NASCIMENTO DA ROCHA TAVARES

**SENTIDOS QUE OS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE RIO
BRANCO ATRIBUEM À ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Acre, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth Miranda de Lima

Linha de pesquisa: Formação de Professores e Trabalho Docente

**RIO BRANCO-AC
2019**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

T231s Tavares, Susiane Maria Nascimento da Rocha, 1978 -
Sentidos que os jovens estudantes do ensino médio de Rio Branco atribuem
à escola / Susiane Maria Nascimento da Rocha Tavares; orientadora: Dr^a.
Elisabeth Miranda de Lima, – 2019.
144 p. f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-
Graduação Stricto Sensu de Mestrado em Educação, Rio Branco, 2019.
Inclui referências bibliográficas.

1. Juventudes. 2. Ensino médio. 3.Reforma do ensino médio. I. Lima,
Elisabeth Miranda de (orientadora). II. Título.

CDD: 370

Bibliotecária: Irene de Lima Jorge CRB-11º/465

SUSIANE MARIA NASCIMENTO DA ROCHA TAVARES

**SENTIDOS QUE OS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE RIO
BRANCO ATRIBUEM À ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Acre, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Formação de Professores e Trabalho Docente

Defesa realizada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Miranda de Lima
Orientadora – MED/UFAC

Prof. Dr. João Francisco Lopes de Lima
Membro Interno - UFAC

Prof.^a Dr.^a Mônica Ribeiro da Silva
Membro Externo – UFPR

Prof.^a Dr.^a Ednacelí Abreu Damasceno
Membro Interno (Suplente) - MED/UFAC

Dedico este trabalho aos meus amados filhos, Miguel e Rafael, ao meu esposo, Fred Tavares, por serem a principal motivação de iniciar este mestrado. Obrigada por me ouvirem, me fazerem rir e esquecer as dificuldades, me darem carinho e apoio incondicional, que tornaram essa jornada menos difícil. Agradeço a paciência com as minhas ausências, mesmo quando estava perto, e por me ajudarem fazendo silêncio nos momentos em que necessitava de muita concentração.

Também a minha mãe Maria Raimunda Merita, (*in memoriam*) e à minha irmã, Maria de Fátima, (*in memoriam*) que sempre me incentivaram a lutar por uma condição de vida melhor e a buscar, através dos estudos, o aprimoramento moral e o intelectual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Universidade Federal do Acre (UFAC), instituição pública que me permitiu o processo formativo que me propiciou tudo que tenho hoje, a partir do ingresso à graduação, em 1997, no curso de licenciatura plena em Geografia, onde me tornei pesquisadora de iniciação científica, à especialização em Gestão Escolar em 2004-2005, e ao presente mestrado acadêmico em Educação.

Agradeço às professoras do mestrado, por todo empenho, dedicação e disponibilidade para ensinar, com extrema qualidade. Seus ensinamentos, coragem e luta por uma educação pública, gratuita, socialmente referenciada e de qualidade, me marcaram profundamente.

Agradeço especialmente à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Elizabeth Miranda de Lima, por se dispor a me conduzir em todo esse processo, sempre de forma clara, objetiva e com muita seriedade. Obrigada, por abrir os caminhos, as perspectivas da pesquisa, por compartilhar seu conhecimento, seu tempo e sua disponibilidade em se dedicar a um tema novo e desafiador como a *juventude e a escola* neste tempo de reforma. Também agradeço seu compromisso em nos ensinar sobre a História da Educação Brasileira, com tantas riquezas de detalhes. O seu posicionamento ativo diante da educação me fez repensar muitos elementos da minha prática profissional.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Lenilda Rêgo de Albuquerque de Faria, uma das pessoas mais delicadas e inteligentes que tive o prazer de conhecer. De forma cuidadosa e eficaz, fez-nos refletir sobre a sociedade, o método científico, a filosofia e as questões que norteiam a pesquisa em Ciências Sociais.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Ednaceli Abreu Damasceno, pela competência em nos orientar na disciplina de Seminário de Projetos e pelas discussões tão aprofundadas na disciplina Formação de Professores e Trabalho Docente. Sua alegria e leveza na condução prática educativa são inspiradoras e nos mostram o quanto é gratificante ensinar.

Obrigada à Prof.^a Dr.^a Tânia Mara Rezende Machado, que com seu jeito simples e divertido nos ensinou o quanto é importante refletir sobre o indivíduo dentro de um contexto socioeconômico e histórico.

Agradeço de coração aos meus colegas e amigos do mestrado, que me ouviram, ajudaram-me a seguir em frente, deram-me suporte e me fizeram sorrir. Em especial, agradeço às minhas amigas Mageana Souza e Elverenice Silva, as meninas da Geografia, com as quais tive o prazer de fazer trabalhos, compartilhar dificuldades, rir dos nossos atropelos, também aos colegas Alisson Lima, Adão Xavier e Thaís Bellaver que sempre me socorreram e me inspiraram muito pela dedicação e extrema humildade. Vocês nunca se negaram a compartilhar os conhecimentos, sendo verdadeiros companheiros nessa jornada tão importante.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, especialmente, aos professores, ao diretor e aos coordenadores, por compreenderem a importância desse processo para meu enriquecimento e qualificação profissional.

Agradeço à minha família, irmãos, sobrinhos, tios, primos, cunhados, que me incentivaram a buscar meus objetivos e compreenderam as minhas ausências durante este processo.

Por fim, agradeço a Deus, por ser motivo de minha força interior, e aos amigos e irmãos da Catedral Nossa senhora de Nazaré, que me apoiaram com orações e mensagens de encorajamento quando mais precisei.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

(Paulo Freire, 1979)

RESUMO

A presente pesquisa apresenta a relação entre a juventude e a escola, mais especificamente problematiza os *sentidos que os jovens estudantes acreanos do Ensino Médio atribuem à escola e ao seu processo educativo, no contexto das escolas públicas do município de Rio Branco, Acre*. Tem o objetivo de compreender como os jovens veem a escola e seu processo educativo, no contexto das instituições de educação públicas de Ensino Médio do município de Rio Branco, Acre. Diante das recentes mudanças ocorridas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, em que houve alterações introduzidas na Lei nº 9.394/1996 (LDB) pela Lei nº 13.415/2017 na Base Curricular Comum do Ensino Médio, entender o que o jovem pensa a respeito da escola, que sentidos a ela atribui, consideramos de suma importância. Para isto, faz-se necessário refletir acerca da condição da juventude no Brasil, buscando-se compreender conceitualmente a juventude como categoria de análise, a relação do jovem e a escola e, por último, o processo histórico do Ensino Médio no Brasil. Para a construção do referencial teórico dialogamos com: Dayrell (2007 e 2018); Sposito (2008); Charlot (2014); Frigotto (2017); Bourdieu (2007); Bauman (2013). O presente trabalho caracteriza-se por uma abordagem quantitativo-qualitativa. Buscou ancorar-se nos pressupostos do materialismo histórico dialético, pois este se predispõe a uma análise crítica e, neste aspecto, o método dialético de Marx é o que permite uma maior aproximação com o objeto de estudo. Para os procedimentos de coleta de dados foi utilizada a aplicação de questionário para oitenta (80) jovens, estudantes do Ensino médio regular, e formação de dois grupos focais com vinte e dois (22) alunos de duas escolas selecionadas. A metodologia adotada para a análise dos dados foi norteada pelos conceitos de Bardin (1977) que apresenta uma apreciação crítica de análises de conteúdo como uma forma de tratamento em pesquisas qualitativas e quantitativas, no intuito de propiciar também o desvendar crítico. Como resultado da pesquisa percebeu-se que os jovens gostam da escola, conhecem o papel dela, mas não a compreendem, têm noção superficial sobre o que é currículo, prática pedagógica e avaliação. A percepção que têm sobre a atual reforma do Ensino Médio é limitada e contraditória e, além disso, consideram a juventude uma etapa da vida marcada pela diversão, despreocupações e preparo para a vida adulta, ou seja, internalizam as concepções a eles atribuídas pela sociedade em geral.

Palavras-chave: Juventudes. Escola. Sentidos. Ensino Médio. Reforma do Ensino Médio

ABSTRACT

This research presents the relationship between youth and school, more specifically problematizes about what senses young students from high school Acreans attribute to school and their educational process, in the context of public schools of Municipality of Rio Branco, Acre? It aims to understand how young people see the school and its educational process, in the context of public education institutions of high school in the municipality of Rio Branco, Acre. In view of the recent changes in the National curriculum guidelines for high school, in which there were changes introduced in Law No. 9.394/1996 (LDB) by Law No. 13.415/2017 in the common Curricular Base of high School, understand what the young man thinks Respect of the school, what meanings it attributes, we consider to be of paramount importance. For this, it is necessary to reflect on the condition of youth in Brazil, seeking to understand conceptually the youth as category of analysis, the relationship young and school and, lastly, the historical process of high school in Brazil. For the construction of the theoretical framework we batter with: Dayrell (2007 and 2018); Sposito (2008); Charlot (2014); Frigotto (2017); Bourdieu (2007); Bauman (2013). The present work is characterized by a quantitative-qualitative approach. It sought to anchor itself in the assumptions of historical-dialectical materialism, because it predisposes to a critical analysis and, in this aspect, Marx's dialectical method allows a greater approximation with the object of study. For the data collection procedures, the application of a questionnaire was used to eighty (80) youths, regular high school students, and formation of two focal groups with twenty-two (22) students from both Selected schools in order to deepen discussions of the elements covered in the questionnaire. As a result of the research it was perceived that young people like the school, know the role of it, but do not understand it, have a superficial notion about what is curriculum, pedagogical practice and evaluation. The perception they have about the current reform of high school is limited and contradictory and, moreover, consider youth a stage of life marked by fun, carefulness and preparation for adulthood. that is, they internalize the conceptions attributed to them by society in general.

Keywords: youth. School. Senses. High School. High School reform

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Escolas participantes.....	36
Quadro 2	Os jovens e o Mercado de trabalho.....	66
Quadro 3	Matriz curricular do Novo Ensino Médio no Acre.....	87
Quadro 4	Banco de dissertações e teses da CAPES.....	130
Quadro 5	Banco publicações em periódicos.....	131

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Matrículas no Ensino Básico de Rio Branco.....	31
Tabela 2	Indicadores de distribuição de renda.....	35
Tabela 3	Escolas em Rio Branco	36
Tabela 4	População juvenil do Brasil.....	59
Tabela 5	Matrículas no Acre.....	65
Tabela 6	Caracterização dos jovens.....	93
Tabela 7	População jovem segundo ocupação.....	99
Tabela 8	Como os jovens avaliam os aspectos relativos à sala de aula.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Vítimas de violência	60
Gráfico 2	Os problemas que mais preocupam os jovens	62
Gráfico 3	Evolução do IDEB.....	80
Gráfico 4	Renda do principal provedor da família.....	95
Gráfico 5	Nível de escolaridade Do principal responsável.....	96
Gráfico 6	Nível de escolaridade da População de Rio Branco.....	97
Gráfico 7	As atividades exercidas pelos jovens, além de estudar.....	98
Gráfico 8	Tempo gasto com estudo e tarefas escolares em casa.....	100
Gráfico 9	Aspectos referentes as relações interpessoais no ambiente escolar.....	103
Gráfico 10	O que mais gosta na escola	105
Gráfico 11	Como vê a escola.....	108
Gráfico 12	O que mudaria na escola.....	109
Gráfico 13	Quais os mecanismos mais eficazes para garantir a qualidade da educação.....	111
Gráfico 14	O que a escola oportunizará ao jovem após a conclusão do ensino médio.....	115
Gráfico 15	A atual reforma do ensino médio contribui para a melhoria da qualidade do conhecimento oferecido nas escolas.....	116

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização de Rio Branco.....	32
Figura 2	Vista parcial de Rio Branco.....	33
Figura 3	Vista parcial das pontes e passarela sobre o Rio Acre.....	34
Figura 4	Competências Gerais da BNCC (1-5).....	84
Figura 5	Competências Gerais da BNCC (6-10).....	85
Figura 6	Evolução do Ideb no Acre.....	88
Figura 7	Possibilidades para os itinerários formativos.....	90

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNJUVE – Conselho Nacional da Juventude
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais
EAD – Educação a Distância
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FGV – Fundação Getúlio Vargas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação
OIT – Organização Internacional do Trabalho
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PEC – Proposta de Emenda à Constituição
PEEM – Programa Especial de Ensino Médio
PNE – Plano Nacional de Educação
SEAPE – Sistema Estadual de Avaliação da Aprendizagem
SEE – Secretaria de Estado de Educação
SEME – Secretaria Municipal de Educação
SNJ – Secretaria Nacional de Juventude
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFAC – Universidade Federal do Acre

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. CAPÍTULO I - O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA	25
2.1. NATUREZA DA PESQUISA.....	25
2.2. MÉTODO DA PESQUISA	28
2.3. AMOSTRA DA PESQUISA	30
2.4. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	37
2.5. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	44
3. CAPÍTULO II - JUVENTUDES E ESCOLA	48
3.1. JUVENTUDE OU JUVENTUDES.....	48
3.1.1. Caracterização dos jovens brasileiros – alguns apontamentos.....	56
3.2. OS JOVENS E A ESCOLA	69
3.3. OS JOVENS E O ENSINO MÉDIO	74
4. CAPÍTULO III - SENTIDOS QUE OS JOVENS SUJEITOS DA PESQUISA ATRIBUEM À ESCOLA	92
4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	93
4.2. PERCEPÇÕES QUE OS JOVENS TÊM DE SI MESMOS.....	101
4.3. COMO OS JOVENS VÊEM A ESCOLA.....	104
4.4. PERSPECTIVAS SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO.....	114
5. CONCLUSÃO	118
REFERÊNCIAS	126
ANEXOS	130

1. INTRODUÇÃO

É comum em nosso meio social ouvirmos a seguinte frase: os jovens são o nosso futuro. Contudo, em diversas situações em que este “grupo social” necessita ser ouvido, ter suas expectativas consideradas, isto não acontece. Assim, refletindo sobre a condição da juventude no Brasil, três situações me instigaram a tentar compreender o que os jovens pensam, sobretudo, no que se refere à escola.

A primeira situação é que trabalho com jovens há quase vinte anos atuando como docente coordenadora pedagógica e coordenadora de ensino na Educação Básica no Ensino médio regular. Ensinando e convivendo com discentes considerados “jovens”, observei diversas situações que me despertaram interesse em descobrir os “porquês” de determinados comportamentos desses alunos no âmbito escolar. Tais observações, através de conversas informais, propiciaram reflexões acerca das expectativas de que o jovem estudante acreano tem em relação à escola onde estuda.

Investigar a respeito dos fatores que se relacionam com o abandono e a permanência dos jovens na escola, como eles a compreendem e veem, sobretudo, no que diz respeito às expectativas que os mesmos têm dessa instituição, considero de significativa importância para a compreensão da dinâmica social desse segmento da população brasileira – a juventude.

Outra situação que instigou meu interesse pela temática aprofundou-se no momento de reformulação do meu projeto de pesquisa, pois a indicação da minha orientadora foi que pesquisasse essa temática, haja vista que eu já atuava na área e tinha um real interesse em descobrir o que os jovens realmente pensam sobre a escola. Tendo em vista a importância social, política e cultural desse segmento no conjunto da sociedade, procurei pesquisar e problematizar sobre essa temática, buscando referenciais teóricos que abordassem acerca da juventude e da escola com profundidade.

O terceiro aspecto relevante que me instigou a pesquisar sobre a juventude e a escola foi a baixa densidade de estudos e pesquisas sobre essa temática, em particular no contexto do estado do Acre. Ao fazermos um levantamento nos bancos de dissertações e teses da CAPES e nas publicações das principais revistas na área da educação, encontramos alguns estudos e pesquisas, cujos dados estão apresentados nos quadros 4 e 5, presentes nos anexos 1 e 2 deste trabalho.

As dissertações apresentadas no quadro 4 (anexo 1) abordam as mais variadas temáticas sobre juventude. Trazem questões relacionadas às políticas públicas para os jovens, ou à ausência destas que desencadeiam desafios para eles nas mais diversas esferas. Tratam sobre a relação jovem e mercado de trabalho, tendo em vista o desenvolvimento do que se denominou educação profissional. Algumas teses e artigos propõem reflexões sobre como entendemos o jovem e discutem as maneiras pelas quais estes, na atualidade, vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho, pelo empreendedorismo e pelo protagonismo juvenil. Enfim, eles trazem apontamentos sobre:

- A política de integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos apresentada pelo Governo Federal brasileiro, com o horizonte de universalização da Educação Básica aliada à formação para o mundo do trabalho, acolhendo o segmento populacional de jovens e adultos que possuem trajetórias escolares descontínuas.
- A reflexão sobre os processos de exclusão escolares vivenciados por jovens adolescentes no Brasil, a partir dos resultados da pesquisa "A exclusão de jovens adolescentes de 15 a 17 anos cursando Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas".
- A análise da integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos,
- O olhar do adolescente sobre o seu processo educativo e as relações de violência percebidas e/ou vivenciadas na escola.
- A compreensão da relação entre juventude e escola, priorizando-se a concepção dos jovens sobre o trabalho, socialização e a relação com o conhecimento escolar.

Também encontramos periódicos, revistas e artigos (quadro 5- anexo 2) que discutem a relação entre juventude e escola, problematizando o lugar que esta ocupa na socialização da juventude contemporânea, as características dos jovens que chegam às escolas públicas de Ensino Médio, evidenciando a existência de uma nova condição juvenil no Brasil contemporâneo e as maneiras pelas quais os jovens, na atualidade, vêm construindo seus projetos de vida. Os artigos publicados contribuem,

ainda, refletindo sobre os processos de exclusão escolares vivenciados por jovens e adolescentes no Brasil.

As publicações em periódicos também trazem contribuições significativas na medida em que abordam:

- As intervenções educativas com a juventude que merecem ser analisadas a partir de uma reflexão que inicia por uma demarcação fundamental sobre como entendemos o jovem.
- Como o jovem enfrenta os desafios e as consequências do processo de internacionalização do capital, especialmente a crise estrutural do trabalho assalariado, a crescente desigualdade e exclusão social, assim como a pobreza material.
- As relações entre juventude e escola, problematizando o lugar que esta ocupa na socialização daquela na sociedade contemporânea, em especial dos jovens das camadas populares.
- A condição juvenil contemporânea produzida pela recente expansão das oportunidades de escolarização, pela diversidade de vivências e experiências que os jovens produzem em instâncias sociais distintas das instituições tradicionais de reprodução social.
- A análise e discussão das maneiras pelas quais os jovens, na atualidade, vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho.
- As tensões que marcam a(s) juventude(s) no século 21 e suas inter-relações com o processo educativo escolar.

Como se pode observar, apesar dos inúmeros estudos e publicações sobre o jovem, muito ainda se tem a pesquisar sobre esta temática, sobretudo em sua relação com a escola, no que se refere aos sentidos que atribui a ela. Como o jovem vê a escola, e o que dela espera, é tema que ainda necessita ser problematizado e pesquisado. Diante do atual cenário político que estabelece novas diretrizes para o Ensino Médio, que passa por um processo de reformulação, discutir e pesquisar sobre a juventude e a escola não é apenas necessário, mas fundamental.

Para muitos jovens o papel da educação é extremamente expressivo, pois acreditam que é por meio dela que terão a possibilidade de um futuro profissional que lhe proporcione uma condição de vida digna e satisfatória. Isso é o que eles pensam.

Entretanto, sabe-se que a realidade nem sempre se apresenta como o imaginado. Muitos deles terminam o Ensino Básico sem a qualificação mínima exigida no mundo do trabalho. Devido à baixa qualidade do ensino recebido, enfrentarão dificuldades para ingressar nas universidades públicas, sobretudo, nos cursos mais concorridos, além de não terem condições financeiras de custear um curso nas instituições de Ensino Superior Privado, sobretudo aqueles considerados de elite como Direito e Medicina.

Diante das transformações que a sociedade sofreu ao longo do tempo, especialmente na forma de pensar e agir do aluno jovem, anseia-se por uma escola preparada para proporcionar um ensino que respeite a heterogeneidade e a individualidade da comunidade escolar, que proporcione educação de qualidade para todos e que leve em consideração que todo ser humano tem a capacidade de aprender de acordo com seus interesses e no seu ritmo.

Com um modelo de educação que enfrenta dificuldades para se ajustar ao perfil dos estudantes e responder aos seus interesses não é novidade que os resultados educacionais demorem a apresentar avanços, especialmente no Ensino Médio. Soluções para transformar esse cenário são temas de debates entre os profissionais envolvidos com educação, mas, que frequentemente esquecem-se de consultar uma opinião importante: a dos estudantes jovens.

Diante da relevância da temática, haja vista as mudanças que vêm ocorrendo no Ensino Médio, através da reforma¹ Novo Ensino Médio, publicada na Medida Provisória nº 746/2016, e os resultados insatisfatórios dos indicadores da Educação Básica, especialmente em sua etapa final, espera-se que tal estudo apresente algumas contribuições para a linha de pesquisa do Mestrado em Educação na qual se insere a “Formação de Professores e Trabalho Docente”, visto que ao alcançarmos os objetivos propostos na pesquisa teremos compreendido o porquê de determinados comportamentos dos jovens na escola, sobretudo, na sala de aula, o que servirá de subsídio para que as instituições escolares reflitam sobre os sujeitos que participam

¹A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade à todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade, conforme destacado na página do MEC.

do seu processo de ensino, de forma que este último esteja de encontro ao que esse jovem almeja da escola e, com isso, propiciar-lhe-á a oportunidade de ingresso no nível superior e a efetiva participação no mundo do trabalho. Além disso, também possibilitará um entendimento mais aprofundado do ponto de vista teórico, sobre os alunos que estão cursando o ensino médio nas escolas públicas do município de Rio Branco.

Por fim, parece ser relevante investigar os sentidos que os jovens atribuem à escola em seu processo de ensino-aprendizagem, uma vez que se espera que, após a conclusão da educação básica, ela tenha proporcionado as condições de aprendizado e a qualidade necessária para que os jovens possam construir seus respectivos projetos de vida.

A escola atualmente se depara com novos desafios, entre eles, o de estabelecer condições mais adequadas para atender a diversidade dos indivíduos jovens que dela participam. Assumir, compreender e respeitar essa diversidade é requisito para orientar a transformação de uma sociedade tradicionalmente pautada pela exclusão e, assim, proporcionar condições para que o jovem tenha acesso a um ensino de qualidade que atenda às suas expectativas. Contudo, isso requer uma análise mais detalhada a partir de investigação com o próprio sujeito aqui explicitado, e que o presente trabalho se propõe a problematizar: *que sentidos os jovens estudantes acreanos do Ensino Médio atribuem à escola e ao seu processo educativo, no contexto das escolas públicas do município de Rio Branco, Acre?* Tendo este inquietante como nosso problema central, surgiram outras questões de estudo:

- Qual é o perfil social dos jovens que frequentam o Ensino Médio?
- Que percepções os jovens têm de si mesmos?
- Quais motivos levam o jovem acreano do Ensino médio a frequentar a escola?
- Que percepções os jovens discentes têm sobre o conhecimento oferecido e o trabalho do professor, considerando a perspectiva de aprendizado e ao que se espera que a escola ensine?
- Quais são os projetos de vida do jovem estudante do Ensino Médio?
- A escola de Ensino Médio pública de Rio Branco proporciona ao jovem uma formação que o possibilite a ingressar no ensino superior e no mercado de trabalho?

- O jovem da escola de Ensino Médio de Rio Branco conhece a atual reforma do Ensino Médio e suas implicações em seus projetos de vida?

Espera-se que, a partir desses questionamentos, possa-se compreender melhor a forma como os jovens vivenciam a escolarização, que papel a escola realmente exerce em suas vidas, que percepções têm desta instituição e o que dela esperam no que se refere à sua efetiva colaboração para a realização de seus projetos de vida e para a vivência de suas experiências.

O objetivo desta pesquisa é compreender os sentidos que os jovens estudantes acreanos do Ensino Médio atribuem à escola e seu processo educativo, no contexto das escolas públicas do município de Rio Branco, Acre.

Partindo deste propósito maior, esta pesquisa objetivou especificamente:

- Caracterizar o perfil social dos jovens que frequentam a escola pública de Rio Branco;
- Identificar e analisar as percepções que os jovens têm de si mesmos;
- Identificar e analisar os motivos que levam esses jovens estudantes acreanos a frequentar a escola;
- Analisar as percepções dos jovens sobre a escola de Ensino Médio pública de Rio Branco, do ponto de vista do que ela ensina para o ingresso no mercado de trabalho, e para termos formativos;
- Identificar e relacionar as percepções e conhecimentos dos jovens da escola de Ensino Médio de Rio Branco sobre a atual reforma do Ensino Médio, com o modelo apresentado pelo Governo Federal.

Para se atingir os objetivos estabelecidos, entretanto, foi necessário traçar o caminho teórico-metodológico a ser seguido durante a execução da pesquisa e a construção do texto. Por isso, o diálogo com autores que propiciam essa fundamentação foi de suma importância neste trabalho. Ao tratarmos da *natureza da pesquisa* ancorou-se nas contribuições de: Gomes (2015) e Gamboa (1997) que destacam a importância da conciliação das abordagens qualitativa e quantitativa, tentando sair da polarização em que se utiliza uma ou outra abordagem; Minayo (2011) destaca que, entre os dois tipos de abordagem (quantitativa e qualitativa) e os dados delas advindos, não são incompatíveis. Ao abordar o *método utilizado na pesquisa* apresentou-se as contribuições de: Triviños (1987), Frigotto (1997) e Paulo

Neto (2011) que destacam as concepções do materialismo histórico dialético. Ao serem apresentados os *procedimentos de coleta de dados*, dialogou-se com Gerhardt e Silveira (2009) e com Severino (2007), que apontam o objetivo do questionário e a que tipo de pesquisa se destina. Além disso, ao se apresentar a importância da formação de grupo focal, Gatti (2005) afirma que esse procedimento, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas. Já para a análise dos dados coletados, buscou-se dialogar com Bardin (1977), a partir de sua análise de conteúdo, que apresenta instrumentos metodológicos que orientam e auxiliam o pesquisador a interpretar e analisar os elementos oriundos da pesquisa.

Embora o presente estudo priorize a relação jovem e escola, há a necessidade de se compreender o contexto em que se dá essa relação. Por isso, foi necessário dialogar com diversos pesquisadores que forneceram a fundamentação teórica necessária para a compreensão do objeto investigado.

Abordando o conceito de juventude e o que é ser jovem, dialogamos com Dayrell (2007 e 2018), que aborda a questão da juventude no Brasil no que se refere aos seus desafios e perspectivas, propõe reflexões sobre a condição juvenil e o Ensino Médio, buscando apreender os significados da escola de Ensino Médio para os jovens alunos e seus professores; Sposito (2008), investiga elementos teóricos e realiza um conjunto de investigações empíricas sobre os jovens e seus comportamentos, a juventude nas áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social e, aborda ainda, os jovens como operadores dos dilemas da sociedade contemporânea;

Ao tratarmos sobre a relação do jovem e a escola e as mudanças ocorridas no Ensino Médio através da atual reforma, trouxemos as contribuições de Leão (2010), que pesquisa sobre os desafios enfrentados por jovens estudantes do Ensino Médio de escolas públicas, a condição juvenil e as Políticas Públicas de Juventude no Brasil; Charlot (2014), que foi um dos primeiros autores no campo da educação a chamar a atenção para a relação que os sujeitos, em particular os estudantes mais pobres, estabelecem com o saber, com aquilo que é ensinado na escola; e Frigotto (2017), que pesquisa sobre as determinações políticas, econômicas subjacentes de ordem histórico-culturais e o caráter legal que impedem que a maioria dos jovens brasileiros, em sucessivas gerações, tenham garantido o direito social e subjetivo do Ensino Médio e, para os que o frequentam, não o façam dentro de uma concepção

dual, fragmentária e economicista e em condições materiais objetivas que impedem sua efetiva qualidade. Além disso, também discute a nova reforma do Ensino Médio no Brasil.

Também abordamos as questões sobre a educação, especificamente sobre os sistemas escolares com as contribuições de Bourdieu, (2007), que se dedicou aos estudos no campo da educação, tendo exercido influência em gerações de intelectuais de diversas áreas, especialmente aos que se dedicaram a estudos sobre educação. Inicialmente tais estudos estiveram principalmente concentrados em demonstrar os mecanismos escolares de reprodução cultural e social e as “estratégias” do sistema escolar para diferentes agentes e grupos sociais; Bauman (2013), problematiza a crise da modernidade na atualidade e expõe como a escola cresceu de modo diferente do mundo para o qual deveria educar, portanto, trata a educação a partir dos conceitos, categorias ou metáforas empregadas no seio de sua sociologia.

Para melhor compreensão de todo o processo de construção do texto, mais precisamente sobre o percurso teórico – metodológico, as reflexões e análises dos resultados obtidos a partir da coleta dos dados, o presente trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: introdução, desenvolvimento (que se divide capítulos 1, 2 e 3), conclusão, referências bibliográficas e anexos.

Na **introdução** estão presentes os aspectos introdutórios referentes à delimitação da pesquisa, tais como o problema central, questões, objeto de estudo, e os objetivos de pesquisa, além apresentar uma contextualização inicial sobre o objeto e seu contexto, bem como as justificativas que levaram o pesquisador a escolher o objeto a ser investigado.

No capítulo 1 – **percurso teórico metodológico da pesquisa**, constam os instrumentos e técnicas utilizados na coleta dos dados, apresentação da amostra do universo pesquisado, o contato com o campo de investigação, a caracterização do mesmo, e como se procedeu a abordagem com os participantes sujeitos de pesquisa. Além disso, será apresentado também o método de investigação que se baseia nos pressupostos do materialismo histórico dialético, o percurso trilhado na realização da pesquisa e os procedimentos de análise dos dados.

No capítulo 2 – **Juventude e escola** serão apresentados os primeiros esforços de problematização do tema, a partir de teóricos que já estudaram sobre a temática e, mais precisamente, priorizou-se os referenciais que tratam de caracterizar e conceituar a juventude e a escola, numa abordagem que está dividida em: *juventude*

ou juventudes - nesta seção o texto dialoga com diversos teóricos o conceito de juventude, e traz um subitem denominado: *caracterização dos jovens brasileiros – alguns apontamentos*, no qual se faz a apresentação de dados que evidenciam o perfil do jovem brasileiro; *juventudes e escola* - aqui será tratada a relação dos jovens e a escola na perspectiva dos sentidos que estes atribuem à instituição de ensino em seu processo de ensino-aprendizagem; E *Jovens e o Ensino Médio* – serão abordados, neste tópico, o percurso histórico da Educação secundária no Brasil, bem como as reformas implantadas em cada principal período da nossa história, com ênfase na atual reforma, no que se refere à forma de como está estruturada.

No terceiro capítulo – ***Sentidos que os jovens atribuem à escola***, apresentaremos os resultados da pesquisa, onde foram analisados os dados obtidos por meio dos questionários, das conversas nos grupos focais e dos referenciais teóricos desta pesquisa. Encontra-se dividida em quatro eixos nos quais se abordaram as categorias analisadas: Sentidos, Juventudes, Escola e Ensino Médio.

Encerrando o trabalho, apresentaremos a ***conclusão*** que sucede todo o desenvolvimento desse trabalho, na qual se retomará as questões e objetivos de pesquisa destacando os seus principais pontos, as etapas do trabalho e os resultados obtidos a partir da análise dos questionários e dos diálogos com os jovens nos grupos focais, o que nos permitiu aprofundar os elementos essenciais da problematização da presente pesquisa.

2. CAPÍTULO I - O PERCURSO TEÓRICO - METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, visando atender ao objetivo ao qual a presente pesquisa se propõe que é compreender os sentidos que os jovens estudantes acreanos do Ensino Médio atribuem à escola e seu processo educativo, destaca-se o percurso teórico-metodológico construído para a apreensão do objeto de estudo. Serão apresentados os instrumentos e técnicas utilizadas na coleta dos dados, o perfil das escolas que foram alvo desta pesquisa, bem como a amostra do universo pesquisado, o contato com o campo de investigação e a caracterização do mesmo, como se procedeu a abordagem com os participantes sujeitos de pesquisa e os procedimentos de análise dos dados coletados.

2.1. NATUREZA DA PESQUISA

Ao se desenvolver uma pesquisa científica as principais abordagens metodológicas utilizadas são a qualitativa e a quantitativa. Entretanto há autores que defendem a possibilidade da junção entre as duas, produzindo uma pesquisa considerada mista. A este respeito Gomes (2015, p. 83) destaca que há alguns autores que optam pela conciliação dos termos e buscam “formas e possibilidades de conjugar o formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais, tentando sair da polarização entre quantitativo/qualitativo”. Outros, porém, segundo Gamboa (1997, p. 83), são controversos sobre este paradigma da pesquisa científica e o debate “intensifica-se mais ainda quando a discussão avança no campo da epistemologia e se identifica com o atual debate entre as abordagens teórico - metodológica que disputam o espaço da pesquisa nas ciências sociais.” Depreende-se, então, que o dualismo quantitativo-qualitativo suscita reflexões por parte de alguns.

Apesar de se compreender que as formas de pesquisa quantitativa e qualitativa possuem um caráter distinto para obtenção de dados, (pois, seus objetivos, formas de abordagens e ferramentas de captura de dados, por muitas vezes,

impedem que sejam realizadas em conjunto em uma mesma pesquisa), segundo Minayo (2011) entre os dois tipos de abordagem (quantitativa e qualitativa) e os dados delas advindos não são incompatíveis. Entre eles há uma oposição complementar que, quando bem trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa. Gamboa complementa,

Em relação às categorias quantidade-qualidade, as pesquisas com enfoque dialético, o que se refere às técnicas, geralmente utilizam as historiografias, tratando as dimensões quantitativas e qualitativas dentro do princípio do movimento. Essas categorias modificam-se, complementam-se e transformam-se uma na outra e vice-versa, quando aplicadas a um mesmo fenômeno. De fato, as duas dimensões não se opõem, mas se inter-relacionam, como duas faces do real num movimento comutativo e transformador [...]. (GAMBOA, 1997, p.105)

De fato, na compreensão do autor as duas abordagens são entendidas uma como complementação da outra e, mesmo que a pesquisa de natureza quantitativa possua um enfoque mais característico do positivismo, pode ser utilizada dentro de uma pesquisa com concepção crítica como a que se baseia nos pressupostos do materialismo dialético. Isto depende da forma como os fenômenos serão compreendidos a partir da análise dos dados, ou seja, considerados numa perspectiva histórica, material e dialética.

A pesquisa quantitativa é apropriada para medir tanto opiniões, como atitudes e preferências como comportamentos. Assim,

A pesquisa quantitativa é aquela que se caracteriza pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta como no tratamento dos dados, e que tem como finalidade medir relações entre as variáveis. No estudo quantitativo, por sua vez, o pesquisador parte de um plano preestabelecido com hipóteses e variáveis claramente definidas. Procura medir e quantificar os resultados da investigação, elaborando-os em dados estatísticos. (ZANELLA 2013, p.35)

Ou seja, nessa abordagem interessam os dados que devem e podem ser quantificados. Busca-se trabalhar com amostras grandes, uma vez que os resultados obtidos vão representar a realidade referente à determinada população em estudo. Trata-se de uma pesquisa que o principal foco é a objetividade.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p.58)

Enquanto a abordagem quantitativa de pesquisa preocupa-se com a medição dos dados, a abordagem qualitativa não emprega a teoria estatística para medir ou enumerar os fatos estudados. Preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados.

Diante dessa compreensão, o percurso teórico metodológico da presente pesquisa configurou-se pela abordagem quantitativo-qualitativa, para a qual foi necessária não apenas a pesquisa de campo, que visou o contato com fontes e ambientes, mas também a coleta e análise de dados estatísticos, no intuito de obter informações que ampliassem a percepção sobre o olhar que o jovem estudante acreano tem em relação à escola. Os dados coletados sobre os jovens ao serem quantificados, demonstraram determinados comportamentos que, num primeiro momento, proporcionaram uma visão geral, global, dos elementos que necessitavam ser identificados. Entretanto, aspectos dentro deste universo quantificado necessitaram ser analisados de forma mais específica, relacionados com o contexto histórico, social, econômico, dentre outros, algo que apenas a pesquisa qualitativa pode resolver.

Ao utilizar a abordagem quantitativa, preocupamo-nos com a representatividade numérica, isto é, com a medição objetiva e a quantificação dos resultados. Esta tem o objetivo de generalizar os dados a respeito de uma população, estudando somente uma pequena parcela dela. Porém, ao se basear na pesquisa qualitativa, preocupou-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações e percepções as quais a presente pesquisa objetivou estudar.

2.2. MÉTODO DA PESQUISA

Os jovens devem ser compreendidos nas suas dimensões política, sociais, culturais, econômicas e biológica, por isso, a análise de suas percepções requerem referenciais teóricos que possam reconhecer as suas especificidades a partir do exercício da dialética e da compreensão de sua historicidade.

Diante disso, a presente pesquisa buscou ancorar-se nos pressupostos do método do materialismo histórico dialético, pois se predispõe a uma análise crítica do objeto e, neste aspecto, o método dialético de Marx é o que permite uma maior aproximação com o objeto de estudo. Conceitualmente, o materialismo histórico dialético, segundo Triviños,

é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no revolvimento da humanidade. O materialismo histórico significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais que até o nascimento do marxismo, se apoiava nas concepções idealísticas da sociedade humana. [...] ressalta a força das ideias, capaz de introduzir mudanças nas bases econômicas que as originou. (TRIVIÑOS, 1987, p. 51)

Dentro desta concepção do que é o método dialético de Marx, Triviños faz uma abordagem em que enfatiza dois aspectos do Marxismo enquanto corrente teórica: o materialismo dialético e o materialismo histórico. Do ponto de vista conceitual, o termo materialismo diz respeito à materialidade da existência humana, e entende que a compreensão da existência humana implica na apreensão de seus condicionantes históricos. A dialética tem como pressuposto o movimento da contradição produzida na própria história. Assim, o materialismo histórico dialético permite uma compreensão ampla do fenômeno estudado e, enquanto enfoque metodológico, busca entender o modo humano de produção social da existência vinculando-se, portanto, a uma concepção de realidade, de mundo e de vida. Neste sentido,

Marx distingue claramente o que é da ordem da realidade, do objeto, do que é da ordem do pensamento (o conhecimento operado pelo sujeito): começa-se 'pelo real e pelo concreto', que aparecem como *dados*; pela análise, um e outro elemento são abstraídos e, progressivamente, com o avanço da análise, chega-se a conceitos, a abstrações que remetem a determinações as mais simples (PAULO NETTO, 2011, p.42).

Portanto, parte do pressuposto de que tudo o que há no universo tem existência material, concreta e pode ser racionalmente conhecido. Assim, para entender as percepções dos jovens acerca da escola e do processo educativo, através do método do materialismo histórico dialético, é necessário compreender como este foi produzido concretamente, a quais processos históricos e sociais foram submetidos, e de que forma estes elementos produzem no sujeito uma transformação. Ou seja, faz-se necessária uma compreensão ampla do fenômeno estudado, uma vez que tal perspectiva metodológica considera a historicidade dos fatos e a inter-relação entre eles.

Complementado esses apontamentos, Frigotto faz uma importante observação a respeito da dialética, pois destaca que esta,

[...] para ser materialista e histórica, não pode constituir-se numa "doutrina" ou numa espécie de suma teológica. Não se pode constituir numa camisa-de-força fundada sob categorias gerais não-historicizadas. Para ser materialista e histórica tem de dar conta da totalidade, do específico, do singular e do particular. Isto implica dizer que as categorias totalidade, contradição, mediação, alienação não são apriorísticas, mas construídas historicamente. (FRIGOTTO,1997, p. 73)

Daí entende-se que, partindo desse princípio, o objeto deve ser compreendido a partir da totalidade presente nas relações dos fatos, mas também busca a conexão dos aspectos particulares. Não se deve analisar os dados de forma separada, mas, ao contrário, ao buscar compreender as percepções dos sujeitos sobre a escola, por exemplo, deve-se ter clareza de que esta compõe um ambiente complexo, multifacetado, e seus processos formativos estão associados a todo um contexto de ideologia econômica e política vigente, entretanto, ao mesmo tempo atende uma "clientela" que tem suas especificidades.

Enfim, a pesquisa que se desenvolve a partir dos pressupostos do materialismo histórico deve contemplar esta concretude entendida como a historicidade do ser, bem como os determinantes econômicos, históricos, políticos e culturais, de modo a considerar, essencialmente, a complexa realidade social presente nos vários momentos históricos.

Como afirma Frigotto (1997, p. 77) “romper com o modo de pensar dominante ou com a ideologia dominante é, pois, condição necessária para instaurar-se um método dialético de investigação”. Assim, compreender o contexto cultural, socioeconômico, político nos quais os jovens foram “gerados”, deve ser mola propulsora para que estes rompam com o conformismo.

2.3. AMOSTRA DA PESQUISA

Quanto à delimitação da população e amostra desta pesquisa, os participantes são oitenta (80) jovens na faixa etária de 15 a 19 anos de idade, matriculados nas três séries do Ensino Médio, nas escolas públicas de ensino regular² e semi-integral.

A escolha dos jovens participantes da pesquisa se deu a partir de levantamento feito junto ao MEC (Censo escolar 2017), que apontou que a faixa etária de 15 a 19 anos é mais presente entre os jovens que cursam o ensino médio (sem distorção idade-série³) regular, pois, não é objetivo desta pesquisa discutir a educação de jovens e adultos (EJA), nem o ensino profissionalizante. Buscou-se, através deste, compreender o olhar do jovem que está na idade-série sem distorção, haja vista que se tem como foco a relação deste com a escola, pois é um grupo pouco pesquisado no país.

De acordo com o censo escolar 2018, em Rio Branco foram matriculados 16.710 (dezesseis mil, setecentos e dez) alunos no Ensino Médio, estando a imensa maioria na rede pública de ensino. Dentre estes, selecionou-se 80 (oitenta) para a participação na pesquisa.

A tabela abaixo apresenta os dados sobre as matrículas nos estabelecimentos de Ensino Médio de Rio Branco, Acre, públicos e privados. A pesquisa de coleta destes dados foi realizada pelo Inep em 2018.

² Considera-se escola de ensino regular aquela que funciona somente um turno e oferece apenas o currículo básico, sem parceria com entidades que oferecem cursos profissionalizantes.

³ Considera-se distorção idade-série a defasagem entre a idade e a série que o aluno deveria estar cursando.

Tabela 1- Matrículas no Ensino Básico de Rio Branco

ENSINO BÁSICO	
MATRÍCULAS	
> Ensino infantil	16.777
> Ensino fundamental	60.414
> Ensino médio	16.710
1ª SÉRIE	
Municipal	0
Estadual	5.779
Federal	265
Privado	473
2ª SÉRIE	
Municipal	0
Estadual	4.819
Federal	132
Privado	457
3ª SÉRIE	
Municipal	0
Estadual	4.220
Federal	67
Privado	471

Fonte: Inep-2018

Como se pode perceber, através da leitura da tabela, a maior quantidade de jovens está matriculada na rede pública de ensino, demonstrando um certo equilíbrio

na distribuição por série. Ao se considerar este universo de alunos matriculados, pode parecer insignificante a amostra que se pesquisou neste trabalho. Entretanto, ela foi selecionada de modo a contemplar e representar este todo, pois como Bardin (1997, p. 97) afirma, a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste, e os resultados obtidos para esta serão generalizados ao todo.

As escolas que os sujeitos da pesquisa frequentam, estão situadas no município de Rio Branco⁴, capital do estado do Acre, na Região Norte do país e principal centro financeiro, corporativo e mercantil do estado. Surgiu a partir do seringal fundado em 28 de dezembro de 1882, pelo cearense Neutel Maia. O povoamento da região de Rio Branco se deu no fim do século XIX, com a chegada de nordestinos. O desenvolvimento do município ocorreu durante um grande período dado pelo Ciclo da Borracha.

Rio Branco está localizada na porção leste do Estado, e faz limite ao norte com os municípios de Bujari e Porto Acre, ao sul com os municípios de Xapuri, Brasiléia e Capixaba, a leste com o município de Senador Guiomard e a oeste com o município de Sena Madureira, conforme apresenta a figura a seguir.

Figura 1 – Localização de Rio Branco – Acre



Fonte: Google maps

⁴ Nome recebido em homenagem a José Maria da Silva Paranhos Júnior, que tornou-se amplamente conhecido pelo seu título nobiliárquico: Barão do Rio Branco, o qual teve um papel importante no tratado entre Brasil e Bolívia, que terminaram com os conflitos pelo Acre e o tornou parte do território brasileiro.

A cidade tem uma população de aproximadamente 401.155 habitantes, segundo estimativas da população para estados e municípios, com data de referência em 1º de julho de 2018, pelo IBGE. Sua área territorial é de 8.834,942 km², da qual, 44,9559 km² estão em perímetro urbano, o que classifica Rio Branco como sendo a 62ª maior do país.

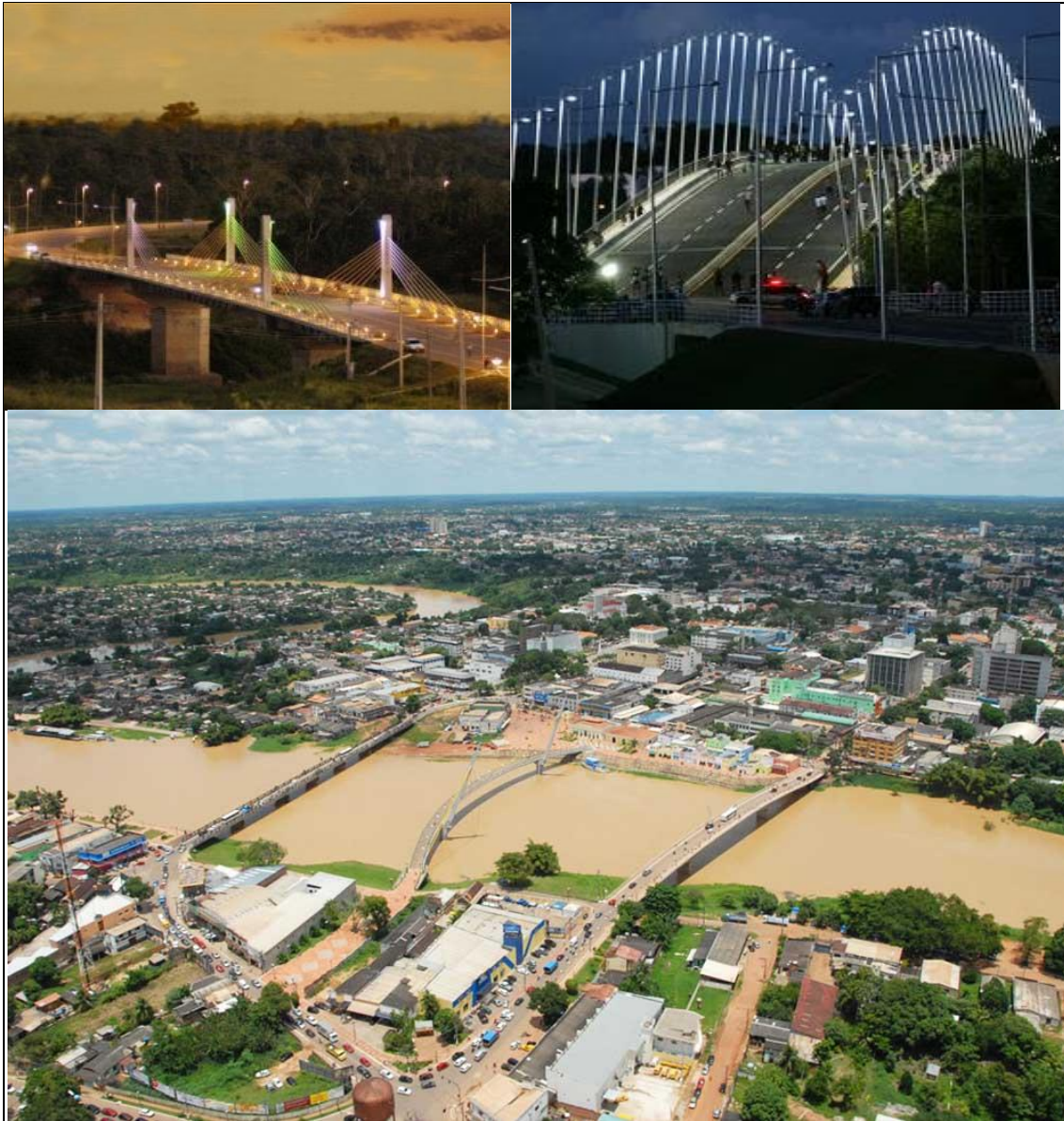
Figura 2 – Vista parcial de Rio Branco – Acre



Fonte: Ac24horas

Distante 3.030 quilômetros de Brasília, capital federal, Rio Branco encontra-se na porção sudoeste da Amazônia. Considerando a hierarquia das cidades, situa-se um centro regional, devido a sua influência sobre esta porção do território amazônico. Como muitas das antigas áreas de povoamento desse espaço, seu nascimento se deu no entorno de um rio e, em seu processo de crescimento, acabou abrangendo ambas as margens do Rio Acre, que divide a cidade em duas partes denominadas Primeiro e Segundo Distritos. Atualmente, o rio é atravessado por quatro pontes e uma passarela, conforme demonstra a figura a seguir.

Figura 3 – Vista parcial das pontes e passarela sobre o Rio Acre



Fonte: skyscrapercity/Ac24horas

Em se tratando dos aspectos físicos, o relevo desta capital é caracterizado por depressão amazônica, na maior parte do seu território. O clima predominante é o equatorial amazônico, o qual apresenta umidade relativa do ar bastante elevada, devido às precipitações pluviométricas que são intensas entre os meses de novembro a abril; já o período de seca tem início no mês de maio e se estende até outubro. As temperaturas médias anuais variam entre 24,5 °C e 32 °C. A Floresta Amazônica é a principal cobertura vegetal, já bastante degradada, principalmente no perímetro urbano. No que se refere à rede hidrográfica, o principal curso fluvial é o Rio Acre.

Como relação aos indicadores socioeconômicos, Rio Branco apresentou avanços em alguns aspectos, conforme indica a tabela 1.

Tabela 2 – Indicadores de distribuição de renda

Renda, Pobreza e Desigualdade - Município - Rio Branco – AC			
	1991	2000	2010
Renda per capita	437,12	527,43	744,67
% de extremamente pobres	13,01	10,59	4,85
% de pobres	32,78	27,27	14,38
Índice de Gini ⁵	0,60	0,61	0,59

Fonte: PNUD, Ipea e FJP

Observando a tabela vê-se que a renda per capita média de Rio Branco cresceu 70,36% nas últimas duas décadas, passando de R\$ 437,12, em 1991, para R\$ 527,43, em 2000, e para R\$ 744,67, em 2010. Isto equivale a uma taxa média anual de crescimento nesse período de 2,84%. A taxa média anual de crescimento foi de 2,11%, entre 1991 e 2000, e 3,51%, entre 2000 e 2010. A proporção de pessoas pobres, ou seja, com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 140,00 (a preços de agosto de 2010), passou de 32,78%, em 1991, para 27,27%, em 2000, e para 14,38%, em 2010. A evolução da desigualdade de renda nesses dois períodos pode ser descrita através do Índice de Gini, que passou de 0,60, em 1991, para 0,61, em 2000, e para 0,59, em 2010.

De modo geral, verifica-se uma melhora significativa desses indicadores, que pode estar relacionado com implantação de políticas públicas mais eficazes e de crescimento econômico do Estado, neste período.

⁵ O Índice de Gini é um instrumento usado para medir o grau de concentração de renda. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de 0 a 1, sendo que 0 representa a situação de total igualdade, e o valor 1 significa completa desigualdade de renda.

Conhecer os aspectos geográficos, físicos e socioeconômicos, ajuda a compreender em que contexto os jovens de Rio Branco estão inseridos, já que isso também faz parte do processo de construção do indivíduo.

No que se refere aos aspectos educacionais, Rio Branco possui atualmente 60 escolas (censo escolar 2018) de ensino médio, públicas e privadas, conforme observa-se na tabela 3.

Tabela 3 - Escolas em Rio Branco – 2018

ESCOLAS	
> Ensino infantil	89
> Ensino fundamental	198
> Ensino médio	60

Fonte: Fonte: Inep-2018

Dentre este universo de escolas de Rio Branco, foram selecionadas duas pertencentes à rede pública de ensino, localizadas na zona urbana do município e em diferentes distritos da cidade. São as seguintes:

Quadro 1 – Escolas participantes

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO	MODALIDADE	REGIONAL
1- PÚBLICA ESTADUAL	REGULAR	SEGUNDO DISTRITO
2- PÚBLICA FEDERAL	SEMI - INTEGRAL	PRIMEIRO DISTRITO

Fonte: SEE, 2018

A Escola pública estadual foi fundada em 22 de abril de 2005, funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite), na modalidade Ensino Médio Regular, no sistema Ensino Médio Inovador. Surgiu a partir da reivindicação da comunidade do segundo

distrito, com a finalidade de que ali fosse construída uma escola de Ensino Médio de grande porte. A escola tem cerca de 1700 alunos que se encontram distribuídos nos três turnos, sendo o da manhã o de maior procura para matrícula.

A Escola outra escola participante da pesquisa, pertence à rede pública federal e foi criada em 1982. Funciona em dois turnos (manhã e tarde) no regime semi-integral. Atende alunos do Ensino Fundamental ao Médio. Os alunos têm aula todos os dias pela manhã e em alguns dias a tarde. É uma escola que tem uma elevada procura por vagas, pois apresenta o melhor índice de qualidade de ensino, entre as escolas públicas da cidade.

Tratam-se de duas escolas centrais, dentro de seus respectivos distritos, porém a primeira (estadual) atende jovens oriundos de bairros periféricos do segundo distrito, enquanto a segunda (federal) atende uma clientela mais seleta, residentes em vários bairros da cidade.

A coleta de dados nestas escolas se deu, num primeiro momento, por estarem situadas no município de Rio Branco, o qual foi escolhido não apenas por questões logísticas, pois se trata de uma área que possibilitaria mais facilmente o acesso à pesquisa, mas também, por ser este carente de levantamento de dados sobre a temática a que este trabalho se propõe. Além disso, outro fator que levou à escolha, é por tratar-se de escolas públicas, que recebem maior contingente de jovens estudantes.

2.4. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para dar andamento aos procedimentos de coleta de dados em campo foram necessárias diversas idas às instituições de ensino, que atendem o público alvo da pesquisa. A opção de ir às escolas para a coleta de dados se deu porque segundo Severino:

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu próprio ambiente. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (SURVEYS), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos. (2007, p.123)

Como o objetivo da pesquisa é compreender como os jovens veem a escola, esse procedimento é adequado, pois os instrumentos de coleta de dados foram aplicados no ambiente a respeito do qual o olhar deles será analisado.

Na primeira visita, nas duas escolas, aconteceu uma conversa informal com a gestão, visando apresentar o foco da pesquisa e seus objetivos pretendidos, bem como conseguir a autorização para desenvolvê-la. Houve uma boa aceitação da pesquisa pela administração das escolas, porém, por tratar-se de pesquisa com menores, foi necessário dar prosseguimento com os termos de autorização, antes do início da coleta de informações. Este fato trouxe algum transtorno, pois os sujeitos da pesquisa levaram os termos, que foram entregues na escola, para os responsáveis tomarem ciência e assinar, entretanto, poucos devolveram. Isto limitou o número de jovens participantes, sobretudo na escola federal.

A pesquisa realizada in loco se deu de forma um pouco tardia em relação ao cronograma previsto, isso em função do atraso do ano letivo. A primeira escola visitada foi a pública federal, onde fomos recebidos pela coordenadora pedagógica que nos forneceu toda a informação necessária sobre a escola e à qual foi repassado o objetivo da pesquisa. Ela pediu a síntese do projeto de pesquisa, bem como toda a documentação necessária para que a pesquisa fosse realizada.

No segundo encontro foram entregues as documentações exigidas e aguardou-se o retorno da coordenadora, pois os documentos necessitariam ser assinados pelos responsáveis dos sujeitos participantes. Foram selecionados alunos das três séries do Ensino Médio para que a pesquisa abrangesse as faixas etárias dos jovens, as quais esta pesquisa se propõe a analisar. Depois do retorno da coordenadora, foi marcada a visita, e na data combinada os questionários foram entregues e uma funcionária aplicou-os aos alunos. Foi necessário retornar à instituição porque apenas onze (11) jovens haviam respondido aos questionários. Nesta terceira visita concluímos esta parte da pesquisa, aplicando-os para mais nove (9) jovens, chegando ao total de vinte (20) sujeitos participantes.

Na escola pública estadual, houve uma maior dificuldade na conclusão da pesquisa. Apesar da facilidade de acesso aos alunos da escola, ela sofreu um atraso significativo no início do ano letivo em função da mudança de governo estadual, que conseqüentemente, provocou a mudança de boa parte das equipes que compunham o quadro de funcionários da Secretaria de Educação do Estado (SEE). Nesse

processo de reorganização da SEE, as escolas estaduais não puderam iniciar suas atividades na data inicialmente prevista.

Foram necessárias diversas visitas à escola estadual, pois os primeiros alunos que responderam ao questionário foram os que compareceram à instituição para a solicitação de documentos. Contudo, como essa estratégia se tornou muito trabalhosa na coleta dos dados, resolvemos aguardar o início do ano letivo e fazer a aplicação dos questionários na sala de aula. Esse procedimento, entretanto, causou um certo atraso no cronograma preestabelecido. Houve grande colaboração por parte da equipe pedagógica e docente da escola. Assim, conseguimos concluir a pesquisa com uma quantidade suficiente de alunos, pois aplicamos o questionário para oitenta (80) sujeitos, porém, por problemas com a documentação e como o preenchimento dos dados, apenas sessenta (60) questionários puderam ser aproveitados.

O processo de coleta dos dados empíricos se deu, num primeiro momento, com a aplicação de um questionário (Anexo 1), com vinte e nove (29) perguntas objetivas e/ou dissertativas, aos jovens estudantes do Ensino Médio, para o qual necessitamos da permissão dos responsáveis legais dos mesmos, que se deu através da assinatura do Termo de Autorização dos responsáveis legais e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), nos anexos 3 e 4 deste trabalho. Além disso, também se observou os horários, os quais foram previamente definidos e acordados entre os participantes.

O instrumento de pesquisa, anteriormente mencionado, foi selecionado porque segundo Severino (2007, p. 125) o questionário trata-se de um *“conjunto de questões sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados”*. Para o autor, o objetivo desse instrumento de pesquisa é a conhecer a opinião dos sujeitos sobre os assuntos em estudo. E destaca, ainda, que

As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. (SEVERINO, 2007, p. 125)

Diante disso, verifica-se a importância de se ter clareza nos objetivos da pesquisa e nas questões de estudo, a fim de que esse instrumento de coleta de dados cumpra com a finalidade para a qual foi elaborado.

Pensando sobre isso, as formas como as perguntas foram elaboradas para o questionário (anexo 5) da presente pesquisa formaram quatro eixos que se estruturaram da seguinte forma:

- **Eixo 1 – Caracterização os sujeitos da pesquisa** – aqui são apresentadas informações de cunho tais como: dados gerais (sexo, idade, estado civil, com quem moram); Dados sobre as condições de renda (escolaridade do principal mantenedor da família, renda familiar, atividade laborativa); Dados escolares (série, escola, modalidade de ensino, período que estuda, tempo gasto com atividades escolares) esses aspectos auxiliam na compreensão de em qual contexto socioeconômico, familiar e escolar, os sujeitos da pesquisa estão inseridos.
- **Eixo 2 – Percepções que os jovens têm de si mesmos** – neste eixo aprofundou-se as questões da pesquisa sobre a forma como os jovens veem a si mesmos, como entendem a juventude e como avaliam as suas inter-relações sociais.
- **Eixo 3 – Percepções dos jovens sobre a escola** – no terceiro eixo, buscou-se analisar as percepções que os jovens têm em relação à instituição de ensino na qual estudam. Buscou-se questões tais como: do que mais gostam na escola; a área de conhecimento com a qual se identificam; o que a instituição lhes proporciona, do ponto de vista formativo; como veem a escola; o que consideram importante para garantir a qualidade da educação.
- **Eixo 4 – Perspectivas sobre a escola e a reforma do Ensino Médio** – neste eixo se buscou examinar as perspectivas que os jovens têm após a conclusão do Ensino Médio e, neste caso, se a escola cumpriu os objetivos de seu processo formativo. Tratará também dos projetos de vida dos jovens e como veem a atual reforma dessa etapa da Educação Básica.

O questionário foi composto de perguntas abertas e fechadas, porém as perguntas demandavam, em sua maioria, respostas objetivas com a finalidade de construir dados sobre as percepções dos jovens e suas concepções sobre a escola,

o Ensino Médio e sobre si mesmo. Entretanto, antes de ir a campo para a aplicação desse instrumento, foi realizada uma testagem prévia, a fim de se verificar a clareza e objetividade das questões, bem como o tempo necessário para o preenchimento das informações.

No intuito de compreender as percepções que estes jovens têm de si mesmos e da escola, entende-se que, para este fim, o uso do questionário é indispensável, pois, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.69),

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

Por ter essas características, o questionário nos possibilitou, de acordo com o que foi proposto nos objetivos do trabalho, traçar o perfil destes alunos, entender como eles percebem a escola, o processo educativo e as mudanças ocorridas no Ensino Médio através da reforma introduzida pela Lei nº 13.415/2017, identificar seus projetos de vida e perspectivas para o futuro após a conclusão da última etapa da Educação Básica. Porém, a investigação se deu em maior profundidade sobre a percepção destes jovens sobre a escola.

A amostragem se constituiu na aplicação de questionário para oitenta (80) jovens, sendo vinte (20) da escola semi-integral e sessenta (60) da escola de ensino regular que só foi possível, porque uma das vantagens do uso do questionário é a possibilidade de atingir um número maior de pessoas, simultaneamente, economizando tempo. Isso é essencial, visto que esta pesquisa visa abranger uma quantidade significativa de jovens estudantes.

Num segundo momento foram formados dois grupos focais com vinte e dois (22) sujeitos, alunos de diferentes séries (1ª, 2ª e 3ª) do Ensino Médio, com objetivo de aprofundar questões sobre os sentidos que os jovens atribuem à escola. A seleção se deu mediante a disponibilidade e colaboração do estudante que respondeu ao questionário, em participar espontaneamente, visando à colaboração com a pesquisa.

Na escola estadual foram formados dois grupos focais com seis (6) alunos cada. O primeiro grupo foi formado com os alunos do turno da manhã e o segundo com os do turno da tarde. Esse número menor do que o que havia sido proposto na fase inicial da pesquisa, que era um grupo com nove (9) alunos, se deu porque alguns

sujeitos faltaram ao primeiro encontro quando se iniciou o trabalho com o grupo da manhã. Como o debate fluiu muito bem com essa quantidade menor (porém abrangiam alunos das três séries do Ensino Médio), optou-se por permanecer com esse número mais reduzido também no segundo grupo. Foram realizados dois encontros no contra turno, para que todas as questões fossem discutidas. Entretanto, em suas falas, os sujeitos foram além dos tópicos propostos pela pesquisadora. Os jovens estavam ávidos por exporem suas opiniões, e acabavam a todo o momento, entrando em assuntos referentes a outras situações, que não às propostas. Contudo, isto não prejudicou o andamento das discussões, ao contrário, enriqueceu-as. Portanto, nesta escola, o total de participantes na discussão do grupo focal foram doze (12) sujeitos.

Na escola federal, como a disponibilidade dos alunos era menor, pois a modalidade de estudo é semi-integral, realizou-se apenas um encontro, porém, com um número maior. A princípio, a discussão no grupo focal seria apenas com nove (9) alunos, entretanto, no dia do estudo, mais um aluno se dispôs a participar e, o número de participantes aumentou para dez (10). Foi um momento de debate muito rico, pois os jovens colaboram muito expondo suas opiniões.

A utilização do grupo focal como instrumento de pesquisa traz muitos benefícios ao pesquisador, pois é propício ao esclarecimento de dados já coletados, como foi o caso da presente pesquisa.

Através da técnica do grupo focal foi possível coletar dados por meio das interações grupais ao se discutirem os tópicos sugeridos pelo pesquisador, possibilitando uma posição intermediária entre a observação participante e a entrevista de profundidade. Além disso, também possibilitou identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideais dos participantes a respeito da temática, gerando um resultado muito positivo.

Segundo GATTI, (2005, p. 8) no grupo focal, o moderador deverá fazer encaminhamentos quanto ao tema e fazer intervenções que facilitem as trocas, como também procurar manter os objetivos de trabalho do grupo. Neste aspecto, o trabalho foi muito produtivo, pois todos os pontos a que se propôs a discutir na pesquisa foram abordados. Foi interessante ver os posicionamentos dos jovens que, mesmo quando divergiam sob um ponto de vista, respeitaram os posicionamentos dos demais. Tudo isso foi possível porque, segundo GATTI,

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, [...] além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias compartilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros. (GATTI, 2005, p. 11)

Observando-se essas orientações, para a discussão do grupo focal procurou-se deixar o ambiente numa atmosfera agradável e informal, para que os participantes se sentissem à vontade em expor suas ideias, sentimentos, necessidades e opiniões. Iniciou-se a conversa a partir de perguntas curtas e diretas (semelhante a um roteiro, com tópicos que necessitavam ser aprofundados), mais gerais até chegar ao foco específico da pesquisa.

As questões trabalhadas no grupo focal seguiram uma estruturação semelhante à do questionário (divisão do grupo de perguntas em quatro eixos), já que nesta parte da pesquisa, visou-se a aprofundar as questões que não ficaram esclarecidas ou que necessitavam de uma discussão mais específica, e que o primeiro instrumento de investigação não pode abranger, a fim de se cumprir com os objetivos estabelecidos para este trabalho.

Os jovens colaboraram bastante, abordando todos os assuntos com muita desenvoltura e não se sentiram intimidados em expor suas opiniões, mesmo quando divergiam dos demais participantes. Na realidade o que surpreendeu nessa técnica do grupo focal foi a facilidade com que os jovens falaram sobre os tópicos abordados. Porém, em alguns momentos, sobretudo nos tópicos mais instigantes para eles, falavam além do necessário e o moderador⁶ necessitava intervir sutilmente no intuito de retornar aos objetivos do trabalho.

Um dos desafios ao se trabalhar com o grupo focal foi conduzir as discussões de modo a “frear” um pouco os sujeitos mais falantes (sem deixá-los ofendidos ou com receio de continuar falando) e incentivar os mais calados a participarem (sem deixá-los constrangidos ou na posição de serem obrigados a falar). Entretanto, esse desafio foi superado e as discussões ocorreram de forma muito tranquila, equilibrada e proveitosa, pois todos quiseram participar (uns mais outros menos), mostrar seus respectivos pontos de vista, interagir e se fazerem ouvir. Isso tornou evidente o quanto

⁶ Ou facilitador é a pessoa que conduz o grupo focal, respeitando o princípio da não diretividade, porém deve fazer encaminhamentos quanto ao tema e fazer intervenções que facilitem a troca, como também procurar manter os objetivos do trabalho em grupo.

anseiam por terem voz alta, e suas necessidades analisadas a partir do que pensam e sentem. Enfim, necessitam serem reconhecidos nas suas especificidades e nas suas diversidades. Além disso, as trocas aqui efetivadas contribuíram muito para os estudos do pesquisador em função de seus objetivos.

Após esse processo de coleta de dados, procedemos com a análise do material coletado para a elaboração da dissertação, fundamentando os argumentos com referenciais teóricos selecionados.

2.5. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

A metodologia adotada neste trabalho para a análise dos dados foi norteada pelos conceitos de Bardin (1977) que apresenta uma apreciação crítica de análises de conteúdo como uma forma de tratamento em pesquisas qualitativas e quantitativas, no intuito de propiciar também o desvendar crítico.

Bardin, apresenta os critérios de organização de uma análise da seguinte forma:

- Pré-análise - fase inicial em que o material é organizado, compondo o corpus da pesquisa. Escolhem-se os documentos, formulam-se hipóteses e elaboram-se indicadores que norteiem a interpretação final.
- Exploração do material - Esta fase consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.
- Tratamento dos resultados - compreende a fase em que os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos.

No momento inicial procedeu-se com pré-análise, seguindo os pressupostos de Bardin, com a organização do material. Escolheu-se os documentos a serem analisados (na primeira etapa da pesquisa o questionário, na segunda o grupo focal), formularam-se hipóteses a partir do que foi apresentado pelos sujeitos. Entretanto, para esse processo de pré-análise, observou-se as regras da *exaustividade* (tentou-se esgotar o assunto), *representatividade* (pois preocupou-se em utilizar amostras que representem o universo); a *homogeneidade* (buscou-se centrar-se no tema proposto

e na coleta de dados de indivíduos semelhantes); *pertinência* (pois os documentos foram adaptados aos objetivos da pesquisa); e *exclusividade* (um elemento não foi classificado em mais de uma categoria).

Na fase de exploração do material, fez-se o processo de codificação⁷ dos dados, que é o recorte que se dará na pesquisa. Para Bardin (1977), uma unidade de registro significa uma unidade a se codificar, podendo esta ser um tema, uma palavra ou uma frase. Ao considerar as infinitas possibilidades apresentadas nos discursos dos sujeitos desta pesquisa, compreendeu-se que a análise temática seria o mais viável para tratamento e inferência das informações. Ainda segundo o autor,

O tema é geralmente utilizado como unidade de registo para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não directivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupos, os psicodramas, as comunicações de massa, etc., podem ser, e são frequentemente, analisados tendo o tema por base. (BARDIN, 1977, p. 106)

Diante do objetivo traçado para esta pesquisa, que busca compreender a relação jovens e a escola, utilizar a análise temática para a interpretação dos dados favoreceu o conhecimento das percepções destes a respeito de diversos temas. Como orienta o autor, tanto no questionário como no grupo focal as questões foram estruturadas em eixos que apresentavam uma temática diferente.

Com as informações agrupadas conduziu-se para a fase do tratamento dos resultados, para a qual procedeu-se a interpretação e análise descritiva (num primeiro momento) das informações, a partir das quais foi possível identificar elementos de concordância ou discordância, que correspondessem às categorias definidas, tendo o suporte do referencial teórico. Esse movimento levou a um aprofundamento das análises, procedendo-se assim, com uma interpretação numa perspectiva crítica.

Frigotto (2006, p.81), destaca que a “distinção entre o fundamental e o secundário, o necessário e o fortuito é princípio epistemológico sem o qual não é possível construir conhecimento científico”. Esta recomendação, juntamente com as várias leituras criteriosas dos dados coletados, das análises e tendo como base os objetivos a que esta pesquisa se propõe, contribuiu para esclarecer e organizar as categorias.

⁷ *codificação* corresponde a uma transformação - efectuada segundo regras precisas- dos dados brutos do texto (BARDIN, 1977, p. 103)

Com relação aos procedimentos de conversão dos dados para a análise, procedeu-se num primeiro momento, após a aplicação do questionário, com a criação do banco de dados (a partir do material coletado) que se deu através do software *Microsoft Excel*. Este programa traz inúmeras funções que facilitam a organização de base de dados significativos e a conversão deles em gráficos.

As etapas do uso desse software ocorreram da seguinte forma:

– Inicialmente organizaram-se os dados obtidos sobre as variáveis do sujeito, seguindo a sequência das perguntas do questionário em tabelas. Para cada questão ou grupo de questões (a depender do caso) foram criadas tabelas diferentes com os valores coletados.

– Num segundo momento, todos os valores absolutos, obtidos com a representação numérica das respostas dos sujeitos, foram transformados em valores percentuais, pois considerou-se que essa forma de representação causa mais impacto visual.

– Após a organização dessas variáveis, deu-se início à conversão dos dados em gráficos, pois eles tornam a interpretação e/ou análise mais rápida e objetiva. A seleção dos modelos de gráficos para a representação visual dos dados se deu de acordo com o tipo de informação contida, padrões ou tendências, das respostas do questionário. Optou-se por utilizar apenas gráficos mais simples como o de coluna (quando se pretendia comparar quantidades ou mesmo demonstrar valores pontuais) e o setorial, mais conhecido como gráfico de pizza (quando se pretendia apresentar de forma mais evidente o conceito de proporcionalidade).

Após a organização dos dados, procedeu-se a análise dos resultados que ocorreu, num primeiro momento, de forma descritiva.

Na segunda etapa da pesquisa, foi utilizada a técnica do grupo focal, tendo como referência as indicações de Gatti (2012). Para a análise dos dados obtidos por meio das conversas com os sujeitos, foi necessário ouvir e transcrever as falas dos jovens participantes. A partir disso, a pesquisadora verificou as categorias direcionou a análise dos dados. Assim, as falas dos jovens, transcritas mediante autorização dos mesmos, foram reorganizadas no formato de corpus textual, que segundo Bardin (1977, p. 126) “o corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”., para o qual o pesquisador deve seguir escolhas, seleções e regras.

Para efetuar a análise com base no referencial teórico desta pesquisa, organizaram-se os textos tentando articular as falas dos sujeitos com a reflexão teórica, numa atitude de análise e interpretação. Assim, na tentativa de reduzir as disparidades entre o código oral e o escrito, recorreu – se ao que Gattaz denomina transcrição:

“A transcrição surge da necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura. Na transcrição literal há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistando ou pela qualidade da gravação; há muitas palavras e expressões utilizadas incorretamente, devido à própria dinâmica da fala, da conversa informal que é o que tentamos fazer das entrevistas. Há estrangeirismos, gírias, palavras chulas, ou seja: termos que são bastante distintos quando falados ou escritos”. (1996, p.136, grifos do autor.)

Essa técnica da transcrição foi necessária porque os sujeitos da pesquisa tratava-se de pessoas jovens e, em algumas falas, apresentavam linguagem inapropriada, tais com palavrões, gírias e expressões muito próprias desse grupo social e que poderiam gerar incompreensão por parte do leitor. Assim, a textualização final de algumas falas necessitou de ajustes. Entretanto, de modo geral, procurou-se manter a transcrição tal qual ocorreu no grupo focal.

Resolvida essa questão, procedeu-se com a interpretação dos dados numa perspectiva de análise crítica.

3. CAPÍTULO II - JUVENTUDES E ESCOLA

Neste capítulo abordar-se-ão os pontos de vista de vários teóricos acerca da juventude e a relação destes com escola, o contexto escolar diante da dinâmica da sociedade contemporânea, bem como o processo histórico e as reformas da educação secundária no Brasil.

3.1- JUVENTUDE OU JUVENTUDES?

Tratar de juventude não é uma tarefa simples. Requer reflexão profunda a depender do aspecto que se quer priorizar como ponto de partida. Muito ainda se tem que investigar a respeito dos jovens. No Brasil, vários estudos trazem questões relacionadas às políticas públicas para os jovens, outros tratam da relação jovem e mercado de trabalho, algumas teses e artigos propõem reflexões sobre como entendemos o jovem e o protagonismo juvenil, outros, ainda, discutem a relação entre juventude e escola. Entretanto, aqui trataremos, inicialmente de conceituar juventude. Assim, Silva destaca:

Conceituar juventude se torna complexo, primeiramente por ser um termo construído social e historicamente e por não existir uma única definição do seu significado. Sendo Assim, partimos da premissa de que precisamos falar de Juventudes no plural, e não de Juventude, no singular. (SILVA, 2015, p.33)

Assim, entende-se que é muito complexo tentar definir essa fase do homem com termos definitivos ou parâmetros preestabelecidos, pois, juventude é uma construção social e cultural e, portanto, compreende-se que esta não pode ser definida isoladamente, mas a partir de suas múltiplas relações e contextos sociais, é pensar sobre condições de gênero, raça, classe social, e contextualizá-la historicamente.

Em se tratando de Juventude, essa complexidade em conceituá-la parece se dá de forma mais acentuada, porque os elementos conceituais variam em cada caso presente, pois a juventude é o tempo de vida em que se começa a estabelecer uma identidade que irá acompanhá-lo, mais ou menos, pelo resto de sua vida. Considera-

se aqui não apenas as formas de se mover, se comportar ou agir, mas também todas as projeções, expectativas e sonhos que o indivíduo pode começar a moldá-las para sua vida futura. Considerando estes aspectos, Spósito explicita alguns elementos significativos da análise:

Certa polaridade se estabelece, assim, em torno desses estudos, pois a partir da metade dos anos 60 ocorre um debate no interior da Sociologia: trata-se de saber se a juventude “existe” como grupo social relativamente homogêneo, ou se ela é “apenas uma palavra” (Bourdieu, 1980). Para uns, especialmente para Morin (1986), a juventude existiria como um grupo de idade identificado aos modelos culturais das sociedades de massas; para outros, como Chamboredon (1985), a juventude como categoria estaria dissolvida em uma inerente diversidade recoberta pelas múltiplas classes sociais. (SPOSITO, 2002, p.8)

Percebem-se diferentes perspectivas teóricas sobre esse tema. Contudo, compreendemos, a partir dessas diferentes análises que, para conceituar juventude, deve-se partir de uma compreensão sócio historicamente constituída como categoria analítica e que também o jovem, como sujeito, se constitui no processo sócio-histórico. Resumidamente, pode-se considerar que “ser jovem é viver um ‘contato original’ com a herança social e cultural, constituído não apenas por uma mudança social, mas por fatores biológicos” (Sousa, 2006, p. 10). Sendo assim, a experiência dos jovens é o fator propulsor da dinâmica da sociedade.

Também existe a compreensão de que ser jovem diz respeito a uma questão de disposição, de energia, animação, vitalidade, alegria, liberdade, espírito desbravador, falta de responsabilidade ou alienação. Apresenta-se, assim, uma perspectiva de que ser jovem é apenas uma característica de humor, gostos ou apenas uma palavra, colocando a possibilidade de que se pode ser jovem várias vezes e em qualquer período da vida. Ignora-se, com isso, vários outros fatores que são específicos inerentes a este grupo social. E Spósito complementa:

É preciso reconhecer que, histórica e socialmente, a juventude tem sido considerada como fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”, mas o modo de apreensão de tais problemas também muda. [...] Os estudos de feitiço psicológico tendem a privilegiar os aspectos negativos da adolescência, sua instabilidade, irreverência, insegurança e revolta. A Sociologia ora investe nos atributos positivos dos segmentos juvenis, responsáveis pela mudança social, ora acentua a dimensão negativa dos “problemas sociais” e do desvio. (SPOSITO, 2002, p.9)

Como se pode perceber, não há possibilidade de abranger tudo o que representa a categoria juventude a partir de um conceito único. “Há diferentes juventudes e diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois, necessariamente, a diferentes teorias” (PAIS, 1993, p. 37). Assim, deve-se reconhecer a juventude para além de uma faixa etária e uma classificação, e compreender que existem diferentes contextos históricos, socioeconômicos e culturais nos quais os jovens estão inseridos, portanto diferentes formas de pensar e agir. Desta forma, poder-se-á refletir sobre o que vem sendo a juventude (e os jovens) na sociedade contemporânea.

Há também, segundo Quapper (2001) quatro versões utilizadas para se referir à Juventude.

- *A primeira versão*, mais clássica e tradicional, define-a como uma etapa da vida, distinta de outras do ciclo humano como a infância, maturidade e velhice. Esta versão é a que tem maior peso na sociedade e, portanto, em meio aos próprios jovens. QUAPPER (2001, p. 60) destaca o problema de se utilizar esta versão, pois ela “trata como igual os jovens que ocupam diversas posições na sociedade, não considerando a diversidade de situações presentes no cotidiano social”.

- *A segunda versão* se refere à juventude como um grupo social que pode ser classificado a partir de alguns parâmetros, em especial o etário. Toma-a como um período de transição para o mundo adulto e a análise é feita em função deste.

- *A terceira versão* se refere à juventude com relação a certo conjunto de atitudes diante da vida; fala-se em juventude para mencionar um estado mental de vitalidade e alegria, um espírito empreendedor e jovial, aquilo que é novo, atual e moderno. Muitos jovens (inclusive, alguns participantes da presente pesquisa), quando assumem responsabilidades, como trabalhar ou ser responsável pela casa, por exemplo, passam a não se considerar mais como jovens e sim como adultos, pois, segundo eles, esta atitude de ser responsável não é uma característica própria da juventude.

- *A quarta versão* baseia-se na ideia da Juventude como geração futura, como aquela que futuramente assumirá o papel dos adultos que a sociedade necessita para continuar sua reprodução. Quapper (2001, p. 62) observa, por exemplo, que “uma forma de desqualificar as contribuições dos jovens nos distintos espaços sociais é afirmar que se trata somente de sonhos e que os deixariam de lado quando amadurecerem como “todo adulto””.

Tantas formas de interpretar esse fenômeno geram diferentes teorias para a sua análise. Observa-se, a partir desses diferentes pontos de vista, que o termo juventude tem significados e concepções que torna necessária uma perspectiva crítica, e sua compreensão a partir da historicidade. Além disso, vale destacar a importância do termo “juventudes”, no plural, e não no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição.

Entretanto, de modo geral, os estudos sobre os jovens, do ponto de vista conceitual, tenderam a seguir as abordagens teóricas de Pais (1993), pois esse pesquisador nos apresenta duas correntes que tomam o fenômeno da juventude numa perspectiva sociológica: a corrente geracional e a corrente classista.

1- A corrente geracional, para a qual os autores destacam uma cultura juvenil integrada ou em conflito com valores e visões de mundo de outras gerações em uma dada sociedade, ou seja, a mudança ou a permanência de quadro social vigente está intrinsecamente ligada às relações que foram estabelecidas entre diferentes gerações. Esta corrente entende a juventude como uma fase da vida. Nessa vertente se discute a questão das continuidades e descontinuidades intergeracionais. As continuidades seriam aquelas gerações de jovens que reproduziriam e dariam continuidade à cultura adulta e de gerações anteriores. Guimarães (2009, p 54) destaca que “para a corrente geracional [...] é importante destacar que as descontinuidades intergeracionais são a base da formação da juventude entendida como uma geração social”. Também com relação às Descontinuidades, Pais (1993) diz que existe uma cultura juvenil que, de certa forma, se colocaria contra as culturas produzidas por outras gerações (como a de 60, de seus pais).

Enfim, para a corrente geracional, os jovens vivenciam suas relações e experiências situados exclusivamente como membros pertencentes a uma geração e, também vê a juventude como grupos de pessoas numa fase específica da vida e, neste caso, os critérios etários têm uma participação determinante. Por isso, Pais (1993) alerta que, neste aspecto, essa corrente tende a caracterizar a juventude como uma entidade homogênea. Isso coloca a categoria etária como importante variável, tanto quanto os aspectos econômicos e sociais. Ainda, Segundo Pais (1993, p. 40),

“[...] as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por essa facto, circunstâncias semelhantes e que tem de enfrentar-se com problemas similares.”

Diante disso, para a corrente geracional, existem relacionamentos em que os jovens primam pelas relações contínuas, por isso não apresentam conflitos com o mundo adulto, por outro lado, existem os relacionamentos problemáticos, nos quais os jovens, diante das diferenças culturais, buscam romper com os demais sujeitos.

2 – A corrente classista, que aborda a questão juvenil da subordinação às relações de classe, como um conjunto social com diferentes características, culturas e grupos socioeconômicos, e às distintas relações de poder;

Na perspectiva da corrente classista, as reproduções sociais são vistas exclusivamente em termos de relação das desigualdades sociais, quer em nível da divisão sexual do trabalho, quer em nível da condição social. Pais (1993) nos diz que a transição da juventude para a fase adulta estará sempre relacionada com as desigualdades sociais, como: distinção de diferentes trabalhos para homens e mulheres e também nas condições sociais de cada jovem. Assim, essa corrente aceita que os jovens possuem diferentes culturas e os mais variados grupos sociais, de acordo, claro, com sua classe social. E ainda, as distinções simbólicas entre os jovens (diferenças de vestuário, hábitos linguísticos, práticas de consumo, etc.) são sempre vistas como diferenças interclassistas e, raramente, como diferenças intraclassistas. Essa vertente possui um apelo político, como no caso de jovens operários de classes baixas que acabam produzindo resistência contra situações de dominação e opressão, criando espaços sociais próprios. Pais (1993, p. 48) completa:

Para a corrente classista, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto é, são sempre entendidas como produtos de relações antagônicas de classe. Daí que as culturas juvenis sejam por esta corrente apresentadas como ‘culturas de resistência’, isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe.

Entende-se, então, que culturas juvenis são apresentadas como culturas de resistência e seriam sempre apontadas como “soluções de classe” e teriam sempre um significado político.

Conclui-se que (Guimarães, 2009, p 56), enquanto para a corrente geracional a reprodução das relações sociais está ligada essencialmente à inter-relação entre as

diversas gerações, a corrente classista vê essa mesma relação como uma reprodução diretamente ligada às desigualdades reproduzidas pelo sistema de classes sociais.

Leão (2010) também identificou elementos importantes no exame histórico da juventude como categoria de análise:

trata-se de um falso dilema, uma vez que é a expressão da emergência de uma cultura de massa no seio de uma sociedade marcada pelas clivagens de classe, estando a juventude “no coração desta tensão entre a formação moderna de um mundo juvenil relativamente autônomo e a idade da distribuição dos indivíduos na estrutura social”. A juventude, tal como a compreendemos hoje, pode ser vista como uma produção da modernidade. (LEÃO, 2010, P.2)

Tal afirmação se justifica, pois somente a partir do século XIX o tema juventude passa a se tornar uma preocupação. A partir daí, segundo Leão (2010, p. 2) “passa a ser uma idade favorita, na qual se deseja chegar cedo e permanecer, empurrando a infância e a velhice para as faixas etárias mais limitadas.” Assim,

Embora reconhecendo a presença entre os antigos de uma idéia de infância e juventude, a emergência da juventude como uma categoria analítica não pode assim ser dissociada do processo de *institucionalização do curso da vida* que caracterizou a modernidade, o que implicou uma *cronologização* da vida com a definição de etapas distintas – infância, adolescência, idade adulta, velhice – a partir de transformações em pelo menos dois aspectos: a constituição de relações econômicas baseadas na força de trabalho livre e a consolidação do Estado Moderno, que passa a regular a vida dos cidadãos, atribuindo-lhes direitos e obrigações a partir de sua idade legal. (LEÃO, 2010, P.3)

Entretanto, como já foi falado, tratar do tema juventude, do ponto de vista conceitual, requer análise de vários elementos. Os autores que abordam a temática da juventude têm apontado a dificuldade de sua definição consensual, pois há diferentes contextos históricos, políticos e sociais, além da tendência a ser delimitada a partir dos paradigmas científicos de cada área de estudos. A este respeito Dayrell afirma que

Juventude é uma fase que antecede a maturidade, o “ser adulto” [...] Uma primeira tendência é defini-la em termos da idade. [...] Mas, a sociologia da juventude vai nos mostrar a complexidade que é definir essa categoria, exatamente porque ela é, ao mesmo tempo, condição social e um tipo de representação [...] Podemos afirmar que a juventude é uma construção social que pode ser vivenciada de maneira diferente, dependendo de condição social, gênero, raça ou religião do jovem, dentre outras variáveis sociais. [...] Sendo assim, é necessário enfatizar que existem *juventudes*, no plural, visto que a experiência juvenil é marcada pelo pertencimento sociocultural dos sujeitos. (DAYRELL, 2018, P.103)

Assim, não se pensa em juventude, mas em juventudes. E, para, além disso, requer refletir sobre a condição juvenil, que pode ser distinta a depender das diferenças socioeconômicas, culturais, de gênero e de raça. Como menciona Dayrell (2007, p.1018), “na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens enquanto sujeitos que se experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem”.

Se considerarmos a condição juvenil do ponto de vista cultural veremos que:

A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores e uma cultura “agorista” – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão. (BAUMAN, 2013, P.22)

Essa busca incessante por novidade e agilidade é própria dos jovens destes tempos. Os avanços tecnológicos permitem que a comunicação, a informação e o acesso a produtos se deem de forma quase que imediata, gerando em nossa juventude a inquietude e necessidade constante por novidades. Se contrapusermos essa condição às práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, observaremos que há quase um abismo separando o que é oferecido (escola) ao que é esperado (aluno jovem). Entretanto, esse choque cultural não se verifica apenas na relação escola- jovens, mas também entre os jovens e seus pais.

Os jovens da geração que agora está entrando ou se preparando para entrar no chamado “mercado de trabalho” foram preparados e adestrados para acreditar que sua tarefa na vida é ultrapassar e deixar para trás as histórias de sucesso de seus pais; e que essa tarefa (excluindo-se um golpe cruel do destino ou sua própria inadequação, eminentemente curável) está totalmente dentro de suas possibilidades. Não importa aonde os pais conseguiram chegar, eles chegarão mais longe. Pelo menos é assim que foram ensinados e doutrinados. (BAUMAN, 2013, P.28)

Contudo, verifica-se um despreparo desse jovem quando o mesmo se depara com as realidades que divergem daquelas planejadas em seus projetos de vida. Muitos não conseguem concluir o Ensino Médio e acabam seguindo o mesmo caminho de seus pais. Outros conseguem concluir a Educação Básica, mas entram no mercado de trabalho para exercerem funções que exigem menor qualificação e, portanto, com baixos salários. Há, ainda, aqueles que conseguem ingressar no Ensino Superior, entretanto, devido ao trabalho e baixa renda, não conseguem concluí-lo. Na realidade como, Bauman afirma

Nada os preparou para a chegada do novo mundo inflexível, inóspito e pouco atraente, o mundo da degradação dos valores, da desvalorização dos méritos obtidos, das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego; da transitoriedade das expectativas e da durabilidade das derrotas; um novo mundo de projetos natimortos e esperanças frustradas, e de oportunidades mais notáveis por sua ausência. (BAUMAN, 2013, P.28)

É comum nos depararmos com a seguinte frase: “se queres uma vaga no ensino superior, tens que estudar”. Contudo, seu “sucesso” ou “fracasso”, nesse percurso, depende de inúmeras variáveis. Nesse sentido Bourdieu salienta

Um jovem de camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que o filho de um operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem de classe média. (BORDIEU, 2007, P.41)

A verdade é que, mesmo com as diferenças ocasionadas pelo salto geracional, existe uma herança cultural que é repassada de geração em geração e que norteia fortemente os projetos de vida dos jovens sendo responsável, segundo Bourdieu (2007), “pela diferença inicial das crianças, diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.” Ou seja, o nível de escolaridade dos pais (que se converte em herança cultural), exerce muito mais influência no sucesso escolar, do que a renda. Contudo, é evidente que vários aspectos devem ser levados em conta ao analisarmos estes elementos.

Uma análise multivariada, levando em conta não somente o nível cultural do pai e da mãe, o dos avós paternos e maternos e a residência no momento dos estudos superiores e durante a adolescência, mas também um conjunto de características do passado escolar, [...] permite explicar quase inteiramente os diferentes graus de êxitos obtidos pelos diferentes subgrupos definidos pela combinação desses critérios, e isso sem apelar, absolutamente, para as desigualdades inatas. Conseqüentemente, um modelo que leve em conta essas diferentes variáveis – e também as características demográficas do grupo familiar, como o tamanho da família – permitiria fazer um cálculo muito preciso das esperanças de vida escolar. (BORDIEU, 2007, P.43)

Partindo dessa premissa, é notória a influência da herança cultural na delimitação dos projetos de vida dos jovens, sobretudo, no que se refere ao sucesso escolar.

A sociedade também cria obstáculos aos jovens, pois, segundo Charlot, (2014 p. 56) ela “valoriza a juventude, que os adultos procuram prolongar a todo custo, e não gosta dos jovens, a quem ela fecha as portas do mercado de trabalho e culpa por todos os males do mundo”. Ou seja, sociedade impõe limites aos jovens na medida em que valoriza os “aspectos negativos” da natureza juvenil como a falta de compromisso, a agressividade, a volatilidade, inconstância, dentre outros.

É nesse contexto que, após a conclusão da Educação Básica o jovem se depara com a dura realidade de que não há “oportunidades” para todos. Veem seus projetos de vida frustrados diante dos obstáculos, como poucas ofertas de empregos para pessoas inexperientes, baixos salários, vagas insuficientes nas universidades públicas, além de outros. Diante disso, que papel a escola pode desempenhar na vida desse jovem? Contudo, para responder a esse questionamento se faz necessário entender quem é esse jovem.

3.1. 1. Caracterização dos jovens brasileiros– alguns apontamentos

Os jovens compõem um grupo social, portanto, de forma simplória, numa perspectiva comumente difundida, pode ser caracterizada por um grupo de indivíduos, levando-se em consideração a questão etária, que passa por um momento específico da vida, caracterizando-se como um momento de transição em direção à fase adulta. Partindo-se desse pressuposto, a juventude seria (LEÃO 2010) a fase da vida compreendida entre a infância e a vida adulta. Conjunto de pessoas com idade entre 15 e 29 anos, mocidade, estado de espírito ativo e dinâmico (jovial). Entretanto, sabe-se, como já foi discutido neste texto anteriormente, que, do ponto de vista conceitual, a juventude é muito mais do que apenas uma fase da vida. Silva (2016, p.35 e 36) destaca que a juventude é entendida como uma categoria social que pode estar relacionada a uma condição geracional, ou enquanto juventudes, no plural, que compreende a diversidade de condições em que os jovens se apresentam e produzem identidades múltiplas.

Assim como os demais grupos sociais, os jovens sofrem influências e influenciam os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais nos quais se inserem. Compõem um grupo social bastante dinâmico no qual,

[...] podemos constatar a presença de uma lógica baseada na reversibilidade, expressa no constante “vaivém” presente em todas as dimensões da vida desses jovens. Vão e voltam em diferentes formas de lazer, com diferentes turmas de amigos, o mesmo acontecendo aos estilos musicais. Aderem a um grupo cultural hoje e amanhã poderá ser outro, sem maiores rupturas. Na área afetiva, predomina a idéia do “ficar”, quando tendem a não criar compromissos com as relações amorosas além de um dia ou de uma semana. Também no trabalho podemos observar esse movimento com uma mudança constante dos empregos, o que é reforçado pela própria precarização do mercado de trabalho, que pouco oferece além de bicos ou empregos temporários. (DAYRELL, 2007, P.1113)

Percebe-se então, que os jovens, em seu dinamismo, estão em constante busca de elementos que possam auxiliá-los a determinar sua identidade. Na constante mudança em vários aspectos de sua vida, tentam encontrar algo em que se ajustem e se identifiquem, através da experimentação. Nessa inconstância muitas vezes fazem escolhas ou enveredam por caminhos que lhes trarão muitos problemas, tais como uso de drogas e álcool, gravidez precoce, depressão, dentre outros. Essa lógica de inconstância presente na vida deles leva Pais (2003) in Dayrell (2007), a caracterizá-los como a geração “ioiô”, pois entende que:

Essa reversibilidade é informada por uma postura baseada na experimentação, numa busca de superar a monotonia do cotidiano por meio da procura de aventuras e excitações. Nesse processo, testam suas potencialidades, improvisam, se defrontam com seus próprios limites e, muitas vezes, se enveredam por caminhos de ruptura, de desvio, sendo uma forma possível de autoconhecimento. Para muitos desses jovens, a vida constitui-se no movimento, em um trânsito constante entre os espaços e tempos institucionais, da obrigação, da norma e da prescrição, e aqueles intersticiais, nos quais predominam a sociabilidade, os ritos e símbolos próprios, o prazer. É nesse movimento que se fazem, construindo modos próprios de ser jovem. (DAYRELL, 2007, P.1113)

Como se pode perceber o jovem tem necessidade constante de não se deixar dominar pela monotonia. Têm sua própria forma de ver o mundo e as situações que se desencadeiam no seu processo de crescimento. Seu dinamismo e suas potencialidades, suas opiniões não devem ser desconsideradas. Daí a necessidade de se atentar para as especificidades, as vivências e os diversos modos de ser jovem no Brasil que geram experiências plurais a esses sujeitos.

Apesar da criação da emenda constitucional nº 65, denominada de PEC da Juventude⁸ e do Plano Nacional da Juventude, não se pode deixar de lado o fato de que os jovens ainda enfrentam inúmeras dificuldades como a conquista do primeiro emprego, além do envolvimento com drogas ilícitas e álcool e a gravidez precoce, comuns à juventude de diversos países, mais evidentes ainda nos considerados em desenvolvimento. Também, é a faixa etária mais atingida pela violência. No Brasil, por

⁸No dia 13 de julho de 2010, o Congresso promulgou a então chamada PEC da Juventude, hoje transformada em Emenda Constitucional nº 65. Essa lei alterou a Constituição Federal, incluindo o jovem entre os grupos cujos direitos fundamentais são reconhecidos e destacados por artigos da Carta. Direitos como a saúde, a alimentação e a profissionalização do jovem passam, com isso, a ser reconhecidos como prioridades pelo Estado.

exemplo, o Atlas da Violência 2017, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), analisa os números e as taxas de homicídio no país entre 2005 e 2015 e detalha os dados por regiões, Unidades da Federação e municípios com mais de 100 mil habitantes, mostra que jovens e negros são as principais vítimas de violência no país. Assim, para tentar amenizar essa situação, vários programas e projetos foram implementados em diversos lugares de nosso país.

No Brasil, nos últimos dez anos, tem sido implementada certa concepção de políticas para jovens pobres, que desenha um modelo ou, quem sabe, um paradigma emergente sobre ações educativas para jovens pobres; não se trata, neste momento, de avaliar se esse modelo é bem sucedido ou não. As experiências locais são diversificadas, algumas bastante desastrosas outras positivas, mas, de qualquer modo, sempre sinalizam questões importantes. (SPOSITO, 2008 p. 88)

Mesmo havendo diferenças na delimitação de faixa etária, a parcela da população jovem brasileira é grande, diversa e ainda muito desigual. Isso deixa evidente que é preciso compreender a realidade da condição juvenil no nosso país, como bem salientou SPOSITO, e se faz necessária a implementação de políticas públicas que atendam às necessidades da juventude de forma eficaz.

Os jovens ocupam hoje uma parcela significativa da população do País, e se distribuem espacialmente na zona urbana (84,8 %) e na zona rural (15,2%), fruto do processo de urbanização pelo qual o país vem passando nas últimas décadas, o qual foi mais intenso nas décadas de 70 e 80, mas perdura até os dias atuais. Porém, o quadro a seguir apresenta a evolução do crescimento dessa população jovem no Brasil apenas entre os anos de 2001 e 2011, quando já temos uma drástica redução do êxodo rural.

Tabela 4 – População juvenil do Brasil

População total e juvenil do Brasil nos anos entre 2001 e 2009 (em mil pessoas) e participação da população juvenil na população total (em %)			
Ano	População total	População juvenil	Participação da população juvenil em relação à população total
2001	169.369	33.304	19,6%
2002	171.667	33.464	19,5%
2003	175.988	34.249	19,5%
2004	182.060	34.814	19,1%
2005	184.601	35.092	19,0%
2006	187.228	34.710	18,5%
2007	188.029	33.822	18,0%
2008	189.953	33.532	17,6%
2009	191.796	33.434	17,4%

Fonte: PNAD (IBGE) 2001 – 2011.

Os dados da tabela apresentam um pequeno decréscimo do percentual de jovens na composição da população entre os anos de 2001 a 2011. Tal fato deve-se ao processo de envelhecimento da população brasileira, em consequência da redução da taxa de natalidade.

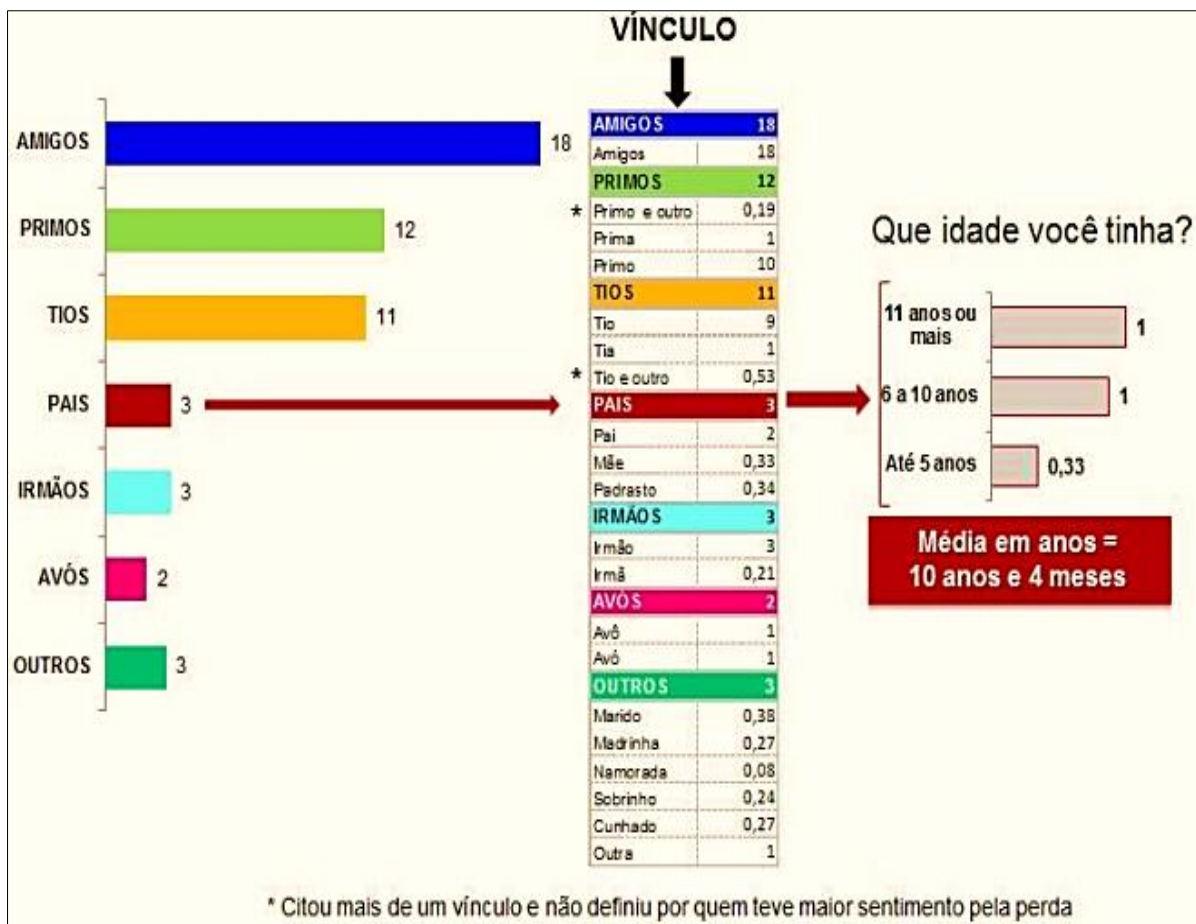
Segundo os dados do Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 36% dos jovens estudam, 53,5% trabalham, e 22,8% trabalham e estudam simultaneamente. Tentando aprofundar os conhecimentos neste aspecto, o Ministério do Trabalho e Emprego em 2009 realizou um estudo que aponta que a juventude brasileira trabalhadora tem que conciliar trabalho e estudo. Porém, o ingresso ao mercado de trabalho dá-se de forma desigual do ponto de vista social, pois os jovens de renda mais elevada estão sujeitos a menores índices de desemprego, enquanto os trabalhos informais são ocupados, sobretudo por jovens de baixa renda e baixa escolaridade, mulheres e principalmente por jovens negros de ambos os sexos.

Segundo o Censo 2010, somente 16,2% dos jovens de todo o país chegaram ao ensino superior, 46,3% apenas concluíram o ensino médio e 35,9% têm sua escolaridade limitada ao ensino fundamental. Mesmo que estes dados não apresentem o ideal, comparados às de seus pais, representam um ganho de escolaridade nessa nova geração. O relatório feito pela SNJ constatou que apenas 5% dos pais e 6% das mães tiveram acesso ao ensino superior (contra os 16,2% dos

jovens de hoje), 22% dos pais e 23% das mães concluíram o ensino médio, quase metade dos 46,3% dos jovens de hoje que têm o 2º grau.

A pesquisa da Secretaria Nacional da Juventude destaca que o problema da violência e da segurança do país (43%) é o que mais preocupa a juventude brasileira hoje. Isto é compreensível, pois os meios de comunicação a todo o momento noticiam fatos violentos envolvendo jovens. Isto cria uma sensação de insegurança, que se aprofunda a partir de experiências próprias vivenciadas por eles, já que, segundo a pesquisa, 51% deles já perdeu alguém próximo em razão da violência. As vítimas, na maioria dos casos, são amigos, tios ou irmãos desses jovens, ou seja, companheiros de geração, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Vítimas de violência em 2010 que possuíam vínculos com jovens



Fonte: PNAD (IBGE) 2001 – 2011.

A violência não é algo vivenciado pelos jovens apenas em seu meio social, mas também na escola. Muitos jovens estudantes expressam suas agressividades tendo como alvo não apenas os seus colegas, mas os professores também. Sobre a “violência escolar” Charlot aponta

A “violência escolar” é um dos maiores problemas que os professores devem enfrentar hoje em dia. De fato, essa expressão genérica remete a fenômenos bastante diferentes: agressões físicas, ameaças graves, pequenas brigas, assédio, palavras racistas, indisciplina escolar, indiferença ostentatória para com o ensino e a vida escolar oficial, incivilidade, etc. Mas não se pode negar que a transgressão das normas esteja acometendo a escola contemporânea, bem como a família e, de modo mais amplo, a sociedade. (2014, p.56)

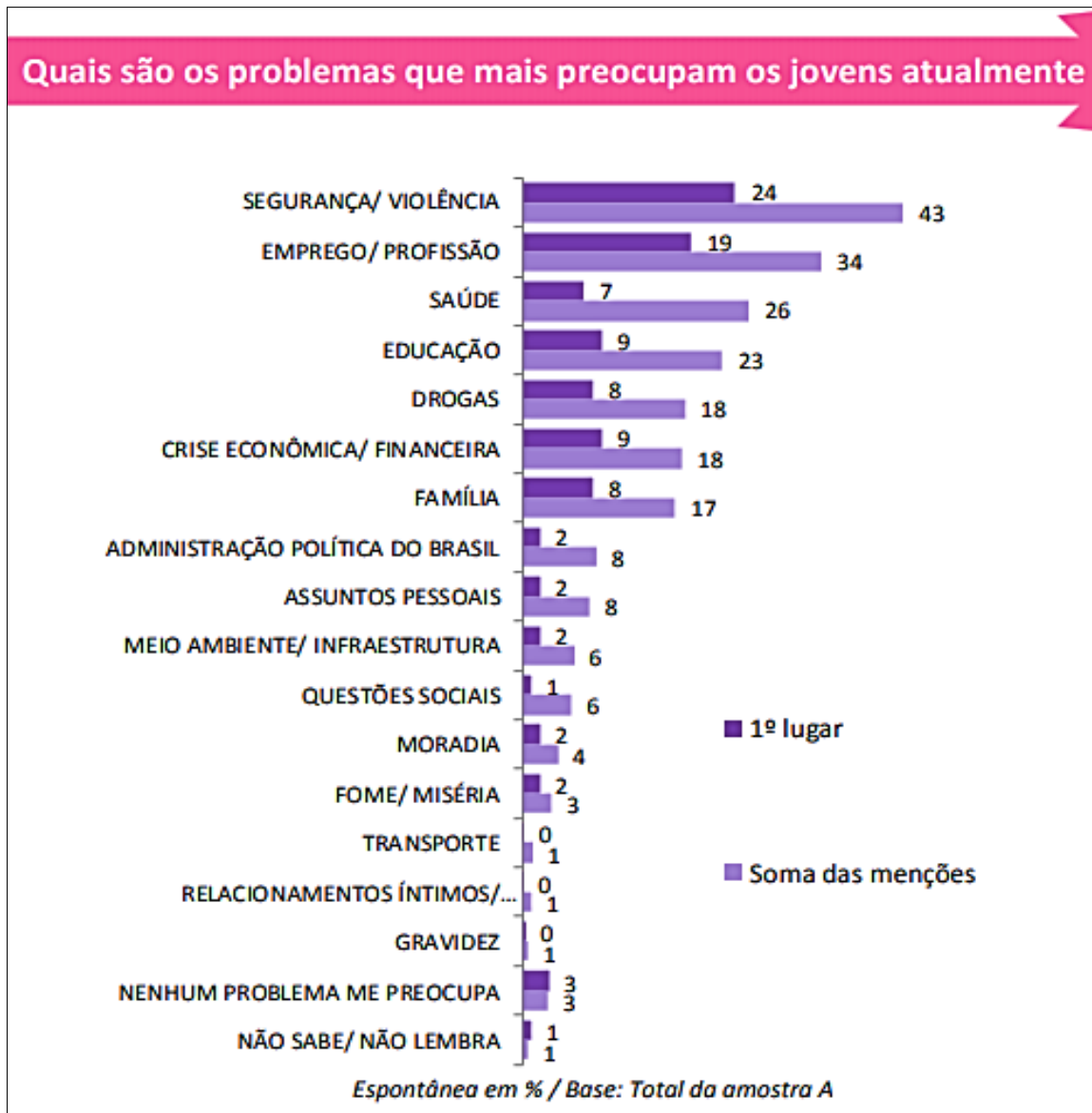
Como o autor bem explicita, a violência é um problema que afeta a sociedade como um todo, por isso, políticas públicas eficazes devem ser aplicadas de modo que nossos jovens possam passar por essa etapa da vida e escolar, sem que a segurança pública seja uma de suas principais preocupações, mas que seu foco esteja na busca da realização de seus projetos de vida.

O segundo assunto que mais preocupa os jovens é emprego ou profissão (34%). A Organização Internacional do Trabalho (OIT) aponta que, ao final de 2017, praticamente 30% dos jovens brasileiros estariam sem trabalho. Em um país onde uma parcela significativa da população sobrevive com a ajuda do governo, através de programas como o Bolsa Família, dentre outros, esse dado é preocupante, por isso, não é de se estranhar que esteja entre os assuntos que mais preocupam os jovens.

Em seguida, estão as questões de saúde (26%) e educação (23%). A Secretaria chama a atenção para o fato de que a educação não esteja no topo da lista, contudo, acredita que ela se mantenha como assunto de importância e interesse dos jovens, mas não mais como de grande preocupação, uma vez que essa geração vive a experiência de ter tido um ganho nesse campo em relação às gerações passadas. Porém, deve-se atentar para o fato de que o ganho educacional se deu mais no campo quantitativo (expansão das vagas) do que no qualitativo (processos de ensino-aprendizagem ainda ineficazes). Muito ainda se tem que avançar no que se refere à qualidade da educação básica, em sua etapa final.

O gráfico abaixo evidencia os dados sobre os aspectos que preocupam os jovens.

Gráfico 2 – Os problemas que mais preocupam o jovem



Fonte: PNAD (IBGE) 2001 – 2011.

Analisando esses dados é possível perceber que os jovens não conseguem compreender que, dentre outras questões e situações, existe uma relação entre violência, trabalho e educação. Um elevado grau de escolaridade pode ampliar o leque de oportunidades de emprego com salários mais vantajosos. Além disso, o jovem que estuda tem maior possibilidade de acesso ao esporte, à cultura e a cursos de aperfeiçoamento, tirando-lhe da ociosidade que, muitas vezes, pode levá-lo ao envolvimento com grupo em situação de vulnerabilidade à violência e ao uso de substâncias tóxicas.

Já com relação à escolarização, o que se tem observado é que muitos jovens brasileiros têm perdido o interesse pela escola, e o que prova isso são as estatísticas do Ministério da Educação (MEC). Segundo a pasta, a quantidade de matrículas no ensino médio caiu de 8,7 milhões para 8,3 milhões na última década (2002-2012).

[...] É muito comum, nas escolas, a visão da juventude tomada como um “vir a ser” projetada para o futuro, ou o jovem identificado com um hedonismo individualista ou mesmo com o consumismo. Quando se trata de jovens pobres, ainda mais se forem negros, há uma vinculação à idéia do risco e da violência, tornando-os uma “classe perigosa”. Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta. (DAYRELL, 2007, p. 7)

O fato de a escola não reconhecer o jovem no aluno pode ser um dos fatores que a distancia das expectativas que este jovem tem da mesma, desencadeando uma frustração que o leva a distanciar-se dela. Muitos abandonam-na antes mesmo de concluir a última etapa da Educação Básica. Por isso, o ensino médio é a etapa da vida estudantil com o maior índice de evasão, segundo os dados do MEC.

Enfim, há um paradoxo já no início da expansão recente do acesso à escola sob o ponto de vista dos jovens: de um lado o forte reconhecimento de que a escolaridade é fundamental e, ao mesmo tempo, a ausência de sentido imediato para essa escola. Ocorre uma espécie de dialética entre o sentido possível do projeto escolar que se volta para o futuro e a ausência de sentido do tempo escolar presente (SPOSITO, 2005).

Contudo, como Sposito aponta, houve avanços na expansão do acesso ao Ensino Médio, devido a muitos fatores, os quais buscaremos refletir neste trabalho, muitos jovens não conseguem avançar nos estudos e concluir esta etapa da educação básica.

Dados do MEC, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em 2017, apontam que a maior taxa de evasão revelada pelo Censo Escolar entre 2014 e 2015 foi de 12,7% dos alunos matriculados na primeira série do ensino médio, seguida por 12,1% dos matriculados na segunda série. A terceira série do ensino médio teve 6,7% de evasão, que chegou a 11% do total de alunos nessa etapa de ensino.

Esses indicadores representam um importante avanço no monitoramento da educação e espera-se que, a partir deles, haja um maior engajamento dos órgãos

competentes na condução das políticas públicas que permitam um acompanhamento eficaz do estudante ao longo de sua trajetória escolar, a fim de que estes indicadores diminuam continuamente.

O Ensino Médio no Brasil, nestes últimos anos, tem passado por importantes discussões sobre sua função e seus objetivos. Essas discussões servem de base para a reformulação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e para uma proposta de mudança nas matrizes curriculares da etapa final da Educação Básica, o Ensino Médio.

No Acre a realidade escolar do jovem não se distancia do restante do país. Em 2017, um estudo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostrou que mais de 7,4 mil jovens entre 15 e 17 anos não frequentavam a escola ou não tinha concluído a educação básica naquele ano. Com o percentual de 87,1%, o Acre aparece entre os piores do país em relação aos números de jovens neste grupo etário na escola, ficando atrás somente de Alagoas, que apresentou percentual de 86,8%. A média nacional é de 91,3%. Segundo o secretário de educação, Marcos Brandão, que assumia a pasta naquele ano, muitos desses jovens vivem em áreas de difícil acesso como seringais e reservas extrativistas, e têm aqueles que desistiram de estudar. Entretanto, apenas considerar esse aspecto não é suficiente, muito se tem que investigar a respeito dos reais motivos que levam esses jovens a não frequentarem ou desistirem da escola, para que políticas públicas eficazes possam reduzir de forma significativa esses indicadores tão insatisfatórios.

Apesar de o muito que ainda precisa ser feito para elevar-se a qualidade do ensino Médio no Brasil, é inegável o evidente avanço na universalização do ensino médio. No Acre, programas e projetos como PEEM- Poronga⁹ e Asas da Florestania¹⁰, têm proporcionado o crescimento de matrículas no Ensino Médio, como se pode

⁹ O Projeto Especial de Ensino Médio – Novo Telecurso é uma Proposta Pedagógica pensada para jovens e adultos, sintonizada com as bases legais nacionais, as necessidades sócias, e centrada nos seguintes princípios: Co-responsabilidade no exercício da “liberdade do aprender a aprender, do ensinar, do pesquisar e de valorizar e divulgar a cultura, o pensamento a arte e o saber”;Compromisso com a educação de qualidade;Vinculação entre a educação, o mundo do trabalho e a prática social.

¹⁰ Inicialmente, prevendo a universalização do ensino fundamental II (do 6º ao 9º ano), a proposta foi ampliada em 2008 para o ensino médio, no intuito de garantir o acesso à educação a crianças e jovens de comunidades rurais. Segundo a Secretaria Estadual de Educação, a abordagem metodológica, tem como centro o aluno, sendo ele o sujeito de sua própria aprendizagem, de acordo com seus ritmos e valores culturais Afirma que a iniciativa vem contribuindo para que o percurso educativo se volte para os contextos locais e considere esses saberes como determinantes no desenvolvimento integral dos indivíduos.

perceber através dos dados do Censo Escolar 2017 divulgado pelo Ministério da Educação, em 31 de janeiro de 2018, os quais registram que o Estado teve aumento no número de matrículas em todo sistema de ensino (que inclui rede federal, estadual, municipal, pública e privada). A taxa de crescimento foi de 6,04%, comparando número de matrículas de 2016 com o de 2017.

Relacionado ao número de matrículas, os maiores problemas da Educação no Acre estão presentes no Ensino Médio (com queda de 6,51%) e do Ensino Profissional (com queda de 24,67%). A Educação de Jovens e Adultos teve a maior taxa de crescimento, calculada em 79,28%. A grande taxa de crescimento se deve ao fato de estarem incluídos os alunos do PEEM/Porongá e o Quero Ler. No ano de 2017 foram matriculados 44.627 alunos, ou seja, 19.734 alunos, a mais que em 2016.

Tabela 5 - Matrículas no Acre: parâmetro entre os anos 2016 e 2017.

Ensino Infantil	
2016	36.444
2017	37.859
Ensino Fundamental	
2016	160.484
2017	159.632
Ensino Médio	
2016	41.657
2017	38.947
Ensino Profissional	
2016	5.480
2017	4.128
E.J.A	
2016	24.893
2017	44.627

Fonte: O Censo Escolar 2017-MEC

Segundo a Diretoria de Ensino da Secretaria de Estado de Educação e Esporte do Acre, a redução de matrículas, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, demonstra um esforço da SEE em corrigir a distorção idade/série,

reconfigurando o Projeto Poronga e o Programa Especial de Ensino Médio (aqui fazemos um parêntese para lembrar que em 2015 o número de jovens matriculados no Ensino Médio era de 43.510). Houve um esforço não somente para corrigir a distorção, mas para o reingresso do aluno ao ensino regular. Afirma também que o decréscimo no número de alunos no Ensino Profissional está diretamente ligado aos cortes nos investimentos federais o que, conseqüentemente, gerou redução da oferta. O aumento expressivo do número de alunos na EJA é resultado do grande investimento do Estado no Programa Quero Ler¹¹, que permitiu ao longo de 2017 a continuidade dos estudos aos alunos egressos no Programa.

Outros dados sobre os jovens do Acre relacionados a emprego e renda, podem nos ajudar a compreender melhor a realidade em que vivem e a relação com os resultados das matrículas anteriormente apresentados.

Quadro 2- Os jovens e o mercado de trabalho

Rendimento nominal mensal domiciliar per capita [2017]	R\$ 769
Pessoas de 16 anos ou mais ocupadas na semana de referência [2016]	322 pessoas (×1000)
Proporção de pessoas de 16 anos ou mais em trabalho formal, considerando apenas as ocupadas na semana de referência [2016]	39,4 %
Proporção das pessoas de 16 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência em trabalhos formais [2017]	43,4 %
Pessoal ocupado na Administração pública, defesa e seguridade social [2015]	35.990 pessoas

Fonte: Inep 2015, 2016, 2017.

¹¹ Apoiado pelo Banco Mundial, o programa é feito com base nas Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos, com foco na continuidade no sistema de ensino. Chegou às aldeias indígenas, às igrejas, às associações de moradores, no intuito de mobilização para garantir que a comunidade tenha acesso ao programa e realmente possa aprender a ler. O segundo desafio do programa é que as pessoas ingressem na Educação de Jovens e Adultos [EJA], não voltando a ser analfabeto funcional. Criado no governo de Tião Viana em sua segunda gestão, o Quero Ler tem a meta de chegar a 60 mil alunos alfabetizados até o fim de 2018, erradicando o analfabetismo no Acre.

Os jovens frequentemente ingressam no mercado de trabalho muito cedo, muitas vezes porque necessitam complementar a renda familiar.

A pesquisa realizada pela Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO) em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) em 2015, traçou um perfil dos estudantes brasileiros a partir de amostras coletadas em 10 cidades de cinco estados, um de cada região do país. O relatório *Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?*, para o qual foram entrevistados 8.238 jovens de 15 a 29 anos, evidenciou que cerca de 20% dos jovens abandonaram os estudos, pelo menos uma vez, e o principal motivo alegado foi o trabalho (28%), seguido por questões familiares (20%), gravidez (11%) e não gostar de estudar (7%). Quase 60% dos adolescentes trabalham, e 67% passam, pelo menos, cinco horas por dia no emprego.

Esses dados não diferem da realidade acreana, e apontam características e o contexto em que vivem os alunos. Aqui muitas famílias sobrevivem com auxílio de verbas oriundas de programas sociais e enfrentam dificuldades que forçam os jovens a ingressarem no mercado de trabalho precocemente e, dessa forma, reafirmando a manutenção do ciclo de pobreza, já que a inserção no trabalho representa, na maior parte das vezes, um obstáculo ao desenvolvimento educacional, pois alunos que trabalham e estudam, têm maiores dificuldades em realizarem os estudos de forma adequada. O cansaço e a falta de tempo para a realização das tarefas e trabalhos escolares acabam gerando um baixo rendimento escolar e, conseqüentemente, um desestímulo em permanecer na escola.

Apesar de Rio Branco ter quase 50% das matrículas no Ensino Médio, ainda existem muito jovens, sobretudo nas áreas rurais de difícil acesso, fora da escola. Além disso, os que frequentam regularmente a escola enfrentam situações adversas. Pesquisa do IBGE revela crescimento de gravidez na adolescência entre acreanas. Para os anos de 2005 a 2015, a fecundidade geral das mulheres acreanas com idade entre 15 a 19 anos foi de 104,3 filhos por cada grupo de mil mulheres.

A iniciação sexual precoce por parte das jovens acreanas tem crescido nos últimos 10 anos, resultando em um aumento do índice de partos entre as jovens do grupo entre 15 e 19 anos. O número de gravidezes entre as garotas dessa faixa etária no Acre é praticamente o dobro da média nacional.

Os dados foram revelados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) na publicação “Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de

vida da população brasileira 2016”. Os dados mostram que 55% da população acreana na faixa entre 15 e 19 anos está em um casamento civil, religioso ou em uma união consensual. Além disso, o Acre apresentou a maior taxa de fecundidade por mulher, atingindo 2,45. No Brasil a média foi de 2,09 filhos por mulher.

Esses dados muito influenciam na escolaridade dessas jovens. Alunas casadas e com filhos tendem a abandonar ou reprovar, concluindo tardiamente o Ensino Médio, até mesmo, encerrando os estudos nesta etapa de ensino.

Nos últimos anos, a Secretaria de Estado de Educação (SEE-AC) em conjunto com o Ministério da Educação MEC) implantou diversos programas para melhoria dos indicadores do Ensino Médio no Estado do Acre. Como exemplo podemos citar o Ensino Médio Inovador (Programa Federal), que visa envolver os jovens em atividades culturais, esportivas e de pesquisa, no intuito de melhorar a qualidade de ensino no estado. Os investimentos em infraestrutura e materiais pedagógicos (como o programa livros didáticos), os quais ainda estão longe de ser suficientes para alcançar a qualidade almejada, muito tem contribuído para a melhoria das condições materiais necessárias nesse processo. Contudo, tem-se verificado que os indicadores do Ensino Médio não têm atingido as metas estabelecidas, o que gera inúmeras discussões entre os envolvidos no processo.

Nos anos de 2017 e 2018, foram implantadas outras modalidades de ensino no Acre, dentre as quais merecem destaque o Ensino Médio Integral e o Ensino Médio Integrado. Muito se tem que analisar sobre estas modalidades, pois elas já fazem parte do processo de mudanças que veem ocorrendo no ensino, e privilegia o aumento na carga horária anual, orientação de projetos de vida e oferecimento de cursos profissionalizantes. Contudo, no presente trabalho, não abordamos a estrutura de funcionamento dessas modalidades de ensino. Preocuparmo-nos em questionar se o jovem vê as mudanças ocorridas com no Ensino Médio, como algo positivo, que realmente atenda às suas expectativas e aos seus projetos de vida, para que se sintam motivados a prosseguirem com seus estudos.

3.2. OS JOVENS E A ESCOLA

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se formem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 1984, p. 03)

Ao tratarmos da relação jovem e escola, é importante compreender que papel ela exerce na vida dele. A instituição educacional tem a sua função e objetivos a cumprir, que é transmitir o conhecimento e promover o pleno desenvolvimento do indivíduo como cidadão. Saviani destaca que cabe a escola produzir no sujeito a humanidade construída pela sociedade em seu processo histórico. Trata-se de identificar o que é essencial, principal e fundamental no processo educativo. É função da escola organizar os meios para propiciar a cada indivíduo a apropriação da humanidade produzida historicamente.

Para compreender o olhar do sujeito sobre a instituição de ensino, faz-se necessário refletir sobre as condições de sua existência. Segundo Saviani (1984, p.5), a escola para existir “não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar as condições de sua transmissão e assimilação, isso implica dosá-lo e sequenciá-lo de modo que a criança passe gradativamente do seu não-domínio ao seu domínio.” Mediante essas considerações, e diante de uma sociedade dinâmica como a atual, em que a juventude se faz presente, há de se questionar se a escola tem cumprido com seu papel.

Charlot (2014, p. 28), aponta que “não basta defender a escola como um serviço público, já que hoje privatizam-se os serviços públicos. Só uma escola pública de qualidade, porém, pode garantir o direito de todos à educação”. Entretanto, para que se assegure a qualidade do ensino, é necessário compreender as especificidades dos sujeitos que dela participam e orientar as práticas pedagógicas no sentido promover a interação com os mesmos através dos processos produzidos em seu interior. Reconhecer as condições históricas, socioeconômicas e culturais dos indivíduos é fator essencial para que não se crie em seu interior, situações de exclusão e desigualdades.

Ainda considerando esses aspectos discutidos, Charlot destaca a necessidade de

transformação profunda dessa escola, para que ela passe a ser um lugar de sentido, de prazer de aprender, de construção da igualdade social. Consideram que a escola deve tanto valorizar a dignidade de cada ser humano e a solidariedade entre os homens, como respeitar o que pode ser chamado de homodiversidade, em referência à expressão “biodiversidade”. (2014, p.28, 29)

Para alcançar esse caminho da formação integral do indivíduo, em especial do jovem, Charlot (2014) afirma que, devido à evolução da sociedade, num constante processo de transformação, a escola deve enfrentar diversos desafios, pois cada vez mais alunos vão até ela para conseguir um bom emprego, e não para aprender os saberes que esta deve transmitir. Além desta, muitas outras questões têm afligido esta instituição.

CHARLOT (2014, p.29-30) apresenta, portanto, quatro desafios que devem ser enfrentados pela escola:

- Devido ao processo de democratização da escola, surge o problema da relação com o saber, pois cada vez mais alunos a frequentam apenas para passar de ano, sem, contudo, encontrar nela sentido ou prazer.
- Nesse processo de globalização neoliberal, a educação tende a ser considerada como mercadoria, daí surge a lógica da qualidade e eficácia, no processo educativo.
- Por ser hoje, cada vez mais aberta e mais acessível, a escola enfrenta o desafio da pluralidade cultural.
- Devido aos avanços tecnológicos, que facilitam a comunicação e a divulgação de imagens, informações e produtos, gera uma crescente interdependência entre os homens.

Charlot também destaca que a escola há de encarar novos desafios, mesmo que não tenha conseguido, ainda, resolver os problemas inerentes ao Ensino fundamental:

ela deve acolher jovens de classe popular que era a mais elitista do sistema escolar: do ensino médio até o superior. [...] deve levar em conta as novas lógicas na sua própria organização. Passa a ser interpelada sobre sua qualidade e avaliada repetidamente. Deve elaborar projetos, celebrar contratos e firmar parcerias, colaborar cada vez mais com o meio local etc. (CHARLOT, 2014, p.29-30)

Esses desafios apresentados evidenciam a necessidade cada vez maior de se refletir sobre o papel da escola, sobre os sujeitos que dela participam, sobre os processos pedagógicos.

Ao tratarmos da relação do jovem e escola é importante compreender o olhar desse grupo sobre essa instituição e o que ela tem a lhes oferecer. Canário destaca que, ao analisarmos o processo de escolarização, deve-se verificar que

No que concerne à escola, como o futuro imediato viria a confirmar, a expansão rápida da escolarização de massas, alargada aos públicos adultos, não se traduziu numa generalização do “bem-estar” à escala mundial, nem na ultrapassagem do fosso que separava os países “desenvolvidos” dos que se encontravam “em vias de desenvolvimento” ou em situação de “subdesenvolvimento”. (CANÁRIO, 2008, P.75)

O autor traz a reflexão de que a escola, em seu processo de democratização e atendimento às camadas populares, não trouxe consigo as mesmas oportunidades de promoção social, nem o progresso que se esperava, nem a equidade social. O desencanto com ela foi notório no final do século XX. Mudanças ocorridas nos setores econômicos, político e social, não apenas a afetara, mas também aos jovens nelas inseridos. Percebe-se então que

Este conjunto de mudanças profundas afectou a juventude de forma muito particular, nomeadamente, no que diz respeito à natureza da sua relação, quer com a escola, quer com o mercado de trabalho: passou-se de uma relação marcada pela previsibilidade para uma relação em que predomina a incerteza. Esta situação, se, por um lado, é objectiva, é, por outro lado, vivida subjectivamente com sofrimento, uma vez que a incerteza é o mais difícil de todos os estados psicológicos porque corresponde àquele em que “não é possível fazer planos para o futuro e em que é necessário agir com base numa confiança cega na sorte ou na entrega ao curso dos acontecimentos”.(CANÁRIO, 2008, p.75)

Ao olharmos a escola deste ponto de vista nos deparamos com uma instituição que, ao mesmo tempo, promove a democratização e a exclusão, pois a partir dela se origina, segundo Canário (2008), “modo de seleção pelo insucesso e a multiplicação de níveis de seleção, indutores de um crescimento geométrico das desigualdades iniciais”. Diante desse quadro nos questionamos: a escola tem futuro?

Não é possível adivinhar nem prever o futuro da escola, mas é possível problematizá-lo. É nesta perspectiva que pode ser fecundo e pertinente imaginar uma “outra” escola, a partir de uma crítica ao que existe. Deste ponto de vista, a construção da escola do futuro poderá ser pensada a partir de três finalidades fundamentais: • A de construir uma escola onde se aprenda pelo trabalho e não para o trabalho, [...]; • A de fazer da escola um sítio onde se desenvolva e estimule o gosto pelo acto intelectual de aprender, [...]; • A de transformar a escola num sítio em que se ganha gosto pela política, isto é, onde se vive a democracia. (CANÁRIO, 2008, p.77)

Contudo, entende-se que imaginar outra escola, vislumbrando o futuro implica em transformar a escola que temos atualmente e deve-se

[...] agir em três planos distintos: • Pensar a escola a partir do não escolar. [...]. A maior parte das aprendizagens significativas realizam-se fora da escola, de modo informal [...]. • Desalienar o trabalho escolar, favorecendo o seu exercício como uma “expressão de si”, quer dizer, como uma obra, o que permitirá passar do enfado ao prazer. • Pensar a escola a partir de um projecto de sociedade, com base numa ideia do que queremos que sejam a vida e o dever colectivos. (CANÁRIO, 2008, p.79-80)

Considerando a ideia que o autor apresenta, que se deve pensar a escola a partir do não escolar, pois, segundo ele, a maior parte das aprendizagens significativas realizam-se fora da escola, entende-se que há a necessidade de se levar em consideração as aprendizagens que os alunos trazem para escola, a partir da experiências do meio social em que vivem. Entretanto, acredita-se que o papel da escola é também dar significado a essas aprendizagens elevando-as a um patamar científico. Ou seja, transformar o que é informal em aprendizagem formal.

Quando destaca a desalienação do trabalho escolar, levanta-se aqui o debate sobre as práticas pedagógicas. É notório que para os alunos, sobretudo jovens, a escola não tem se mostrado muito atraente, ao contrário é enfadonha, em certa medida. Contudo, a escola não pode perder o foco de qual é o seu papel. É evidente que ela deve, também, formar o aluno para a vida, no sentido de que deve prepará-lo para o mundo do trabalho, para uma postura crítica na sociedade, mas isto é apenas um dos aspectos que ela deve alcançar.

Dessa forma entende-se que, para a escola pensar na formação do aluno de forma integral, deve-se considerar estes aspectos, e assim, formar, conseqüentemente, uma juventude escolarizada muito mais preparada para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania. Entretanto, o que tem se verificado é que a relação entre escola e juventude ainda tem apresentado inúmeros desafios. O jovem estudante não tem se mostrado satisfeito com o papel que a escola vem exercendo em suas vidas. Assim,

Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. Ao buscar compreender essa realidade, um primeiro passo é constatar que a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma: o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola, como as análises lineares tendem a conceber. Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são

expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços. (DAYRELL, 2007, p.1107)

Para se compreender essa relação juventude-escola, faz-se necessário problematizar a condição juvenil, sua cultura, seu modo de pensar e agir. A esse respeito Dayrell salienta,

Na freqüência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que, como vimos, constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos à ela. Por outro lado, a escola que ele freqüenta apresenta especificidades próprias, não sendo uma realidade monolítica, homogênea. Podemos afirmar que a unidade escolar apresenta-se como um espaço peculiar que articula diferentes dimensões. Institucionalmente, é ordenada por um conjunto de normas e regras que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. (DAYRELL, 2007, p.1118)

O jovem é dinâmico, busca superar a monotonia do cotidiano por meio da procura de aventuras e excitações, isto serve de reflexão acerca do que ele espera vivenciar no ambiente escolar, ou seja, que este se apresente tão dinâmico quanto ele. Dayrell contribui ainda, afirmando que

[...] o jovem se torna aluno em um processo no qual interfere na condição juvenil, as relações intergeracionais e as representações daí advindas, bem como uma determinada cultura escolar. Acredito ser aqui, na forma como os jovens vêm se constituindo como alunos, que reside um dos grandes desafios na relação da juventude com a escola, colocando em questão velhos modelos, com novas tensões e conflitos. (DAYRELL, 2007, p.1119)

O que se tem verificado é que a escola não consegue compreender que dentro do aluno existe um jovem e que este necessita ser trabalhado dentro da sua condição juvenil. E, apesar de parecer muitas vezes que esta instituição nada tem mudado neste aspecto, deve-se considerar, entretanto, que ela não é estática e ao longo do tempo, mesmo que muito lentamente em alguns momentos, tem-se mostrado capaz de se reinventar e progredir. Como frisa Dayrell:

A escola, no entanto, não é uma instituição estática, sendo palco de tensões entre propostas inovadoras e tendências imobilistas. Nesse contexto, nos últimos anos vêm proliferando no Brasil a implantação de novas propostas político-pedagógicas nos sistemas oficiais de ensino, principalmente no âmbito municipal, patrocinadas por gestões de perfil progressista. Tais propostas, com pressupostos, dimensões e alcances variados, têm em comum o discurso da democratização do ensino público e a elevação da sua

qualidade baseados nos princípios da justiça social e equidade, a partir do reconhecimento da diversidade sócio-cultural dos alunos. (2007, p.1123)

Portanto, esperemos que os jovens estudantes, sobretudo do Ensino Médio, venham a ter condições de desenvolver plenamente suas capacidades e que seus projetos de vida sejam priorizados no processo de ensino-aprendizado, tornando-o um cidadão crítico e atuante na sociedade.

3.3. OS JOVENS E O ENSINO MÉDIO

Para compreendermos a relação Jovem e Ensino Médio há a necessidade de situarmos historicamente as reformas pelas quais passou o Ensino Secundário Brasileiro (atual Ensino Médio), fazendo-se um breve retrospecto histórico da Educação Secundária Brasileira, apenas com o intuito de situar, no tempo e espaço, o processo de escolarização no Brasil.

Nos primeiros tempos da história do Brasil a educação assumia um caráter de distintivo social, capaz de dar status. Desde o início do processo de colonização, os Jesuítas tiveram um papel primordial na implantação do modelo educativo brasileiro. Apesar de virem para as terras recém-descobertas com o intuito de catequizar os povos nativos, assumiram também a responsabilidade de educar os filhos dos colonos. Ferreira (2010, p.26) aponta que no início da segunda metade do século XVII, a educação oferecida pelos Jesuítas no Brasil Colonial já era “quase exclusivamente uma educação de elite, ou seja, os colégios da Companhia de Jesus transformaram-se em verdadeiros redutos educacionais frequentados apenas pelas elites econômicas coloniais.”

Apesar de o ensino secundário ter sido introduzido pelos Jesuítas, outras ordens religiosas como franciscanos, beneditinos e carmelitas, também atuaram no ensino brasileiro. Com a expulsão dos Jesuítas, no século XVIII, pelo Marquês de Pombal, que os considerava um entrave no desenvolvimento de uma imprescindível mentalidade modernizadora na educação portuguesa na colônia, o ensino secundário passou por um difícil momento, pois, salvo raras iniciativas, como o Seminário de Olinda, aulas eram oferecidas isoladas ou avulsas em todas as províncias. Segundo

Nunes (2000, p. 39) “na sociedade imperial, de economia agroexportadora e escravista, [...] rural, a política excludente do Estado criou, nas capitais das províncias e do Império, os liceus, destinados aos filhos das classes privilegiadas”.

Esse apontamento nos ajuda a perceber que o processo educacional que vem se desenvolvendo desde o período colonial, e mesmo no imperial, mostra que a educação brasileira nasceu privada, alienada e altamente elitista. Ficou excluída da educação escolar de caráter propedêutico, a grande massa da população colonial, composta de escravos, índios, mestiços e brancos pobres. O acesso a ela, como bem salienta Ferreira,

não se alterou com a independência política alcançada em 1822. [...] o modelo colonizador português baseado no latifúndio, na mão de obra escrava e na monocultura da cana-de-açúcar voltada para a exportação continuou sendo a matriz socioeconômica da educação de elite, pois excluía da escolaridade o grande contingente da população que era formada pelos escravos. Mas, concomitantemente, as elites agrárias mantiveram um sistema educacional em funcionamento que abrangia desde a escola das primeiras letras até os cursos superiores (Direito e Medicina). (FERREIRA, 2010, p.17)

Essa situação se dá porque, mesmo depois de declarada Independência, em 1822, os mesmos grupos sociais continuam no poder, contudo, vê-se, pelo menos no discurso, certa intenção de se modernizar a educação do país. Entretanto, no período imperial o ensino permaneceu com a mesma configuração, dividido em primário, secundário e superior.

O ensino secundário recebeu maior atenção posteriormente à independência do Brasil, mais especificamente no ano de 1834, quando foi criado um *Ato Adicional* que dava às províncias o direito de regular sobre instrução pública e estabelecimentos próprios a promovê-las. Com isso, surgiram os liceus (estabelecimento de ensino de segundo grau que ofereciam formação generalista em ciências e humanidades) que tinham como intenção preparar os seus discentes para a admissão no ensino superior. Contudo, para ingressar no ensino superior, nos cursos de Direito e Medicina, os alunos deveriam prestar exames no Colégio D. Pedro II, pois era a única instituição escolar imperial que conferia o diploma de bacharel em ensino médio. Segundo Ferreira, (2010, p.44) o referido colégio “constituía-se num verdadeiro celeiro de jovens aristocratas cujo destino estava associado com a grande política que mantinha a ordenação societária estabelecida desde 1822”. Assim, os jovens da elite agrária,

ao concluírem seus estudos nos liceus, deveriam se dirigir à cidade do Rio de Janeiro para prestar os exames parcelados¹².

Esta situação evidencia o caráter elitista do ensino secundário no Brasil durante o período Imperial. Assim, Nunes (2000, p. 39) afirma que, o Ensino Secundário estava destinado a “formar a elite ilustre e ilustrada, inserida mais plenamente nos atributos de liberdade e propriedade, portadora de privilégios do pequeno círculo que participava do poder de Estado, tanto no nível local, quanto no nível mais amplo do Império.”

Esse quadro permanece pouco inalterado no século XIX, pois o ensino secundário ainda se caracteriza, pelo menos em determinados aspectos, como uma etapa de ensino em que se voltava totalmente para a preparação dos alunos para ingressarem no ensino superior, e destinado a uma pequena parcela da população. Continuava-se no atraso, no que se refere à escolarização da população, mesmo em relação às outras nações sul-americanas. Embora houvesse uma pressão exercida pela classe dominante, pouco se evoluiu com relação a este aspecto.

Nos primeiros 40 anos da República, ou seja, durante a “República Velha” (período de 1889 até 1930) o curso secundário passou por reformas educacionais¹³ que se assemelhavam muito com os modelos de educação já existentes, ou seja, continuava se configurando como uma etapa de ensino que visava a preparação para o ingresso nos cursos superiores. Segundo Ferreira (2010, p. 54-55) “a segunda estava destinada à formação de professores, cuja origem remontava ao Império, pois a primeira Escola Normal foi fundada em 1835, na cidade de Niterói (RJ)”.

Nesse período as reformas ocorridas visavam à inovação do ensino, porém, mesmo com tantas mudanças, ele ainda permaneceu sob a égide dos mais poderosos. Para reforçar essa ideia do elitismo, Saviani (2011, p. 175) aponta: “No fundo, era uma escola eficiente para o objetivo e formação das elites. A questão da educação das massas populares ainda não se colocava”.

As reformas, apesar de necessárias para aquele momento histórico, não foram suficientes para que os problemas educacionais fossem resolvidos. Durante esse período percebe-se que o modelo de educação tradicional se manteve

¹²um exame para cada uma das disciplinas que compunham o currículo do ensino secundário oficial de sete anos.

¹³ Tais como: 1) Reforma Benjamin Constant (1890); Código Epiácio Pessoa (1901); Reforma Rivadávia Correa (1911); Reforma Carlos Maximiliano (1915); Reforma João Luiz Alves/Rocha Vaz (1925)

inalterado, mesmo com o advento da República. Em seu artigo *A escola e a república*, Veiga aborda uma temática que evidencia este aspecto.

Em relação às reformas educacionais até 1906, pode-se dizer que grande parte delas segue o ritmo imperial, ou seja, instituem-se mudanças em lei que não alteram efetivamente o quadro geral do ensino no estado [...] Entretanto, a mudança mais importante foi a reforma escolar empreendida por João Pinheiro em 1906 ao implantar finalmente e de modo oficial os grupos escolares (Faria Filho, 2000) e dotar a nova capital, Belo Horizonte, de um Escola Normal Modelo. (VEIGA, 2011 p. 165)

No período compreendido entre 1937 e 1946, o Brasil esteve sob a ditadura de Getúlio Vargas. A aliança com os militares e as oligarquias cafeeiras, criou as condições para o golpe em 10 de novembro de 1937. Nesse período (chamado Estado Novo) entrou em vigor a *Reforma Capanema*, baseada em decretos-lei denominados Leis Orgânicas, dentre eles o Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942: Lei Orgânica do Ensino Secundário. Capanema, em sua reforma, priorizou o ensino secundário numa tentativa de reafirmação da concepção educacional daquele período. Segundo aponta Schwartzman.

A principal marca da reforma do ensino secundário foi a ênfase posta no ensino humanístico de tipo clássico, em detrimento da formação mais técnica. Na conferência de 1937 feita no Colégio Pedro II, o ministro chamava a atenção para a necessidade de "acentuar o caráter cultural do ensino secundário de modo que ele se torne verdadeiramente o ensino preparador da elite intelectual do país. Para isso, força é excluir toda a preocupação de enciclopedismo, que é de natureza estéril, para que tomem o primeiro lugar, no programa secundário, sólidos estudos das clássicas humanidades." (SCHWARTZMAN, 2000, p. 206)

Percebe-se, então que o ensino secundário deveria atender as necessidades da elite (para ingressar no ensino superior), mas também promover socialização da educação às classes populares, como qualidade necessária à educação brasileira, como progresso e meio de ascensão cultural. Para isso sua organização ficou assim estruturada: o curso ginásial de quatro anos que antecedia ao curso colegial de três anos, mais voltada para a formação geral. O Ensino secundário teria, ainda, de acordo com Nunes, a função de

como formador dos adolescentes, era oferecer uma sólida cultura geral, apoiada sobre as humanidades antigas e modernas, com o objetivo de preparar as individualidades condutoras, isto é, os homens que assumiriam maiores responsabilidades dentro da sociedade e da nação, portadores de concepções que seriam infundidas no povo. (NUNES, 2000, p.40)

Apesar de algumas deficiências, a reforma de Capanema representou mudanças significativas do ensino secundário do ponto de vista da caracterização de seus objetivos e da organização do seu currículo.

A educação durante a ditadura militar - implantada depois do golpe de 1964, onde tem início um período de limitação e até mesmo de exclusão o estado de direito – é norteadada pela Lei n. 5692/71 que fixou, nesse período, as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, em âmbito nacional. Ela apresentava dois pontos fundamentais: em atendimento à Constituição de 1967, indicava a escolaridade obrigatória dos 7 aos 14 anos. Ampliou a escolaridade básica para oito anos, fundindo o ensino primário com o ginásio e tornou profissionalizante, obrigatoriamente, o ensino secundário, agora denominado de segundo grau. Sobre esse período Charlot (2014, p. 06) destaca:

[...] permanece um Estado Educador: pensa a educação em termos de construção da nação, paz social, inclinação de valores. A partir dos anos de 1950 e, sobretudo, 1960, ele se torna Estado Desenvolvimentista: claramente (França, Japão, Coreia do Sul, Brasil, etc.) [...] pilota o crescimento econômico e coloca a educação a serviço do desenvolvimento. Essa política encontra um amplo consenso social, por gerar novos empregos qualificados, que uma escolaridade mais longa permite ocupar e, portanto, por satisfazer as classes médias e despertar esperanças nas classes populares.

A implantação de um Estado autoritário, a partir de 1964, teve como consequência algumas transformações na área educacional. Instalou-se a educação tecnicista, atendendo às necessidades advindas com a crescente industrialização, fruto da influência do capital estrangeiro.

O modelo político econômico tinha como característica fundamental um projeto desenvolvimentista que busca acelerar o crescimento sócio-econômico do país. A educação desempenhava importante papel na preparação adequada de recursos humanos necessários à incrementação do crescimento econômico e tecnológico da sociedade de acordo com a concepção economicista de educação (VEIGA, 1989, p.34).

Essa concepção de educação voltada ao tecnicismo vai permanecer durante o período da ditadura militar. Porém, nas décadas de 1980 e 1990 houve a introdução de importantes mudanças na esfera educacional, com as alterações no cenário político. Após esse extenso período de regime militar, propostas pedagógicas buscavam a cidadania como direito político individual. As mudanças foram produzidas a partir das exigências de organismos internacionais, do avanço do neoliberalismo e das demandas socioeconômicas que contribuíram para o surgimento de novos atores

sociais. Esse movimento socioeconômico, e fundamentalmente político, impulsionaram a elaboração da Constituição Federal de 1988, a partir da qual, posteriormente foi criada a LDBEN de 1996 e o Plano Nacional de Educação (2001).

Na década 1990, o Ensino Secundário, passado a ser denominado Ensino Médio ganhou nova configuração, pois foi promulgada a Lei nº 9.394 de 20/12/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN n.9394/96). O Ensino Médio passa a ser considerado a última etapa da Educação Básica, e também será progressivamente obrigatório e gratuito.

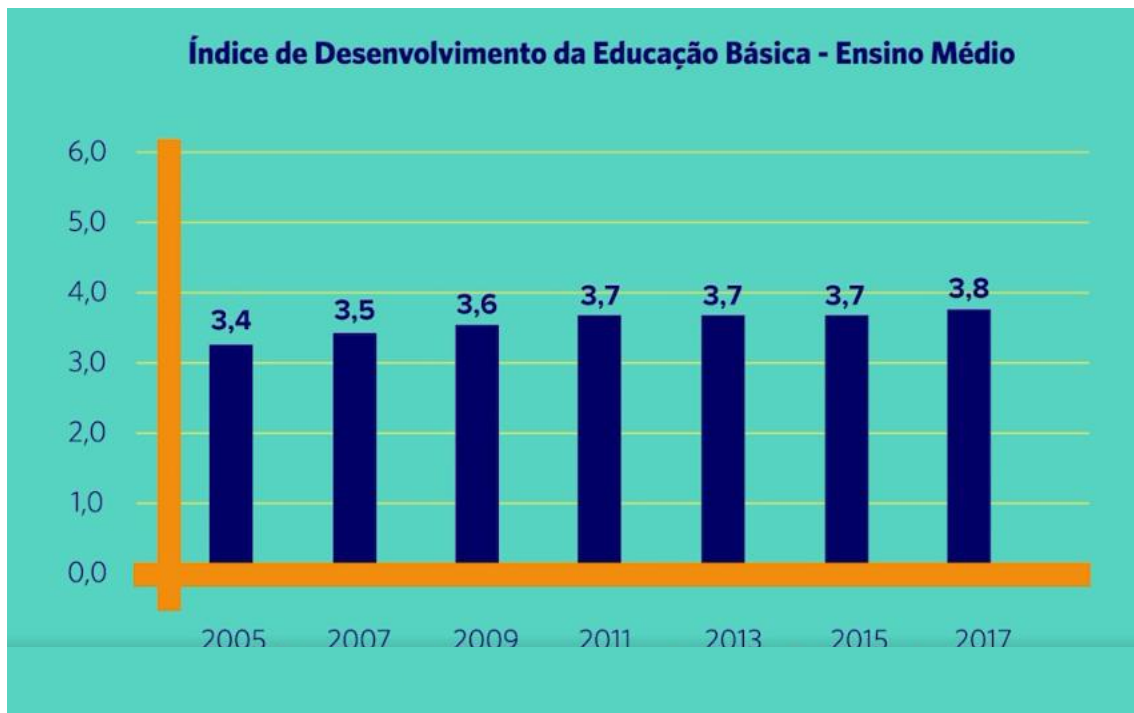
A compreensão desses fatos históricos possibilita entender de forma mais ampla esta etapa da escolarização, bem como a permanência de aspectos problemáticos e de indefinições. Além disto, as reformas aqui apresentadas evidenciaram que aos poucos foi sendo extraído do ensino secundário, o caráter de uma etapa de passagem, de formação ou de “apêndice” da Educação Superior, e tornou-se parte obrigatória da formação dos jovens, pelo menos essa é a perspectiva apontada na LDB 9394/96.

Com relação às políticas educacionais Ferreira (2010) destaca que as políticas educacionais que foram adotadas durante a década de 1990 ficaram condicionadas à dependência financeira que o Brasil mantinha em relação ao capital financeiro internacional. Com o endividamento externo, o Brasil perdeu autonomia no processo de definição de suas políticas educacionais concernentes à escola pública.

Em tempo mais recente, precisamente no dia 23 de setembro de 2016, foi publicada a Medida Provisória nº746/2016, que trata da criação do novo Ensino Médio. Segundo anunciado pelo presidente da República, Michel Temer, e o ministro da Educação, Mendonça Filho, a medida considera prioritária a aprendizagem do aluno e a manutenção dos jovens na escola, a partir de uma proposta curricular que contemple as necessidades individuais dos estudantes e ofereça oportunidades equivalentes às ofertadas nos principais países.

Segundo o governo federal, a reforma se faz necessária, pois o Ensino Médio é a etapa da educação básica que menos avançou em termos de qualidade, isto se evidencia nos resultados apresentados no Ideb, como aponta o gráfico abaixo.

Gráfico 3 – Evolução do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica



Fonte: Novo Ensino Médio – Portal MEC -2017

É inegável a evidente estagnação do Ensino Médio, o abandono antes da conclusão por uma grande parcela de jovens, e o baixo nível de conhecimento ao fim desta etapa. Entretanto, esta proposta é bastante questionável do ponto de vista propedêutico e poderá ocasionar um desigual atendimento das necessidades educacionais dos alunos jovens da escola pública, em relação aos das escolas privadas.

Segundo afirmam Motta e Frigotto, a urgência da reforma se dá porque é necessário promover mudanças que possibilitarão derrubar as barreiras que impedem o crescimento econômico. E a educação, principalmente a profissional (que está amplamente contemplada na reforma) é um fator primordial no auxílio desse crescimento econômico. Assim, destacam

Nessa perspectiva, no âmbito da educação, seriam aspectos necessários para elevar as condições de competitividade do Brasil no mercado internacional: o investimento na melhoria da qualidade do Ensino Médio, até mesmo com o aumento da jornada escolar, visando melhores alcances no desempenho escolar; a reestruturação do currículo, ajustando-o às mudanças no mundo do trabalho, em conformidade com a suposta educação do século XXI; a ampliação do número de vagas; e a contenção da evasão escolar. (Motta e Frigotto 2017, p. 357-358)

O anúncio das novas propostas provocou protestos de inúmeros movimentos sociais da educação, que criticam tanto a falta de debate que permeou a reforma, quanto o teor das mudanças – que prioriza uma formação mínima, dual e desigual. Contudo, o governo afirma que 72% dos brasileiros são a favor de mudanças no ensino médio (segundo aponta uma pesquisa do Ibope encomendada pelo MEC e divulgada em 2016), pois ela favorecerá o aluno na medida em que garante:

- Mais tempo para aprender o essencial e para se aprofundar nos conhecimentos que lhe interessam. No Novo Ensino Médio a carga horária será ampliada de 2400 horas para 3000 horas. Desse total, pelo menos 1200 horas poderão ser escolhidas pelo aluno, para poder se aprofundar em um ou mais caminhos relacionados às áreas do conhecimento ou à formação técnica e profissional.
- Desenvolvimento de seu projeto de vida, pois torna obrigatório que o projeto de vida dos estudantes seja desenvolvido em todas as escolas. Ou seja, o discente desenvolverá habilidades como ser cooperativo, saber defender suas ideais, entender as tecnologias, compreender, respeitar e analisar o mundo ao seu redor. Além disso, terá apoio para escolher os caminhos que irá seguir no próprio Ensino Médio e em seu futuro pessoal e profissional.
- Menos aulas expositivas. Mais projetos, oficinas, cursos e atividades práticas e significativas. A BNCC está organizada por áreas do conhecimento e não disciplinas. O aluno continuará aprendendo conhecimentos de todas as disciplinas, pois elas estão contempladas nas habilidades e competências da BNCC. Contudo, a organização por áreas estimula novos formatos de aula, menos expositivas, como projetos, oficinas e atividades com maior participação dos estudantes e que conectam conhecimentos e professores de diferentes áreas.

Ao analisar estas propostas, causa preocupação o fato de que estas não trazem indicativos consistentes sobre as condições de acesso, permanência e aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio, que são tidos como alguns problemas gravíssimos, como já foi destacado em outros momentos neste texto. Tampouco aborda outras questões indispensáveis para a garantia da qualidade do ensino, tais como, a violência na escola, os elevados índices de profissionais e alunos com

problemas de ansiedade e depressão, a limitação do número de estudantes por sala de aula, da formação e valorização dos profissionais da educação, dentre outras.

As alterações introduzidas na Lei nº 9.394/1996 (LDB) pela Lei nº 13.415/2017 na Base Curricular Comum do Ensino Médio detalham as dimensões e subdimensões que compõem cada uma das 10 Competências Gerais da BNCC indicando como elas devem evoluir da Educação Infantil até o Ensino Médio. A referida Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é

um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).(BNCC, 2017, p. 7)

As Competências Gerais da BNCC, segundo o MEC, foram criadas no intuito de facilitar a elaboração de currículos, práticas pedagógicas, materiais didáticos e processos de avaliação da aprendizagem. Aqui se faz necessário entender que, de acordo com, Boschetti (2014, p.09) “a pedagogia das competências é uma corrente de pensamento relativamente nova no meio pedagógico, ainda bastante controversa, não havendo uma unidade de pensamento a seu respeito.” Apesar de não se precisar especificamente o seu surgimento, ela começa a ser difundida na década de oitenta do século passado. Para compreender a concepção de competências traremos a contribuição de Perrenoud, que define a competência como uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar determinado tipo de situação. O mesmo destaca que essa concepção se baseia em quatro aspectos:

As competências não são elas mesmas saberes, savoir-faire ou atitudes, mas mobilizam, integram e orquestram tais recursos; - essa mobilização só é pertinente em uma situação, sendo cada situação singular, mesmo que se possa tratá-la em sintonia com outras, já encontradas; - o exercício da competência passa por operações mentais complexas, subentendidas por esquemas de pensamento que permitem determinar (mais ou menos consciente e rapidamente) e realizar (de modo mais ou menos eficaz) uma ação relativamente adaptada à situação; - as competências profissionais constroem-se, em formação, mas também ao sabor da navegação diária de um professor, de uma situação de trabalho à outra. (PERRENOUD, 2000, p.15).

Contudo entende-se que o conceito de competência é muito amplo, mas que se possa estabelecer um parâmetro para a compreensão da proposta curricular apresentada na Lei nº 13.415/2017. O que nos causa certa inquietação é o fato de que, ao ter seu ensino baseado em competências, a escola não se esvazie de sua principal atribuição que é ser espaço de apropriação do conhecimento socialmente e historicamente produzido. Frigotto também afirma que as competências são noções, pois “[...] não se constituem, em termos epistemológicos, em conceitos. Falta-lhes, para tanto, materialidade histórica”. (1999, p. 07). Assim, esperamos que essa reforma, baseada em competências, não torne a escola um espaço de produção de indivíduos segundo a lógica do mercado de trabalho, mas que, através destas, possa dar-lhes condições de se prepararem para as novas exigências do mercado sem, contudo, deixar de lado os conhecimentos historicamente produzidos e essenciais para uma formação que prioriza uma postura crítica na sociedade.

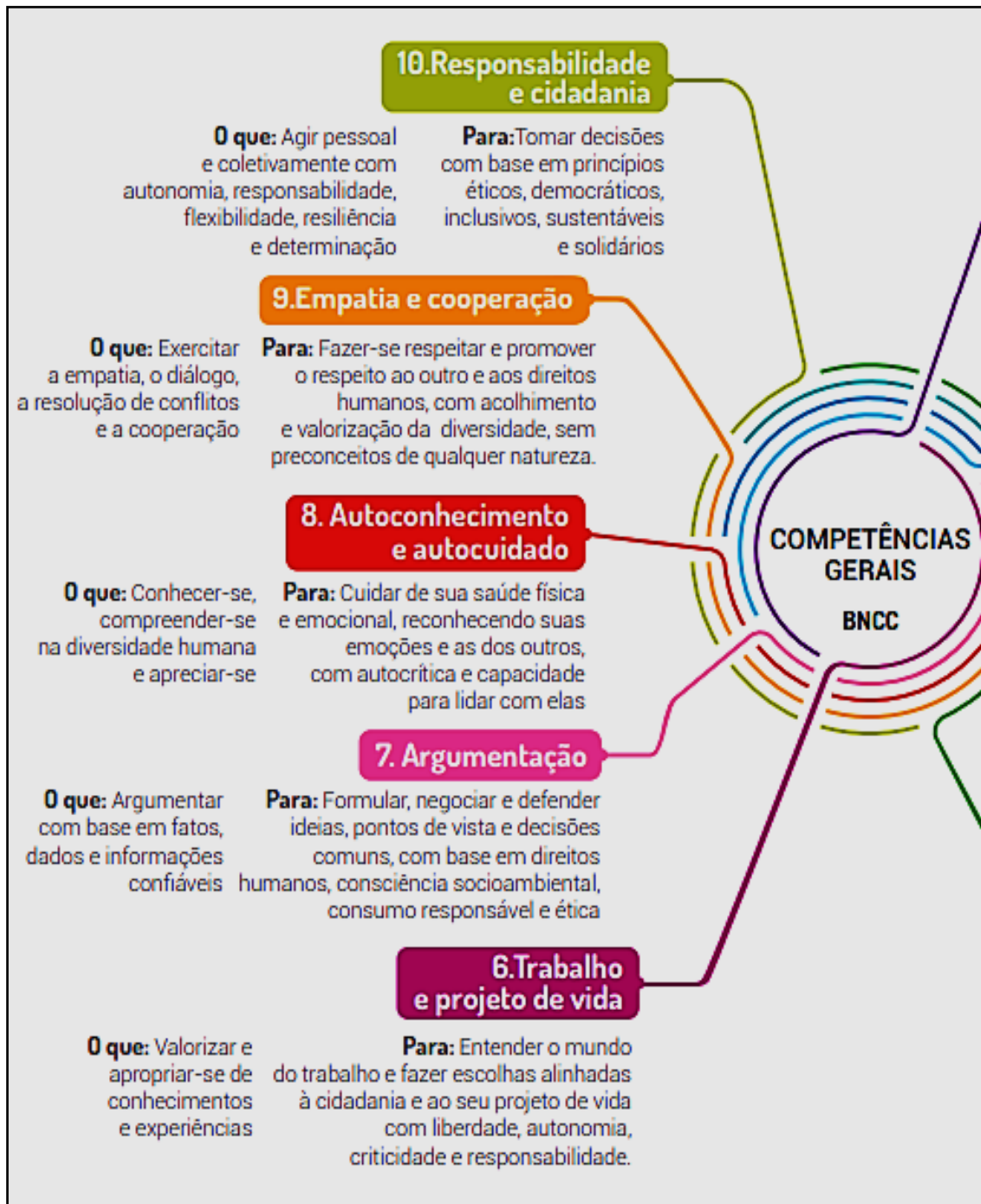
Segundo consta no portal do MEC, as Competências Gerais integram o capítulo introdutório da Base Nacional Comum Curricular e foram definidas a partir dos direitos éticos, estéticos e políticos assegurados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores essenciais para a vida no século 21. Ela está estruturada da seguinte forma:

Figura 4- Competências Gerais da BNCC (1-5)



Fonte: Movimento pela Base Nacional Comum - 2018

Figura 5 - Competências Gerais da BNCC (6-10)



Fonte: Movimento pela Base Nacional Comum - 2018

Apesar de toda a propaganda que o MEC tem feito através dos veículos de comunicação sobre a melhoria da qualidade do Ensino para os jovens, o que se verificou, através da pesquisa realizada com os jovens de Rio Branco, é que os mesmos não têm conhecimento das competências gerais da BNCC, nem da estrutura curricular e carga horária que a Reforma do Ensino Médio apresenta.

No Acre a implantação da proposta do “Novo Ensino Médio” está ocorrendo segundo as orientações do MEC, seguindo as diretrizes gerais para esta etapa de ensino da Educação Básica (BNCC-MEC, 2017), que são:

Artigo 10: Os currículos do ensino médio são compostos por formação geral básica e itinerário formativo, indissociavelmente.

Artigo 11: A formação geral básica é composta por competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e articuladas como um todo indissociável, enriquecidas pelo contexto histórico, econômico, social, ambiental, cultural local, do mundo do trabalho e a prática social, e deverá ser organizada por áreas de conhecimento.

Artigo 12, § 5º: Os itinerários formativos podem ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, dada a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino.

Artigo 12, § 11: As instituições ou redes de ensino devem orientar os estudantes no processo de escolha do seu itinerário formativo.

Os sistemas de ensino deverão estabelecer cronograma de implementação da parte do Ensino Médio da BNCC em 2019 e iniciar o processo de implementação, conforme o referido cronograma, a partir de 2020. Os currículos de cada Estado devem ser (re)definidos considerando seus contextos e condições, as características da região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas e aspirações dos estudantes.

Com relação ao currículo, traz preocupação o fato de que se propõe novamente a dicotomia entre uma formação geral humanística e de outro lado uma formação profissional, pois vê-se este aspecto como um empobrecimento do currículo, no sentido do que será priorizado. Esses dois aspectos ser integrados, mas numa perspectiva crítica de formação de cidadão, e não apenas como uma forma de atender a demanda de interesses mercantis, ou seja, reduzir a aprendizagem dos estudantes aos desejos do mercado.

No caso específico do Estado do Acre, partindo desta orientação do Governo Federal, já em 2019 foram implementadas as novas matrizes curriculares do Novo Ensino Médio em dez escolas pilotos de Rio Branco. São elas: João Batista Aguiar, Santiago Dantas, Henrique Lima, Leôncio de Carvalho, Lourival Sombra, João Cândia, Clícia Gadelha, Heloísa Mourão Marques. José Rodrigues Leite e Adalberto Sena.

Nessas escolas, além da ampliação da carga-horária anual, haverá a inserção de uma nova filosofia educacional centrada na disciplina Projeto de Vida e nas escolhas de formação dos estudantes, conforme se verifica no quadro abaixo.

Quadro 3 – Matriz Curricular do Novo Ensino Médio do Acre



























MATRIZ CURRICULAR DO NOVO ENSINO MÉDIO									
ÁREAS DE CONHECIMENTO	DISCIPLINAS	1ª SÉRIE		2ª SÉRIE		3ª SÉRIE		CARGA HORÁRIA TOTAL	
		SEMANAL	CARGA HORÁRIA ANUAL	SEMANAL	CARGA HORÁRIA ANUAL	SEMANAL	CARGA HORÁRIA ANUAL		
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR	LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA	3	120	3	120	3	120	360
		ARTES	1	40	1	40	-	-	80
		LÍNGUA INGLESA	1	40	1	40	-	-	80
	MATEMÁTICA	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	80	2	80	-	-	160
		MATEMÁTICA	3	120	3	120	2	80	320
		FÍSICA	2	80	2	80	-	-	120
	CIÊNCIAS DA NATUREZA	QUÍMICA	2	80	2	80	-	-	160
		BIOLOGIA	2	80	2	80	-	-	160
		HISTÓRIA	2	80	1	40	-	-	80
	CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA	1	40	2	80	-	-	120
		FILOSOFIA	1	40	1	40	-	-	80
		SOCIOLOGIA	1	40	1	40	-	-	80
	TOTAL BNCC		21	840	21	840	5	200	1800
PARTE DIVERSIFICADA	ESPAÑHOL	1	40	1	40	-	-	80	
	PROJETO DE VIDA	2	80	2	80	2	80	240	
	ELETIVA INTERDISCIPLINAR LC-CH	1	40	1	40	-	-	80	
	ELETIVA INTERDISCIPLINAR MT-CN	1	40	1	40	-	-	80	
	TOTAL PARTE DIVERSIFICADA 1ª E 2ª SÉRIE	5	200	5	200	2	80	400	
	Linguagens, Códigos e suas Tecnologias								
ITINERÁRIOS FORMATIVOS 3ª SÉRIE	MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS								
	CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS								
	CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS								
	FORMAÇÃO TÉCNICA E PROFISSIONAL								
TOTAL		18	720	18	720	18	720	720	
TOTAL GERAL (60 min)		26	1040	26	1040	25	1000	3080	

Fonte: SEE – 2018

Se compararmos com a antiga matriz curricular do Ensino Médio, veremos que houve redução de carga horária de todas as disciplinas da base curricular comum, as ditas “científicas”. Por exemplo, considerando toda a carga horária desta etapa de ensino, Língua Portuguesa cai de 480 h/a para 360 h/a (ocorrendo a mesma situação com Matemática), Geografia que era de 240 h/a, passa a ter apenas 120 h/a. Apesar de ter ocorrido um aumento da hora-aula, que antes era de 50 minutos e com o novo currículo passa a ser de 60 minutos, ainda há perda de tempo de aula destinado a essas disciplinas. Entretanto, mesmo com redução, as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática são as únicas a permanecerem nas três séries do ensino médio. Isto evidencia uma clara finalidade de melhorar as notas nas avaliações externas, de acordo aos padrões nacionais e internacionais.

Preocupa-nos essa redução da carga horária que, apesar da implementação de outros formatos de ensino como as eletivas, presentes na parte diversificada do currículo, os índices do Ideb no Ensino Médio, desde 2011 não atingem as metas estabelecidas.

Figura 6 - Evolução do Ideb no Acre

LEGENDA		 Bateu a meta	 Não bateu a meta		
Ano	Ensino fundamental I (1º ao 5º ano)		Ensino fundamental II (6º ao 9º ano)		Ensino médio
2005	 3,4		 3,5		 3,2
2007	 3,8		 3,8		 3,5
2009	 4,3		 4,1		 3,5
2011	 4,6		 4,2		 3,4
2013	 5,1		 4,4		 3,4
2015	 5,4		 4,5		 3,6
2021 (META)	 5,7		 5,5		 5,0

Fonte: Ideb/Inep - Foto: Editoria de Arte/G1 -2015

No Acre o ensino médio, depois de dois anos de queda e estagnação, o estado voltou a melhorar seu índice, mas ainda está a meio ponto da sua meta.

Embora saibamos que este único indicador, isoladamente, não dá conta de representar os índices reais da educação oferecida nas instituições, os próprios resultados escolares, como índices de reprovação e abandono, por exemplo, refletem essa realidade.

Outro aspecto que se pode observar no quadro 3 (matriz curricular), é que existe uma carga horária destinada à formação técnica e profissional, pois entende-se que para muitos alunos, principalmente aqueles oriundos de famílias com baixa renda, essa formação técnica e profissional é importante, pois possibilita a entrada no mercado de trabalho. Entretanto, o fato de o aluno estudar e trabalhar pode ser um fator prejudicial à continuidade dos estudos, no que se refere ao ingresso no ensino superior.

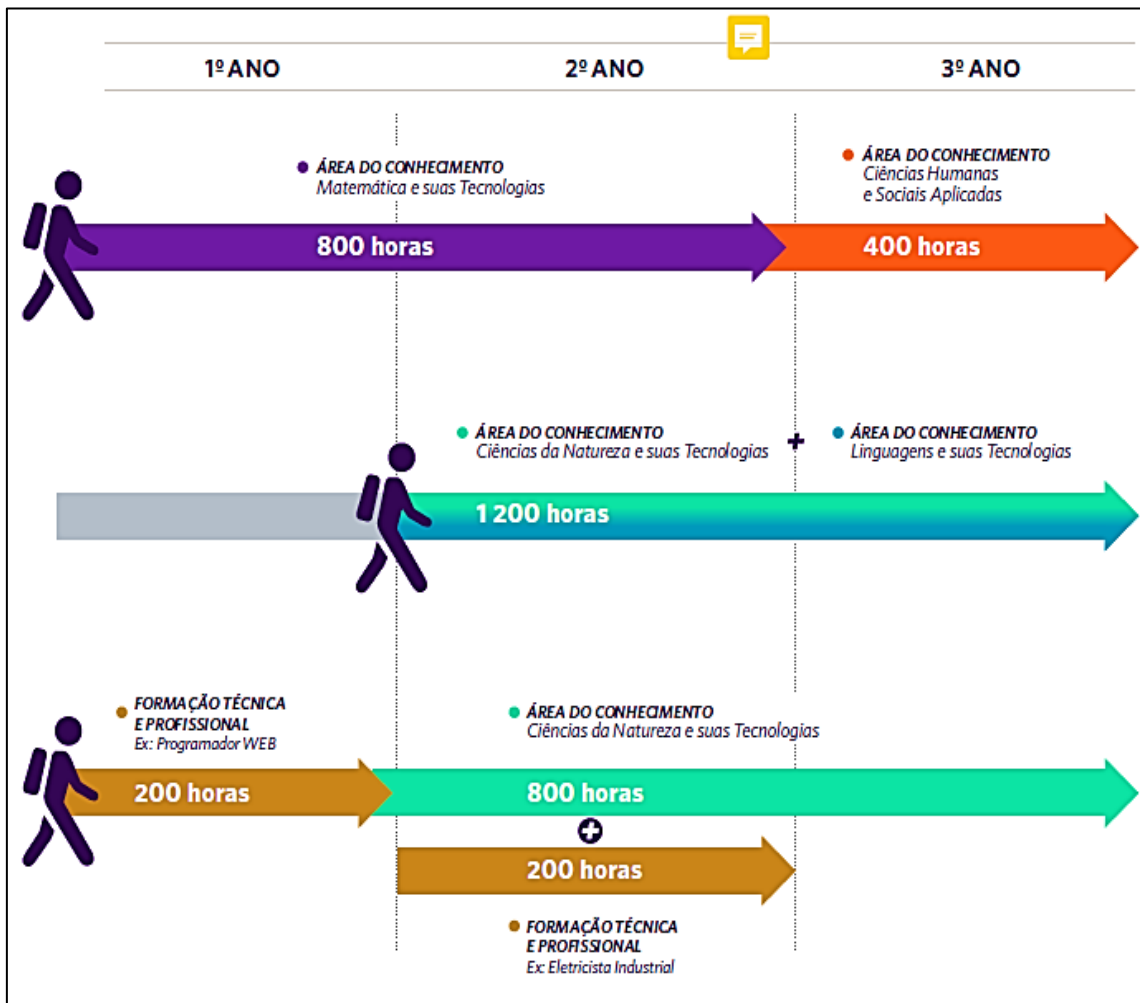
Essas mudanças, de acordo com a resolução do Conselho Estadual de Educação que aprova a matriz do Novo Ensino Médio, serão aplicadas gradualmente, começando pelas turmas de 1º ano das unidades de ensino, a fim de não haver prejuízo para os jovens estudantes que iniciaram o Ensino Médio no modelo anterior.

Os currículos do novo Ensino Médio serão compostos por uma parte que mobiliza os conhecimentos previstos na BNCC (formação geral básica) e pelos itinerários formativos, indissociavelmente.

Os itinerários formativos são o conjunto de unidades curriculares ofertadas pelas escolas e redes de ensino que possibilitam ao estudante aprofundar seus conhecimentos e se preparar para o prosseguimento de estudos ou para o mundo do trabalho. Podem estar organizados por área do conhecimento e formação técnica e profissional ou mobilizar competências e habilidades de diferentes áreas ou da formação técnica e profissional, no caso dos itinerários integrados. Os estudantes podem cursar um ou mais itinerários formativos, de forma concomitante ou sequencial.

As redes terão autonomia para definir os itinerários oferecidos, considerando suas particularidades e os anseios de professores e estudantes. Esses itinerários podem mobilizar todas ou apenas algumas competências específicas da(s) área(s) em que está organizado. Na figura abaixo são apresentados exemplos de itinerários que as redes e escolas podem construir no Novo Ensino Médio.

Figura 7 - Possibilidades para os itinerários formativos



Fonte: MEC - 2018

Assim, conforme apresentado na figura, o Ministério da Educação destaca três exemplos que ilustram algumas das possibilidades de itinerários formativos que podem ser seguidos nas escolas.

EXEMPLO 1 – Neste exemplo, o estudante realiza dois itinerários de forma sequencial. Primeiro um itinerário na área de Matemática e suas Tecnologias e, em seguida, outro na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

EXEMPLO 2 – Neste exemplo, o estudante realiza um único itinerário integrado, que mobiliza conhecimentos de Ciências da Natureza e Linguagens e suas Tecnologias. O estudante faz a escolha pelo itinerário apenas no 2º ano.

EXEMPLO 3 – Neste exemplo, o estudante realiza primeiro uma Formação Técnica e Profissional e, em seguida, realiza um Itinerário na área de Ciência da Natureza e suas Tecnologias e uma Formação Técnica e Profissional concomitante no 2º ano. É possível também cursar dois (ou mais) itinerários de forma paralela sem que eles sejam integrados.

As escolas também podem estabelecer parcerias com outras instituições de ensino e ofertar diferentes itinerários formativos. E no caso da formação técnica e profissional, mesmo estudantes que não optarem inicialmente por esse itinerário podem realizar cursos técnicos ou FICS em escolas credenciadas de sua região. Os critérios para o estabelecimento de parcerias deverão ser definidos pelos sistemas de ensino; já a instituição de origem do aluno será responsável por estabelecer as diretrizes para o acompanhamento dos cursos realizados pelos estudantes em outras organizações.

Portanto, mudanças significativas foram implementadas no Ensino Médio. Buscar-se-á investigar que percepções os jovens têm dela.

4. CAPÍTULO III - SENTIDOS QUE OS JOVENS SUJEITOS DA PESQUISA ATRIBUEM À ESCOLA

Antes de se abordar os sentidos que os sujeitos da pesquisa atribuem à escola, faz-se necessário trazer alguns apontamentos a respeito deste termo. Sentido, na concepção popular, é uma palavra que representa um significado atribuído a algo. Porém, sua definição é mais complexa do que isso. Segundo Vygotsky (1934, p.465)

O sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata.

Portanto, entende-se que “sentido”, uma categoria importante neste trabalho, se constitui através de relações sociais, da construção histórica e cultural. É muito mais abrangente do que apenas dar significado a alguma coisa. É dinâmico, pois depende das interações socioeconômicas, culturais e históricas, e podem estabelecer novas possibilidades de compreensão dos próprios processos de significação.

Por isso, para compreender os sentidos que os jovens sujeitos da pesquisa atribuem à escola em que estudam, fez-se necessário compreender todo o contexto socioeconômico, histórico e cultural no qual estão inseridos, além de analisar as percepções que têm de si mesmos.

Assim, neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa a partir da análise dos dados obtidos por meio da aplicação de questionário para 80 jovens, sendo 20 jovens de escola semi-integral e 60 de escola de ensino regular, de diferentes séries (1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio), bem como do diálogo com os sujeitos da pesquisa que participaram do grupo focal (10 da escola federal e 12 da escola estadual). Após a descrição das tabelas, gráficos, quadros, figuras e falas, se procedeu com a análise, para qual ancorou-se nos suportes teóricos já apresentados anteriormente neste trabalho.

Para melhor compreensão da análise, os resultados serão organizados e discutidos em quatro eixos, conforme foi verificado na observação das categorias abordadas. O eixo da construção do perfil dos jovens; o eixo da percepção que têm

de si mesmos; o eixo dos sentidos que eles atribuem à escola, como a reconhecem e o que ela ensina; e o último eixo que abordará as perspectivas dos jovens, na medida em que apontarão mudanças que gostariam que ocorressem não apenas na escola, mas também no Ensino Médio.

4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Nesta seção do texto apresentaremos os dados pessoais e algumas particularidades dos jovens participantes da pesquisa, tais como atividades por eles desenvolvidas, escolaridade dos pais, renda, dentre outras. O quadro abaixo evidencia os percentuais relativos à amostra, caracterizando os jovens que responderam ao questionário.

Tabela 6 – Caracterização dos jovens participantes da pesquisa

SEXO		ESTADO CIVIL		IDADE (ANOS)				
MASCULINO	FEMININO	SOLTEIRO	CASADO	15	16	17	18	19
35%	65%	95%	5%	32%	25%	23%	17%	3%

Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Através da leitura dos resultados coletados e apresentados no quadro acima, é possível observar que a maior parte dos alunos é composta pelo sexo feminino, são solteiros e estão, em sua maioria, na faixa etária de 15 a 18 anos. Essa predominância de mulheres também é verificada em outros estados brasileiros, segundo informações do INEP, em que a presença feminina na última etapa da escolarização básica supera a masculina.

Além disso, a grande maioria dos respondentes do questionário mora com os pais (46%) ou apenas com um dos pais (37%). Um pequeno percentual mora com avós/tios (9%) ou irmãos (8%). De toda a amostra, apenas três alunas se declararam casadas (não legalmente), portanto vivem com seus companheiros. Este resultado, que apresenta quase metade dos jovens morando com ambos os pais, em certa

medida nos surpreende, pois nos dias atuais muito se comenta a respeito da desestrutura da “família tradicional” e como isto afeta o desempenho escolar dos alunos, haja vista que sem a presença de um dos pais, o outro fica sobrecarregado, comprometendo o acompanhamento do filho na escola. Entretanto, cabe refletir se o que mais afeta o desempenho no processo de aprendizagem do estudante jovem é a não participação dos pais na vida escolar, ou conviver com ambos ou com apenas um deles. A esse respeito, durante as conversas no grupo focal, o participante relatou:

“A minha mãe nunca vem na escola porque ela trabalha muito. Nem minhas notas ela vem buscar, pois não tem tempo. Mas se eu tirar uma nota muito baixa ela fica brava. Na verdade, eu faço tudo sozinho, arrumo a casa, almoço sozinho, faço os trabalhos da escola sozinho, e quando estou com preguiça não venho pra aula, não faço as tarefas, não tenho fiscalização. Mas me considero um bom aluno. Porque é tipo assim: minha mãe fiscaliza de longe.”
(Jovem F5)

Na realidade, o que se sabe é que, na atualidade, tanto família quanto escola estão passando por profundas transformações, portanto é necessário que ambas acompanhem estas mudanças de forma conjunta, em benefício dos alunos jovens. Assim, é dever dos pais buscar a interação com a escola, o diálogo com os educadores para que se promovam as iniciativas que vão de encontro às necessidades dos educandos e, é papel da escola facilitar este acesso, ter iniciativa de propostas de interação.

“Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência” (OSORIO, 1996, p.82)

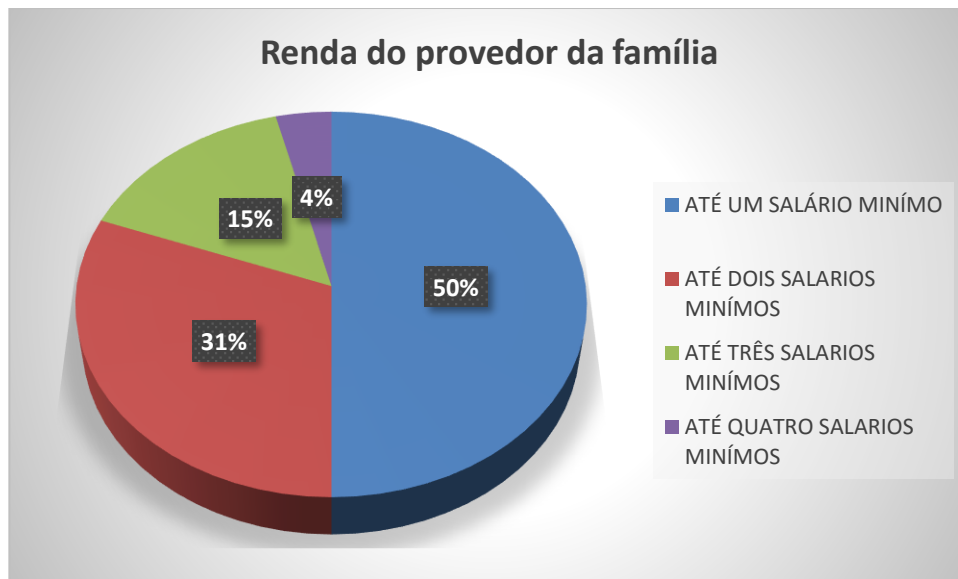
Ou seja, faz-se necessário que cada um desempenhe o seu papel. Por isso, é importante que a escola faça um trabalho de orientação aos familiares, pois o que urge nos nossos dias é a interação entre ambas, promovendo uma maior eficiência na educação e ensino dos jovens.

Ao indagarmos sobre a escolaridade do principal provedor da família, deparamo-nos com o resultado de que 28% deles não concluíram o ensino fundamental. Este fato nos surpreende, pois, a maioria dos pais está na faixa etária dos 40 anos e poderiam estar participando dos programas de educação de jovens e adultos. Entretanto, para entender essa dinâmica seria necessário um

aprofundamento da pesquisa neste aspecto, o que não é nosso objetivo nesse momento.

Com relação à renda do principal provedor da família o resultado foi o seguinte.

Gráfico 4- Renda do principal provedor da família



Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

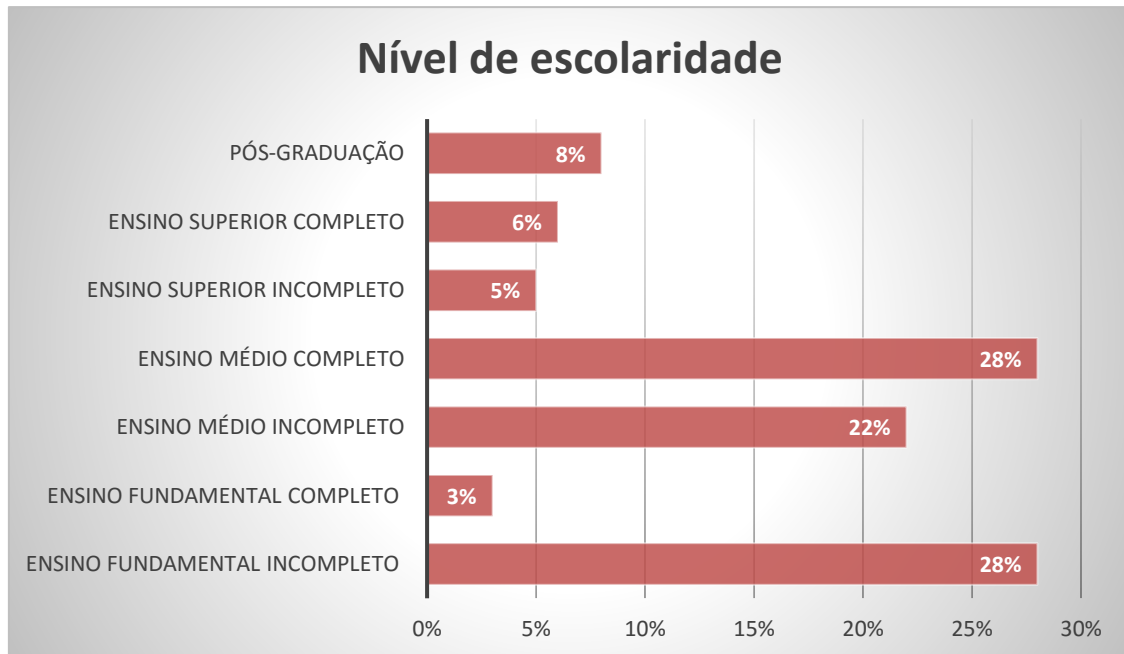
Os dados evidenciam que o principal provedor da família, ou seja, a pessoa responsável pelo grupo familiar dos jovens, apresenta, em sua maioria, uma renda baixa, em torno de um salário-mínimo (50%) e de até dois salários-mínimos (31%). Considerando este aspecto, a baixa renda familiar leva o jovem a ingressar mais cedo no mercado de trabalho e, conseqüentemente, ter menos tempo para os estudos. Um dos jovens participantes relatou a este respeito:

“Eu preciso trabalhar pra ajudar em casa, porque minha mãe não pode ficar comprando roupas, sapatos, ou outras coisas que eu gosto. Mas eu não compro apenas coisas pra mim, com o meu dinheiro. Eu também ajudo com as despesas da casa.” (Jovem E5)

Pelo fato de trabalharem, estudarem e ajudarem nas despesas domésticas, neste aspecto os jovens, nesta condição, afirmam se sentir adultos, pois para eles, juventude seria uma etapa da vida de curtição e despreocupações.

Ao se comparar a renda do principal provedor da família com seu nível de escolaridade, vê-se que a baixa renda, na maioria dos casos, está relacionada ao nível de escolaridade, que também é baixo.

Gráfico 5- Nível de escolaridade do principal responsável pela família

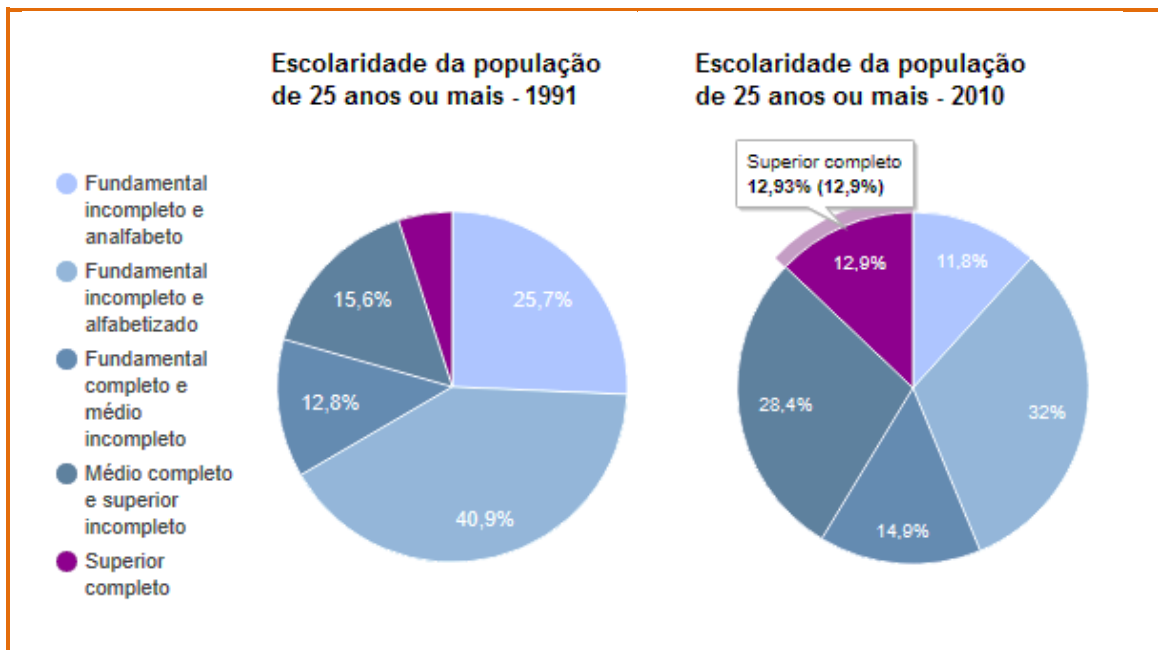


Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

A leitura do gráfico revela que 28% dos responsáveis não concluíram sequer o Ensino Fundamental, 22% não completou o Ensino Médio, e 28% o concluiu. Somando estes resultados, apresentados no gráfico, vê-se que 86% dos responsáveis pelas famílias ficaram retidos na educação básica (em suas várias etapas) e, apenas 14% chegaram a concluir o Ensino Superior.

A experiência internacional indica uma forte correlação entre escolaridade e renda do trabalho. O aumento dos anos de estudos facilita o acesso a melhores oportunidades de trabalho e possibilita maiores rendimentos.

Gráfico 6- Nível de escolaridade da população de Rio Branco



Fonte: PNUD, Ipea e FJP

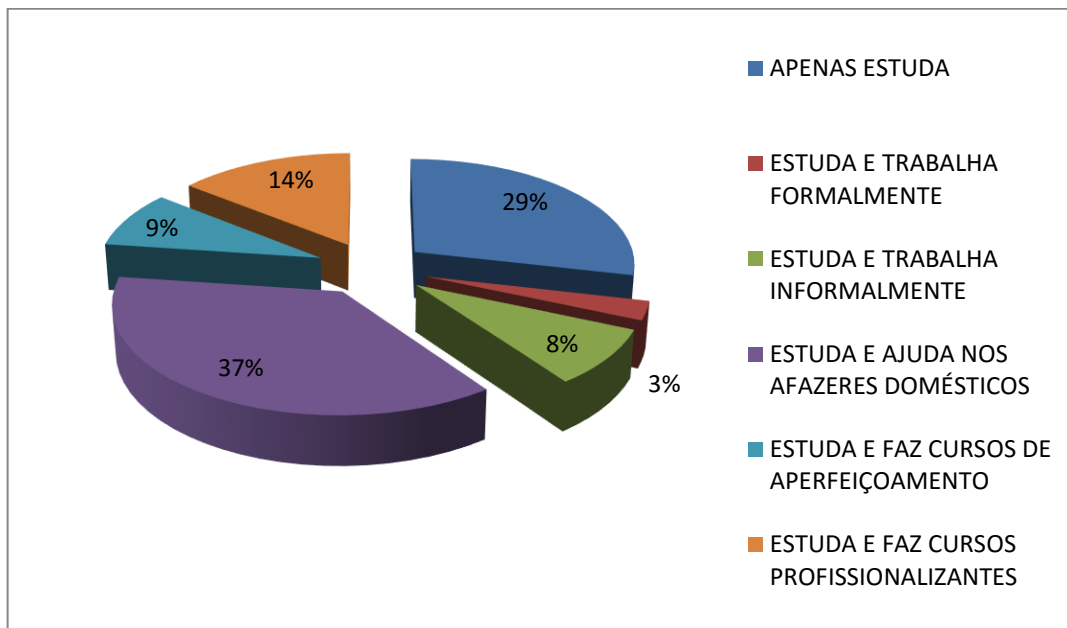
Ao se comparar os dados referentes à escolaridade dos jovens participantes da pesquisa com os resultados apresentados por alguns organismos governamentais e não governamentais, observa-se que os resultados são semelhantes, pois em 2010 apenas 12,93% da população de Rio Branco, havia concluído o ensino superior.

Recentemente, estudo do Banco Central avaliou a incidência desse fenômeno no Brasil, a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Ao analisar os efeitos da evolução da escolaridade brasileira sobre os rendimentos do trabalho, constatou-se que, entre 2012 e 2018, houve um acréscimo médio de 12% sobre a renda por força do aumento dos anos de estudo.

Este fato evidencia que a educação é um fator indispensável para que haja desenvolvimento econômico.

Os jovens quando questionados sobre as atividades que realizam no seu dia a dia, apresentaram os seguintes resultados:

Gráfico 7- As atividades exercidas pelos jovens, além de estudar



Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Analisando o gráfico percebe-se que um percentual significativo de jovens estuda e ajuda nos afazeres domésticos (37%), outro grupo considerável, apenas estuda (29%). Poucos trabalham (formal e informalmente) e estudam (11%). Porém, mesmo exercendo atividades quase que exclusivamente destinadas ao estudo, a grande maioria não dedica o tempo ocioso aos estudos, dedicando-se a ele apenas de 2 a 4 horas semanais, como o gráfico evidencia. A respeito deste assunto, Silva destaca:

Uma das características peculiares desta etapa da educação básica é sua heterogeneidade, atendendo estudantes de diversas origens sociais, etnias, grupos etários, de gênero, sexualidade, religiosidade, territoriais etc. Além disso, uma parcela significativa dos estudantes faz parte da população economicamente ativa do país, ou seja, temos mais jovens trabalhando e estudando do que apenas estudando, ou que não trabalham nem estudam. (Silva p. 33)

No grupo focal, quando indagados sobre o porquê de dedicarem tão pouco tempo aos estudos, quando pesquisas comprovam que quanto mais se estuda maiores as chances de conseguir uma vaga no ensino superior público, eles relataram.

“Acho que é a procrastinação mesmo. A gente vai adiando, naquela velha conversa: tem muito tempo, amanhã eu faço. E nisso, o tempo vai passando.”
(Jovem F8)

“É a preguiça que não deixa. Eu fico no celular, no computador, aí dá uma preguiça de estudar. Eu sei que se eu não estudar, não irei passar, mas mesmo assim, não estudo.” (Jovem F7)

“Eu trabalho e estudo, então fico muito cansada. Daí dá preguiça de estudar.” (Jovem E6)

Percebe-se que os jovens reconhecem a importância do estudo, entretanto falta disposição em mudar de atitude e fazer o que dele é esperado. Alguns deles acreditam que terão tempo para realizar os estudos e vão adiando. Outros, porém, necessitam trabalhar para complementar a renda familiar ou custear seus estudos (gastos com transporte, material escolar, lanches, dentre outros).

A tabela a seguir traz informações a respeito do jovem e o trabalho.

Tabela- 7 – População jovem segundo ocupação - 2010

OCUPAÇÃO	15 A 17 ANOS		18 A 24 ANOS		25 A 29 ANOS		POPULAÇÃO JOVEM (15 A 29 ANOS)	
	Nº DE PESSOAS	%	Nº DE PESSOAS	%	Nº DE PESSOAS	%	Nº DE PESSOAS	%
Estuda	31.752	65,59	17.891	18,09	4.170	6,19	53.813	25,06
Estuda e Trabalha	5.896	12,18	12.798	12,94	7.226	10,72	25.919	12,07
Trabalha	2.750	5,68	36.045	36,44	36.673	54,40	75.468	35,14
Não Estuda e Não Trabalha	8.014	16,55	32.172	32,53	19.349	28,70	59.536	27,73
TOTAL	48.412	100	98.906	100	67.418	100	214.736	100

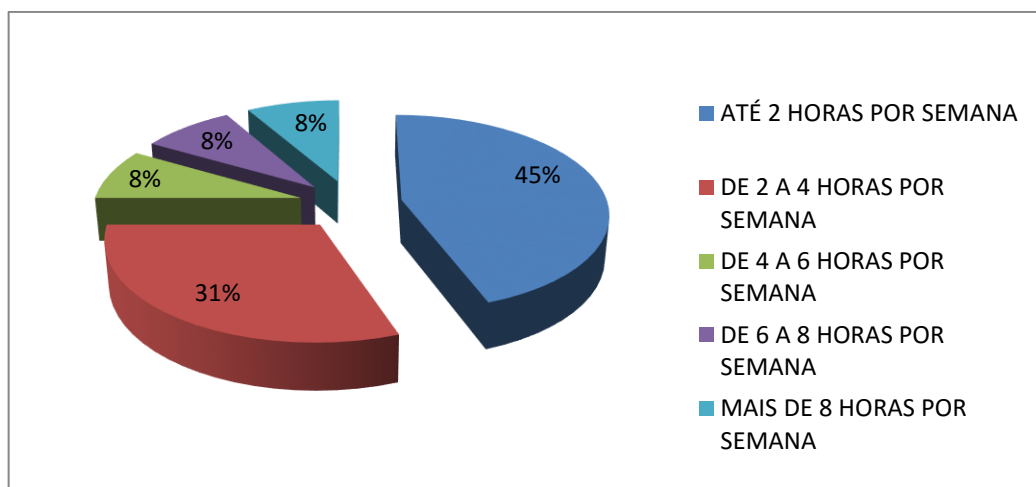
Fonte: Censo 2010

Elaboração Instituto Unibanco – Gerência de Gestão do Conhecimento.

A leitura da tabela aponta que um percentual significativo de jovens, que ainda estão cursando o Ensino Médio, trabalha e estuda. Como apontaram os depoimentos desses sujeitos no grupo focal, devido ao cansaço da dupla jornada, não encontram disposição para dedicar mais horas aos estudos.

Diante desses fatos verifiquemos, pois, o tempo que os sujeitos da pesquisa gastam com as tarefas escolares e a atividade de estudo.

Gráfico 8 - Tempo gasto com estudo e tarefas escolares em casa



Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Vê-se que o tempo que os jovens dedicam às tarefas escolares, não é considerado adequado, pois conforme indicam os depoimentos de alunos que conseguiram uma vaga nas principais universidades e cursos mais concorridos, o tempo de estudo para quem deseja ingressar no Ensino Superior Público deve ser de, no mínimo 46 horas semanais.

Um estudo recente, orientado pela Kaiser Family Foundation, descobriu que jovens dos oito aos dezoito anos gastam agora mais de sete horas e meia por dia com smartphones, computadores, televisores e outros instrumentos eletrônicos, em comparação com as menos de seis horas e meia de cinco anos atrás. Quando se acrescenta o tempo adicional que os jovens passam postando textos, falando em seus celulares ou realizando múltiplas tarefas, tais como ver TV enquanto atualizam o Facebook, o número sobe para um total de onze horas de conteúdo de mídia por dia. (BAUMAM, 2013 p. 33)

Os jovens de hoje nasceram num mundo em que os aparelhos tecnológicos são importantes ferramentas que auxiliam as atividades cotidianas. É a geração dos smartphones, computadores, televisores e outros instrumentos eletrônicos. Contudo, deve-se orientá-los a utilizá-los em seu favor e não contra.

O uso de aparelhos celulares em sala de aula é uma das atitudes que os professores mais reclamam sobre os alunos. Pois tira a concentração do que está sendo ensinado. Mas a tecnologia faz parte desse mundo em que o jovem cresceu. Talvez seja mais conveniente dá um uso adequado às tecnologias em sala de aula do que tentar impedi-los de usá-la.

4.2. PERCEPÇÕES QUE OS JOVENS TÊM DE SI MESMOS

Ao tratarmos sobre o jovem e a percepção que ele tem da escola em que estuda, consideramos necessário indagá-los sobre sua autopercepção da juventude ou como o jovem se vê e o que pensa de si mesmo. Para esta pergunta, realmente 100% deles se considera jovem, segundo a pesquisa. As principais justificativas para se considerarem jovens, segundo os entrevistados, são: encontram-se na faixa etária de jovens; são dependentes dos pais ou outros responsáveis; têm pouca experiência de vida; São menores; não têm responsabilidades; têm uma vida inteira pela frente; dentre outras. Algumas de suas respostas foram agrupadas considerando os tipos de percepções.

Percepção 1- Juventude entendida como uma fase da vida. Ponto de vista cronológico.

Ao abordamos este aspecto como os jovens no grupo focal, alguns afirmaram:

“Eu sou jovem pela minha idade. Ainda sou de menor e vivo com meus pais.” (Jovem E1)

“Eu me considero jovem porque tenho a vida inteira pela frente. Ainda sou muito novo.” (Jovem E3)

“Sou jovem porque não sou nem criança, nem adulto.” (Jovem E 5)

Para a maioria das pessoas, juventude é sinônimo de transição, é uma fase da vida. Considerando esta percepção verifica-se que alguns jovens participantes também enveredam por esse caminho. Veem a juventude sob um aspecto cronológico, que passará a medida em que ficarem mais velhos.

Percepção 2- Juventude entendida como um conjunto de atitudes.

Alguns dos participantes da pesquisa compreendem a juventude a partir das atitudes, dos comportamentos, da forma de ser e viver. Assim, destacaram:

“Eu me considero jovem pela minha personalidade, tipo assim sou alegre e divertida, mas como trabalho de manhã e à tarde vou para escola, à noite fico em casa ou vou pra igreja, eu tenho responsabilidades, muitas vezes abro mão de algo que eu quero pra ajudar em casa, por esse lado não me considero jovem.” (Jovem E5)

“Pra mim ser jovem é não ter responsabilidade. Tipo assim, não tem que se preocupar em comprar roupa, pagar contas, sem preocupações. Falta aula, perde prova e não tá nem aí. Jovem pra mim é quem não trabalha e acha tudo muito fácil, não se preocupa e se diverte.” (Jovem F9)

Dessa forma compreendem a juventude como uma etapa da vida de despreocupações e irresponsabilidades.

Percepção 3- Juventude entendida enquanto construção de uma identidade socioeconômica e cultural.

Considerando a forma como os jovens se veem, compreende-se que parte dos participantes entendem a juventude como uma fase de construção de sua identidade, de construírem seus projetos de vida e traçar os caminhos a serem percorridos, que poderão lhes propiciar uma melhoria das condições socioeconômicas e culturais.

“Ser jovem pra mim é difícil porque a sociedade te cobra. Ao mesmo tempo você tem que agir como criança, como adulto, como jovem. Nem todos tem as mesmas condições.” (Jovem F4)

“A Juventude é uma fase de descobertas e de escolhas. Momento em que a gente define o caminho que quer seguir, se vai ser um caminho que vai nos proporcionar coisas boas, como estudo e trabalho ou coisas ruins. Isso depende de que visão de mundo você tem e como você vê a vida.” (Jovem F7)

Assim, a juventude, para eles é um momento de transformação pessoal com perspectivas de mudanças sociais para o futuro. Período de experimentações e definições sobre a própria pessoa, seus interesses, projetos e relações com o mundo ao redor.

Observa-se, então, que os jovens se veem sobre diversos aspectos. Portanto, segundo Silva (2016, p. 20), quando pensamos nos estudantes do Ensino Médio nos referimos a sujeitos das diferentes juventudes que estão em processo de construção de suas identidades. Por isso, há a necessidade de entendê-los como indivíduos no contexto de suas diversidades. Destaca, ainda,

Não é possível pensar uma escola que atenda aos sujeitos em sua integridade sem reconhecer quem são esses sujeitos e, também, tê-los como modelos e padrões idealizados contraditoriamente aos sujeitos concretos que têm frequentado a escola de Ensino Médio. (SILVA, 2016, p. 35)

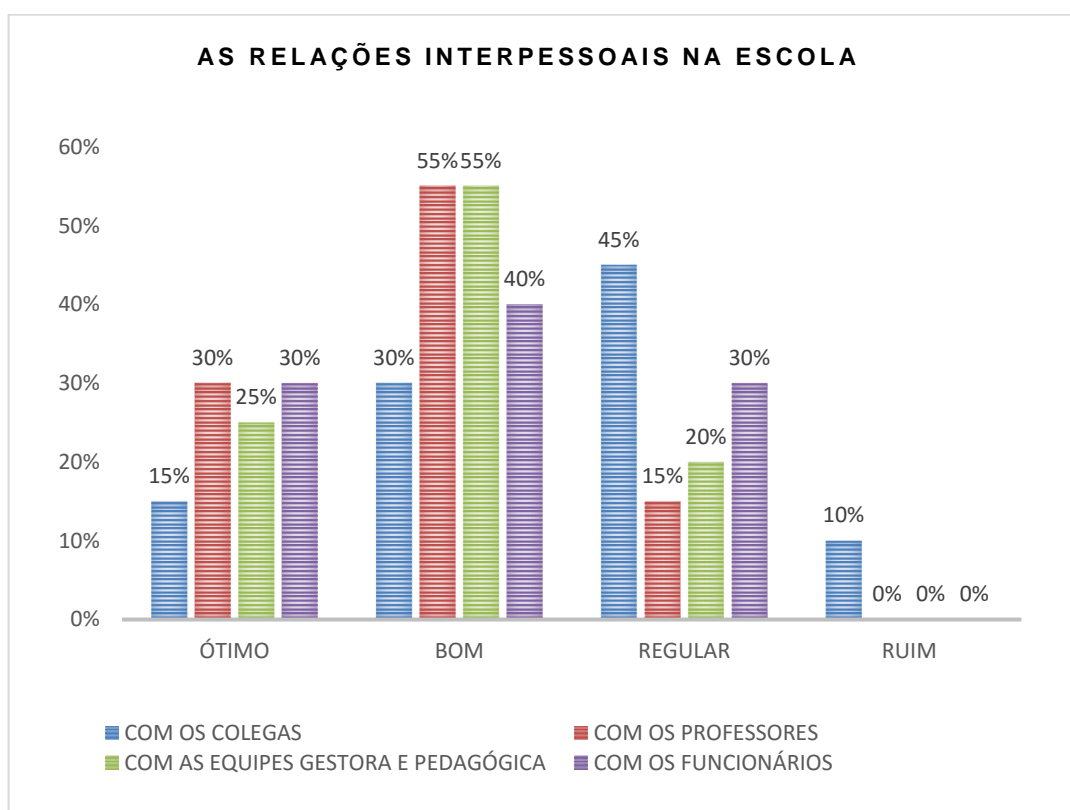
Portanto, generalizar este grupo social sob um mesmo olhar, é desconsiderar suas especificidades. A escola ainda tem uma perspectiva limitada sobre essas

especificidades e estabelece um modelo a partir de padrões preestabelecidos, desconsiderando a diversidade que é esse universo dos jovens.

Outro aspecto importante que se pode apresentar quando se trata das percepções que os jovens têm de si mesmos é a respeito da forma que se relacionam com os outros sujeitos do ambiente escolar.

Quando indagado aos sujeitos da pesquisa de que forma eles avaliavam os aspectos relativos às relações interpessoais no ambiente escolar os seguintes dados foram apresentados:

Gráfico 9- Aspectos referentes às relações interpessoais no ambiente escolar



Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Quando se trata das relações interpessoais dos jovens muito já associam à mediação de conflitos, reações violentas e rebeldia (apesar de estes aspectos estarem associados a certa época, a um meio social, a circunstâncias particulares), sobretudo no ambiente escolar. É certo que a juventude apresenta um comportamento um pouco indisciplinado, mas isto não deve ser caracterizado como violência. Entretanto, a indisciplinada, dentre outros fatores, pode ocasionar atos violentos.

Contudo, o gráfico acima demonstra que, de modo geral, os sujeitos da pesquisa apresentam um bom relacionamento com os demais integrantes da comunidade escolar.

Os jovens apontaram que se relacionam melhor com os professores (ótimo 30% e bom 55%). O mesmo foi verificado com relação aos coordenadores e gestores (ótimo 25% e bom 55%). Os sujeitos demonstraram ter mais dificuldade de se relacionar com os colegas (ruim 10% e regular 45%).

No grupo focal, quando indagados sobre os motivos que os levam a ter mais dificuldade de se relacionarem com os colegas, responderam:

“Eu tenho um bom relacionamento com todo mundo, não gosto de confusão. Mas tem colega que é muito bagunceiro e atrapalha a aula. O professor não fala nada, e quando alguém vai falar alguma coisa, a confusão começa.” (Jovem E12)

“Meus colegas são legais, mas eu prefiro conversar com as tias do corredor e com os professores. Têm uns meninos mal-encarados, prefiro não conversar com eles.” (Jovem E9)

“Tem uns meninos muito mal-educados, não respeitam os outros. Fazem brincadeiras de mal gosto e põem apelido nos outros”. (Jovem F3)

“Acho meus colegas muito imaturos. Prefiro ficar conversando com os professores ou outras pessoas adultas.” (Jovem E5)

“Acho que os professores deveriam fazer mais atividades de interação entre os alunos. Fica cada um no seu grupo. É muito chato.” (Jovem F5)

As falas, ao serem analisadas, demonstram que não é necessariamente a violência entre os jovens que dificulta a inter-relação, mas a indisciplina, a imaturidade e a ausência de interação entre eles. Como eles afirmaram gostar muito do intervalo na escola e de atividades práticas, talvez este seja um caminho que possa contribuir para essa melhor interação.

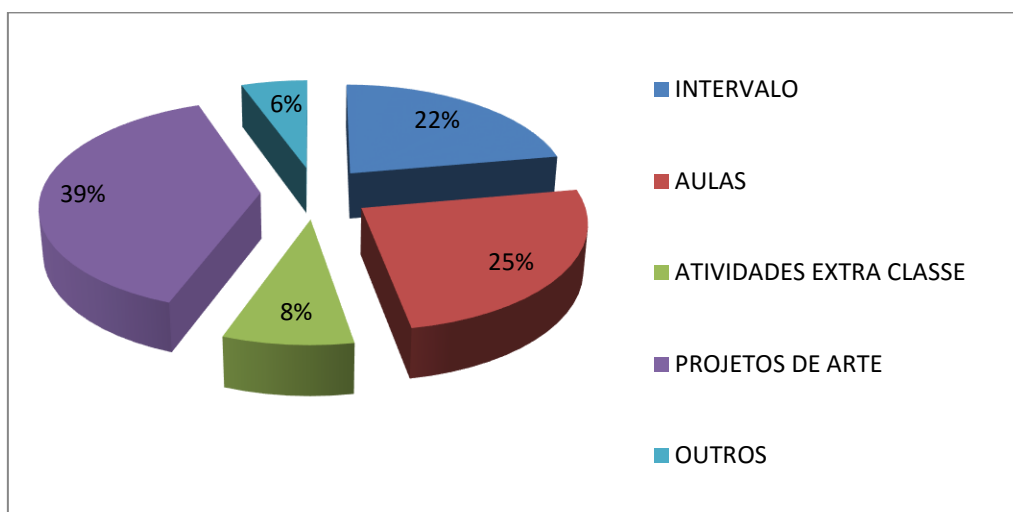
4.3. COMO OS JOVENS VÊM A ESCOLA

Muito se especula sobre a percepção que o jovem tem da escola, da sala de aula e da prática do professor, entretanto, como foi apresentado na parte inicial do presente trabalho, pouco se tem pesquisado sobre esse tema. Assim, consideramos

importante tratar desde aspecto, apresentando os resultados obtidos através da pesquisa.

No questionário aplicado aos jovens estudantes, foi perguntado sobre o que mais gostam na escola e, das categorias elencadas, os projetos de arte (39%) foram os que apresentaram maior preferência, seguido das aulas (25%) e do intervalo (22%), conforme ficou evidenciado a partir dos resultados apresentados no gráfico abaixo.

Gráfico 10 - Do que mais gosta na escola



Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Os jovens gostam de muitas coisas na escola, dentre elas preferem o intervalo, pois é um momento em que podem interagir com os amigos e funcionários com os quais têm afinidades, usar o celular, paquerar, etc. Verificar este aspecto é importante como um ponto de reflexão, já que pouco se valoriza este momento na escola. Silva, (2016, p. 39) destaca que “é importante reconhecer que a escola é um espaço de intensa interação dos sujeitos que a frequentam, e nesse processo de interação também é possível elaborar conhecimentos e adquirir novos saberes”. Então, porque não explorar este momento, prazeroso ao jovem, e dar-lhe um novo significado? Cabe às instituições escolares repensar isso.

As aulas também são preferidas por 25% dos jovens, apesar de demonstrarem certa insatisfação com as metodologias utilizadas por grande parte dos professores, como ficou evidente na fala de alguns alunos.

“As aulas parecem um ciclo vicioso: senta, escreve, escuta explicação. Com essa forma de dar aula, um minuto parece uma hora.” (Jovem F1)

Através do gráfico verifica-se que 39% dos jovens preferem as atividades relacionadas a projetos envolvendo arte, apesar de não preferirem a área de códigos e linguagens, como visto anteriormente, preferida por apenas 16% dos jovens, o que nos levar a entender que os mesmos preferem o prático ao teórico. Eles destacaram que as aulas de arte são mais dinâmicas, pois envolvem projetos, tira-os da sala, já as outras, como português (disciplina que, assim como arte, educação física e língua estrangeira, compõe a área de códigos e linguagens) são muito maçantes e desestimulantes.

“É muito chato o aluno chegar na sala sentar, ouvir a explicação do professor e depois pegar o livro e o caderno e começar a fazer a atividade. Ninguém nem aprende direito.” (Jovem E2)

Um detalhe interessante nessa categoria é que, mesmo havendo espaço para os jovens responderem a preferência por outras atividades, como a esportiva, por exemplo, esta não foi escolhida pelos mesmos. Alguns, na opção “outros”, responderam preferir as atividades de leitura e apresentação de seminários.

Os jovens estando em uma fase da vida em que tudo ocorre de forma intensa e rápida, também preferem uma abordagem metodológica que dê certa ênfase aos aspectos mais práticos da aula, que promova a interação entre eles e que dê sentido ao que estão estudando, e destacam,

“Tudo bem que em determinados momentos o professor dê uma aula mais tradicional, com explicação no quadro e exercícios no caderno, mas só isso cansa, desestimula. Também queremos uma aula mais dinâmica, criativa, que nos tire da cadeira e da sala de aula.” (Jovem F2)

“Eu adoro a aula da professora de arte porque ela é muito show. A gente escuta música, ela tira a gente da sala de aula e usa outros espaços da escola, a gente aprende praticando, não é chato.” (Jovem F4)

“A gente precisa de uma aula mais dinâmica, como da professora de arte. Isso até ajuda os alunos a interagirem mais. Nas aulas normais fica cada um formando seu grupinho, não tem interação. Não precisa ser só na aula de arte, nas outras disciplinas têm tantas coisas práticas que podem ser feitas.” (Jovem F8)

Os jovens por estarem em uma fase da vida em que tudo ocorre de forma intensa e rápida, preferem uma abordagem mais prática.

Com relação à área de conhecimento que mais gostam de estudar, destacaram a área de humanas (40%), seguida de ciências da natureza (26%), depois a área de matemática (18%) e por último a área de código e linguagens (16%).

Durante o processo de pesquisa, o que se observou foi que os jovens se identificam com a disciplina e a preferem quando também gostam do professor que a ministra. Existe uma forte relação entre gostar da disciplina à medida que gostam do professor, de sua prática. Contudo, é evidente, que isto não é regra geral.

Saviani (1984, p.2) destaca que *“a atividade de ensino, a aula, por exemplo, é alguma coisa que supõe, ao mesmo tempo, a presença do professor e a presença do aluno”*. Depreende-se disto, que essa presença se verifica pela efetiva participação do aluno na aula. Entretanto, o que se percebe através das falas dos jovens é que a presença do aluno, em dado momento, é apenas física, pois ele não encontra sentido no que está acontecendo na sala de aula. O autor destaca, ainda, que *“o ato de dar aula é inseparável da produção desse ato e de seu consumo. A aula é, pois, produzida e consumida ao mesmo tempo produzida pelo professor e consumida pelos alunos”* (1984, p.2). Ou seja, se o aluno não está presente na sala de aula de corpo e mente, se ele não encontra sentido naquilo que está sendo propiciado pelo professor, não se interessa pelo que está sendo proposto e ensinado, o ato de dar aula se esvai de sua intencionalidade. O processo ensino- aprendizagem não acontece, ou fica comprometido, e para que isto não ocorra, segundo Saviani deve-se compreender que

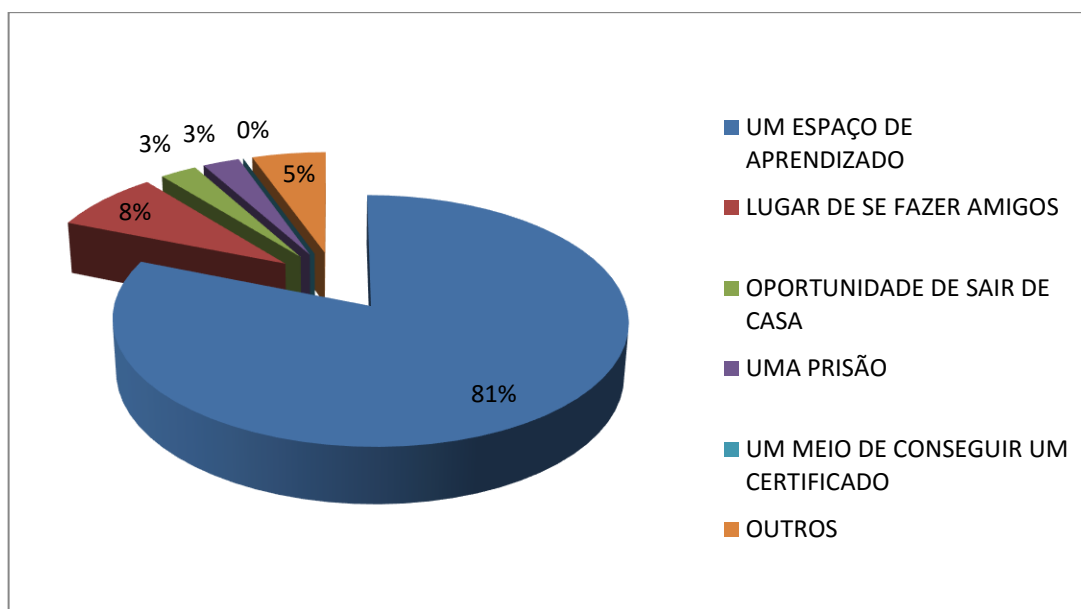
O objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se formem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 1984, p.3)

Assim, cabe ao professor (e à escola como um todo), encontrar os procedimentos e práticas que melhor se adéquem ao perfil dos jovens alunos que a frequentam, a fim de que esta cumpra com sua função que é possibilitar o acesso a um saber elaborado (ciência).

A escola para o jovem é um espaço onde eles se sentem à vontade para exercitar suas vivências e convivências. É nesse ambiente em que se dão as relações, que o jovem questiona valores, regras e começa a construir seu projeto de vida. Apesar de ouvirmos muitas vezes a expressão do tipo “esses jovens não querem

saber de nada, não querem estudar”, através do gráfico abaixo produzido do questionário aplicado aos mesmos, aponta como eles veem a escola.

Gráfico 11 - Como vê a escola?

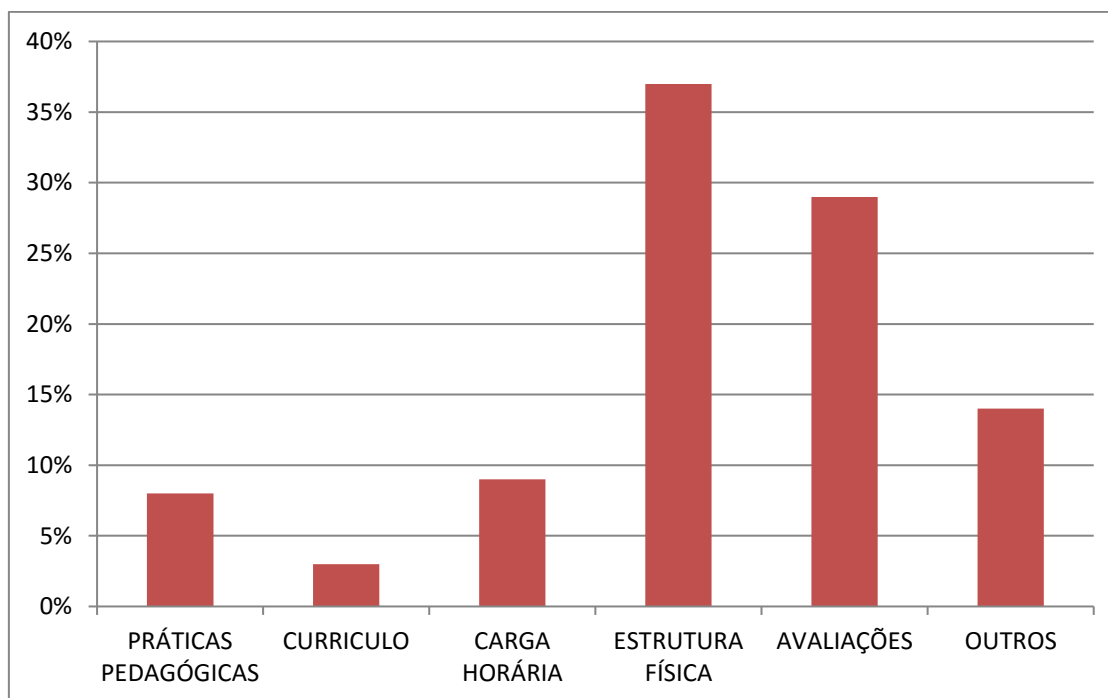


Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Os resultados demonstram que eles veem a escola como um espaço de aprendizado (81%). Com isto, pensa-se que eles sabem que a escola é instituição que irá proporcionar os elementos teórico-científicos necessários para a realização de seus projetos de vida, já que um grande percentual deles deseja ingressar no ensino superior. Contudo, sabe-se que a escola vivencia cotidianamente conflitos envolvendo jovens que “não querem saber de nada”, que não se interessam pelo o que está sendo ensinado pelo professor, nem respeitam as regras disciplinares, tiram notas baixas, dedicam pouco tempo aos estudos, dentre outras situações. Isto evidencia que, apesar deles saberem que a escola é um espaço de aprendizado, eles não compreendem a importância do seu papel para que a efetivação do aprendizado aconteça. Entretanto este não é o único fator para sua falta de interesse.

Ao perguntarmos o que os jovens mudariam na escola, verificamos que a estrutura física, que envolve principalmente laboratórios e bibliotecas, alcançou o percentual de 37% e as avaliações 29%. O currículo foi o elemento em que os jovens menos mudariam na escola, apenas 3%.

Gráfico 12- O que mudaria na escola



Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Os dados evidenciaram a preocupação com a parte física da escola (37%). Talvez isto ocorra porque sob o olhar do aluno este aspecto é mais facilmente percebido, pois os prédios das escolas onde estudam os sujeitos da pesquisa, sobretudo da instituição federal, realmente apresenta falhas visíveis em sua estrutura.

No grupo focal a fala dos jovens evidenciaram este aspecto:

“Esse prédio está tão velho que vejo a hora cair em nossas cabeças. Tem muita coisa que precisa ser concertada.” (Jovem F2)

“Puxa, nessa escola a gente não tem um laboratório que preste, nem de informática, nem de ciências. A gente só fica na sala de aula. Aí tem hora que cansa.” (Jovem E1)

Carteiras danificadas, quadros brancos machados, quadra de esportes necessitando de reparos, falta de laboratórios, bibliotecas pouco equipadas, geram relativo desconforto não apenas aos alunos, mas também aos professores, e trazem um certo prejuízo ao aprendizado. O desconforto também pode contribuir para gerar

indisciplina, já que uma cadeira torta ou um quadro machado, pode contribuir para que o aluno se desconcentre nas aulas e prejudique a aprendizagem.

Com este resultado, verifica-se que o jovem necessita da utilização de outros espaços da escola, e não apenas a sala de aula.

Segundo o Governo Federal, em publicações no Portal do MEC, o Novo Ensino Médio pretende atender às necessidades e às expectativas dos jovens, possibilitando aos estudantes escolher o itinerário formativo no qual desejam aprofundar seus conhecimentos. Também privilegiará um currículo que contemple uma formação geral, orientada pela BNCC, e também itinerários formativos que possibilitem aos estudantes aprofundar seus estudos na(s) área(s) de conhecimento com a(s) qual(is) se identificam ou, ainda, em curso(s) ou habilitações de formação técnica e profissional. Se estas mudanças foram pensadas com intuito de motivar os jovens a serem mais ativos e participativos no processo educativo, preocupa-nos o fato de que a pesquisa revelou, conforme o gráfico acima, que menos de 5% dos estudantes mudariam o currículo e menos de 10% a carga horária, ou seja, os pontos em que o governo, dentre outros, privilegia na Reforma do Ensino Médio, são os que os alunos menos têm interesse em mudar. Entretanto, ao indagarmos aos mesmos, através das conversas no grupo focal, o que é currículo escolar, suas falas foram:

“Currículo é o documento que apresenta as minhas notas, todo o meu histórico escolar.” (Jovem E8)

“O currículo mostra toda a minha vida. Um bom currículo vai me dar uma chance de ter um melhor emprego.” (Jovem E11)

“Currículo escolar é a listagem dos conteúdos que vamos trabalhar durante o ano.” (Jovem F1)

Diante disto, verifica-se que eles não compreendem o que é currículo, um elemento essencial para a transmissão-assimilação do saber sistematizado. Saviani destaca que *“um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria.”* E salienta ainda que num conceito mais abrangente o currículo seria a *“organização do conjunto das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares”* (1984, p. 5). Portanto, a escola deve conscientizar o aluno-jovem da importância do currículo e deixar clara a sua finalidade.

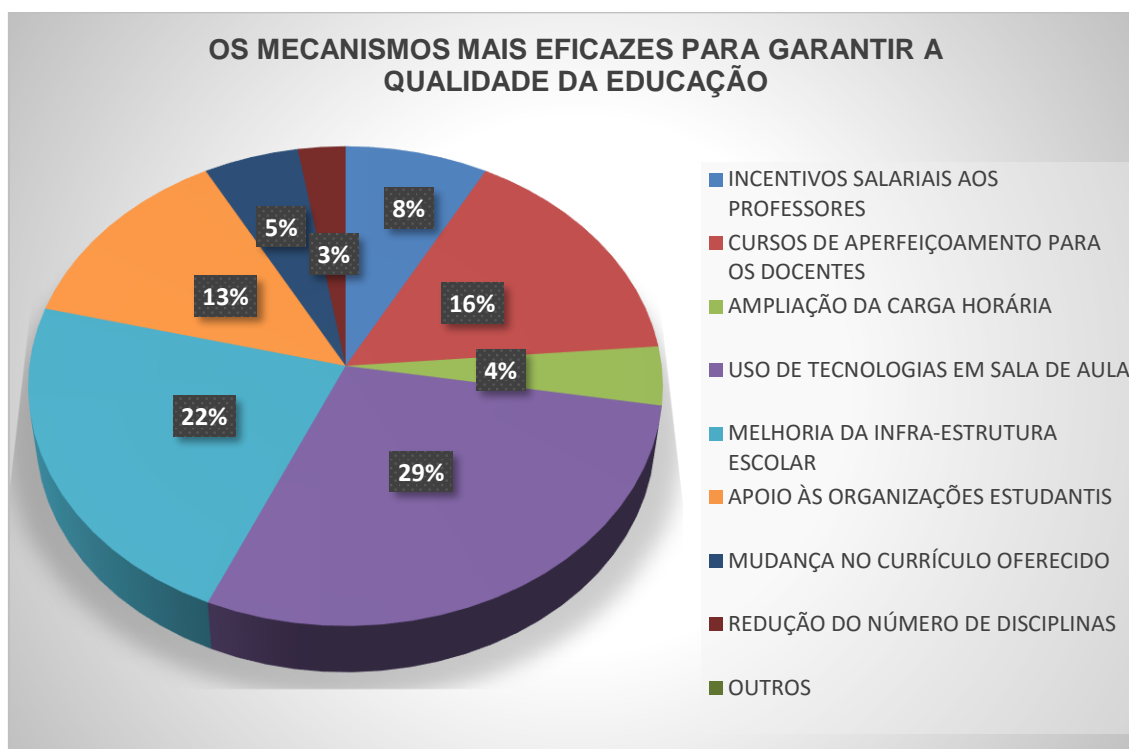
Já com relação à prática pedagógica, verificou-se, através de suas falas como eles a compreendem.

“Prática pedagógica é o que o professor faz na sala. É como ele passa o conteúdo.” (Jovem E8)

“O currículo mostra toda a minha vida. Um bom currículo vai me dar uma chance de ter um melhor emprego.” (Jovem E11)

No questionário, quando indagados a respeito dos mecanismos mais eficazes para garantir a qualidade da educação na escola, os jovens responderam, em sua maioria, que o uso de tecnologia em sala de aula (29%) e melhoria de infraestrutura (22%), são os que mais garantem a qualidade de ensino, conforme apontado no gráfico.

Gráfico 13- Quais os mecanismos que garantem a qualidade da educação



Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Os dados revelam o grande interesse dos alunos em que as novas tecnologias sejam utilizadas com maior frequência em sala de aula e que isso é fator importante

para a qualidade da educação. Aparelhos como tablets, notebooks e celulares¹⁴ já fazem parte da cultura de uma parcela significativa de jovens, o que se configura em um desafio para a escola que é trabalhar numa realidade conectada com aquela que o aluno vivencia. Kenski (2007, p.18) destaca que: "adaptar-se aos avanços das tecnologias e orientar o caminho de todos para o domínio e apropriação crítica desses novos meios", é também o duplo desafio da educação. Dessa forma, é importante que, ao utilizar essas ferramentas, o professor contribua, também, para que o aluno utilize a tecnologia em favor de seu aprendizado, e não apenas como um meio de diversão.

Moran (2006) afirma que em geral os professores têm dificuldades no domínio das tecnologias e, tentam fazer o máximo que podem. Muitos tentam mudar, mas não sabem bem como fazê-lo e não se sentem preparados para experimentar com segurança.

Segundo Miranda (2007), de fato, o uso das tecnologias exige um esforço de reflexão e de modificação de concepções e práticas de ensino, que a maioria dos professores não está disponível para fazer. E não será tarefa fácil, pois é preciso esforço, persistência e empenho. A esse respeito Kensky afirma:

"Um dos grandes desafios que os professores brasileiros enfrentam está na necessidade de saber lidar pedagogicamente com alunos e situações extremas: dos alunos que já possuem conhecimentos avançados e acesso pleno às últimas inovações tecnológicas aos que se encontram em plena exclusão tecnológica; das instituições de ensino equipadas com mais modernas tecnologias digitais aos espaços educacionais precários e com recursos mínimos para o exercício da função docente." (KENSKI, 2009, p.103)

Contudo, não cabe apenas aos professores essa tarefa, mas também à escola encontrar meios para auxiliar os docentes, no sentido de construir referenciais que estruturam uma nova metodologia que venha a atender os parâmetros exigidos pelos jovens que chegam à escola, moldados nesse contexto informacional. Mas também conscientizá-los de que os instrumentos tecnológicos são apenas ferramentas de apoio ao ensino. Que a verdadeira aprendizagem está em compreender os conteúdos historicamente construídos.

¹⁴ No País, 77,1% da população de 10 anos ou mais de idade tinha telefone móvel celular para uso pessoal, segundo aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – IBGE, em 2016.

Almeida (2001, p. 43) salienta que o professor, ao incorporar as Tecnologias da Informação e Comunicação aos métodos ativos de aprendizagem, “além de desenvolver a habilidade de uso das mesmas, estabelece uma ligação entre esse domínio, a prática pedagógica, as teorias educacionais refletindo sobre sua própria prática buscando transformá-la”. O livro não deve ser a única fonte para o professor, no entanto as novas ferramentas tecnológicas não podem substituir uma boa metodologia de trabalho.

Este comportamento evidencia o quanto as escolas estão desprovidas de espaços, móveis e utensílios que ofereçam comodidades aos alunos.

Os jovens quando perguntados se tinham conhecimento da atual reforma do Ensino Médio e se esta contribui para a melhoria do conhecimento oferecido nas escolas, a maioria (56%) respondeu que sim.

Ao serem questionados sobre aspectos relativos à sala de aula, como os jovens os percebem, deparamo-nos com os seguintes resultados:

Tabela 8 - Como os jovens avaliam os aspectos relativos à sala de aula

ASPECTOS RELATIVOS À SALA DE AULA	COMO AVALIAM			
	ÓTIMO	BOM	REGULAR	RUIM
CARGA HORÁRIA	19%	23%	48%	10%
FORMAÇÃO DE PROFESSORES	50%	40%	10%	0%
COMPORTAMENTO DOS COLEGAS	0%	18%	53%	29%
AUTONOMIA DO PROFESSOR	26%	52%	22%	0%
AValiação	23%	58%	19%	0%
CONTEÚDO ENSINADO	42%	55%	3%	0%
PRÁTICA DO PROFESSOR	16%	58%	26%	0%
RECUROS MATERIAIS	13%	45%	32%	10%

Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

^ Dos aspectos relativos à sala de aula, à formação dos professores é o que a maioria dos jovens considera ótimo, seguido do conteúdo ensinado. Com isso, nota-

se que eles verificam que existe relação entre uma boa formação e o conteúdo que o professor ensina ao atuar na sala de aula.

Ao observarmos as respostas apontadas a respeito do comportamento dos colegas, observamos que 53% consideram regular e 29% ruim. Isto enfatiza os dados que têm sido apontados sobre a indisciplina de alunos do Ensino Médio, que chegam, por, vezes a agredir colegas e professores, reforçando, a necessidade de um olhar mais atento a esta questão, com necessidade de um acompanhamento psicológico ou terapêutico para os que chegam a agredir colegas e, em alguns casos, professores.

Também avaliaram como *bom* a autonomia do professor (52%), a avaliação (58%), o conteúdo ensinado (55%), a prática do professor (58%) e os recursos materiais (45%). Embora se verifique que eles avaliaram de forma positiva estes aspectos, em suas falas demonstram um certo descontentamento, quando estes pontos foram abordados.

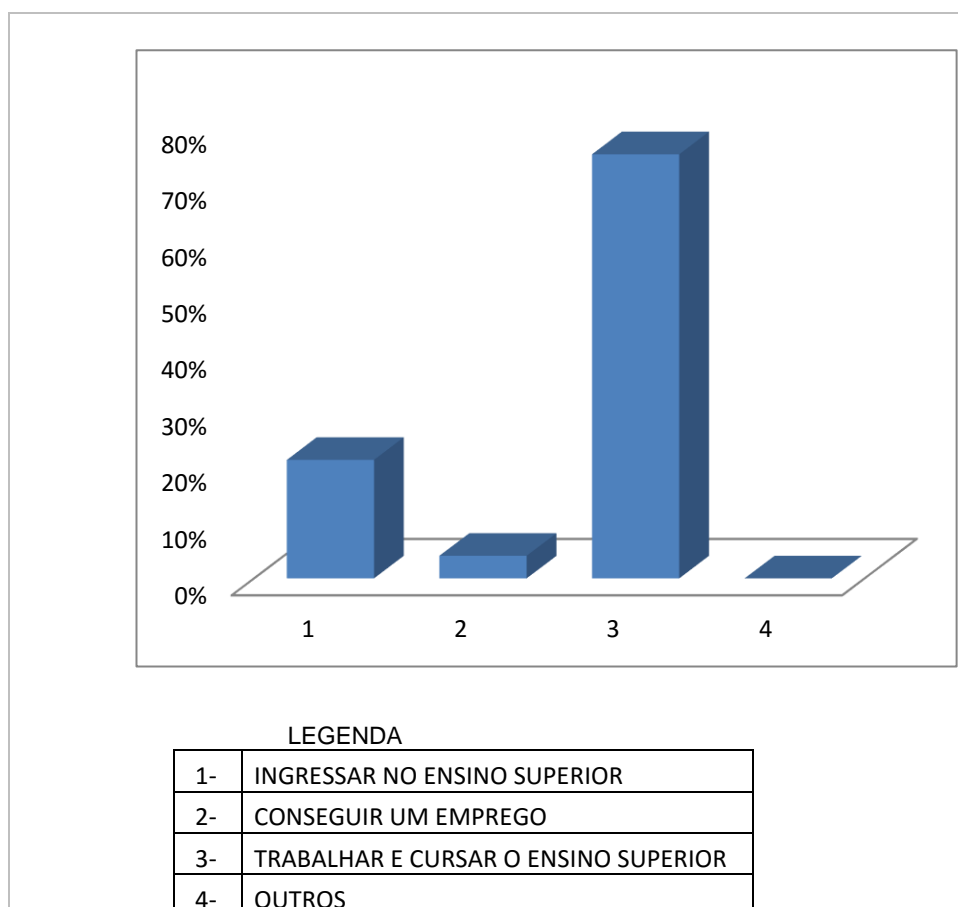
Isto evidencia que o jovem tem uma visão limitada e contraditória destes aspectos que são essenciais no processo ensino-aprendizagem.

4.4. PERSPECTIVAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA SOBRE A ESCOLA E A REFORMA DO ENSINO MÉDIO

Diante das recentes mudanças ocorridas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, e nas alterações introduzidas na Lei nº 9.394/1996 (LDB) pela Lei nº 13.415/2017, na Base Curricular Comum do Ensino Médio, entender o que o jovem pensa a respeito da escola, que sentidos a ela atribui, consideramos de suma importância. Para isso, faz-se necessário refletir acerca dos objetivos e metas após a conclusão da educação básica. Por isso, nesta pesquisa questionamos os jovens sobre seus projetos de vida. Isto nos oportunizará a compreensão de que forma os elementos priorizados na reforma do Ensino Médio, estão em consonância com as perspectivas futuras dos jovens, no que se refere aos seus projetos de vida.

Quando indagamos aos participantes da pesquisa o que a escola os oportunizará após a conclusão do ensino médio, considerando suas as metas de trabalho e estudo, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 14 - O que escola oportunizará aos jovens, após a conclusão do ensino médio



Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Quando indagados se o conhecimento oferecido na escola lhes possibilitaria a realização de seus respectivos projetos de vida, 97% dos jovens responderam *sim* e apenas 3%, *não*. Isso confirma que eles reconhecem a escola como instituição que possibilitará o ingresso ao ensino superior e uma melhor colocação no mundo do trabalho, já que estes são os principais objetivos após a conclusão do Ensino Médio, como bem aponta o gráfico acima e a fala dos jovens no grupo focal:

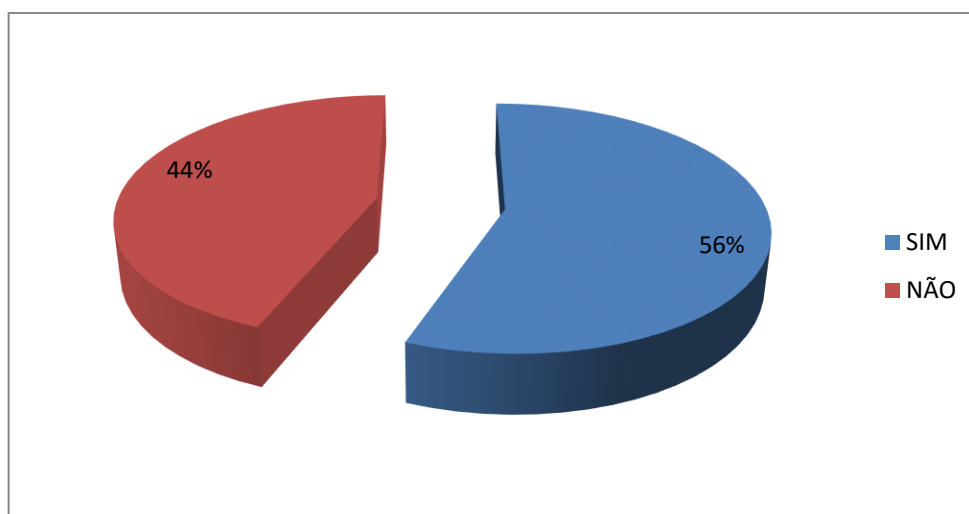
“Meu projeto de vida é fazer o Enem e passar pra Direito, se não der certo vou fazer biologia e continuar tentando pra Direito, mas também quero conseguir um emprego e futuramente me casar, pois já estou noiva e acho muito legal crescer junto com outra pessoa.” (Jovem E10)

“Eu quero passar no Enem pra Medicina e tem que ser na federal, porque meus pais não tem condições de pagar uma faculdade particular, nem de me manter na Bolívia pra fazer medicina lá. Eu não vou dar essa despesa para os meus pais. Mas se eu não passar no Enem, eu vou pro exército. É um sonho.” (Jovem E2)

Todos os jovens participantes do grupo focal relataram que têm como projeto de vida ingressar no ensino superior, porém, alguns querem apenas estudar, outros querem estudar e trabalhar. Essas escolhas estão relacionadas com o padrão de renda da família (pois muitos são de baixa renda ou até mesmo dependentes de assistência financeira do governo federal) e com suas respectivas personalidades (pois almejam a independência financeira).

Com as mudanças recentes ocorridas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, no qual houve alterações introduzidas na Lei nº 9.394/1996 (LDB) pela Lei nº 13.415/2017 na Base Curricular Comum do Ensino Médio, entender o que o jovem pensa a respeito do Novo Ensino Médio, considera-se de suma importância. Assim, quando se abordou esse assunto, obteve-se:

Gráfico 15- A atual reforma contribui para a melhoria da qualidade do conhecimento oferecido nas escolas?



Fonte: Banco de dados da pesquisadora - 2019

Através da observação do gráfico verifica-se que, na verdade, o jovem tem um conhecimento muito vago do que seja a recente reforma do Ensino Médio, talvez o conhecimento oriundo das mídias sociais nas quais o Governo Federal faz propaganda da reforma, não seja claro. Esta falta de conhecimento se apresenta nas falas dos sujeitos:

“Pelo o que eu entendi sobre a Reforma do Ensino médio é que nós vamos sair da escola já com o pé dentro de uma empresa. Ou seja, com um emprego garantido.” (Jovem E2)

“Coma Reforma do Ensino médio nenhum aluno vai reprovar.” (Jovem E5)

“Pelo o que eu entendi com essa Reforma do Ensino Médio nós vamos ser obrigados a fazer um curso profissionalizante. Só que são aqueles cursos mais reles, que só pagam um salário.” (Jovem E6)

Como se pode perceber, através das falas, a percepção que os jovens têm sobre a atual reforma do Ensino Médio é limitada e contraditória, uma vez que só ouviram falar através dos meios de comunicação e, de forma equivocada em muitos aspectos. Por isso, faz-se necessário que a escola, aprimore a comunicação com os mesmos, fazendo um trabalho de conscientização sobre o papel deles no processo de ensino, promovendo debates sobre o Novo Ensino Médio, deixando claro todos os aspectos em que a reforma promove mudanças, com relação à carga horária, currículo, práticas pedagógicas e proposta pedagógica.

Diante desse contexto, cabe às instituições educacionais repensar suas metodologias, seus planos de gestão, e aos governos, considerar as reais necessidades dos alunos, pois sabe-se que em muitos aspectos, físicos, pedagógicos, financeiros, e qualificação de profissionais, as escolas têm ficado aquém do que deveriam possibilitar aos seus profissionais e alunos.

Portanto este trabalho buscou alcançar os objetivos propostos e, acredita-se que esta investigação constitui uma contribuição para a área, para o Mestrado em Educação. Também alimentamos a convicção de que tudo o que aqui foi apresentado sirva de referência para futuros estudos e investigações sobre a juventude e a escola.

5. CONCLUSÃO

Ao finalizarmos este estudo, consideramos necessário retomar o objetivo geral presente na *introdução*, que norteou a pesquisa, a qual nos propomos a analisar como os jovens veem a escola e seu processo educativo, no contexto das instituições de educação públicas de Ensino Médio do município de Rio Branco, Acre, tomando como base todo o contexto socioeconômico e histórico em que este jovem está inserido, bem como sua relação com a escola no que se refere aos sentidos que a ela atribui. Apesar não termos, ainda, concluído a pesquisa, vale ressaltar a importância do que foi coletado e analisado até o presente momento, pois nos possibilitou compreender que o jovem conhece qual é o papel da escola e a importância dela para a realização de seus projetos de vida, contudo, ele não compreende que, para a concretização do objetivo central da escola, para que ela seja um espaço de desenvolvimento e aprendizagem, isso envolve sua participação efetiva, pois ele é um dos principais atores e, que toda ação por ele realizada, terá um efeito positivo ou negativo nesse processo. Portanto, consideramos que os objetivos, inicialmente propostos neste trabalho, foram alcançados.

No *percurso teórico metodológico da pesquisa*, que compõe o *capítulo 1* deste texto, tratamos sobre o caminho traçado neste trabalho, as idas e vindas e escrita do relatório final.

Iniciamos com o levantamento bibliográfico dos teóricos que abordam os elementos essenciais para se desenvolver uma pesquisa científica, destacando as principais abordagens metodológicas utilizadas. Assim, o percurso teórico metodológico da presente pesquisa configurou-se pela abordagem quantitativa-qualitativa. Os dados coletados sobre os jovens, ao serem quantificados, demonstraram determinados comportamentos que, num primeiro momento, proporcionaram uma visão geral, global, dos elementos que necessitavam ser identificados. Entretanto, aspectos dentro deste universo quantificado necessitaram serem analisados de forma mais específica, relacionados com o contexto histórico, social, econômico, dentre outros, algo que apenas a pesquisa qualitativa é capaz de resolver.

Também, na pesquisa, buscou ancorar-se nos pressupostos do método do materialismo histórico-dialético, pois se predispõe a uma análise crítica do objeto e,

neste aspecto, o método dialético de Marx é o que permite uma maior aproximação com o objeto de estudo.

Apresentamos os instrumentos e técnicas utilizados neste trabalho como a aplicação de questionários para 80 alunos de duas escolas públicas de Rio Branco, uma estadual e outra federal, das quais fizemos uma breve apresentação. Além disso, relatamos como foi o contato com o campo de investigação, pois foram necessárias várias visitas até elas.

Quanto à delimitação da população e amostra desta pesquisa, os participantes são oitenta (80) jovens na faixa etária de 15 a 19 anos de idade, matriculados nas três séries do Ensino Médio, nas escolas públicas de ensino regular e semi-integral. As escolas, que os sujeitos da pesquisa frequentam, estão situadas no município de Rio Branco, capital do estado do Acre, na Região Norte do país.

Para dar andamento aos procedimentos de coleta de dados em campo, foram necessárias as idas às instituições de ensino, que atendem o público alvo da pesquisa, pois optamos pela aplicação dos instrumentos de coleta de dados no ambiente sobre o qual o olhar dele será analisado. O processo de coleta dos dados empíricos se deu, num primeiro momento, com a aplicação de um questionário com vinte e nove (29) perguntas objetivas e/ou dissertativas. Num segundo momento, foram formados dois grupos focais com vinte e dois (22) sujeitos, alunos de diferentes séries (1ª, 2ª e 3ª) do Ensino Médio, com objetivo de aprofundar questões sobre os sentidos que os jovens atribuem à escola.

A metodologia adotada neste trabalho para a análise dos dados foi norteada pelos conceitos de Bardin (1977) que apresenta uma apreciação crítica de análises de conteúdo como uma forma de tratamento em pesquisas qualitativas e quantitativas, no intuito de propiciar também, o desvendar crítico.

No *capítulo 2*, denominado *Juventudes e escola*, abordarmos os pontos de vista de vários teóricos acerca da juventude e a relação destes com escola, o contexto escolar diante da dinâmica da sociedade contemporânea, bem como o processo histórico e as reformas da educação secundária no Brasil. Buscamos embasar teoricamente as temáticas e categorias juventude, escola, Ensino médio, que propiciaram a compreensão da problemática levantada no presente trabalho: *Que sentidos os jovens estudantes acreanos do Ensino Médio atribuem à escola e ao seu processo educativo, no contexto das escolas públicas do município de Rio Branco, Acre?*

Como suporte teórico trouxemos as contribuições de: Juarez Dayrell, que aborda a questão da juventude e a condição juvenil no Brasil; Marília Pontes Sposito, que investiga elementos teóricos sobre os jovens e seus comportamentos, a Juventude nas áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social, e aborda ainda, os jovens como operadores dos dilemas da sociedade contemporânea; Geraldo Leão, que pesquisa sobre os desafios enfrentados por jovens estudantes do Ensino Médio de escolas públicas, a condição juvenil e as Políticas Públicas de Juventude no Brasil; Bernard Charlot, que foi um dos primeiros autores no campo da educação a chamar a atenção para a relação que os sujeitos, em particular os estudantes mais pobres, estabelecem com o saber, com aquilo que é ensinado na escola; e Gaudêncio Frigotto, que pesquisa sobre as determinações políticas, econômicas subjacentes de ordem histórico culturais e o caráter legal que impedem que a maioria dos jovens brasileiros garantam o direito social e subjetivo do Ensino Médio e também discute a nova reforma do Ensino Médio no Brasil.

Compreendemos que a discussão sobre a juventude é algo que ainda requer alguns estudos e, se olharmos de forma ampla, não poderemos atender as especificidades que pesquisas na área de educação requerem, tendo em vista a sua complexidade. Deste modo, traçada uma discussão a respeito do tema proposto, apresentamos as ideias formuladas por alguns autores da área de juventude e escola, contidas nesta sessão. Num primeiro momento, tratamos a respeito do perfil do jovem brasileiro, realizando um breve percurso sobre quem é e como ele vive. Em seguida, apresentamos uma discussão a respeito do jovem e a escola no Brasil e, por fim, trouxemos alguns apontamentos sobre a identidade, a escolarização e as mudanças ocorridas nos modelos de Ensino e no currículo escolar do jovem acreano, especialmente de Rio Branco. Estes elementos propiciaram um olhar mais direcionado para este grupo – a juventude.

No *capítulo 3*, intitulado: *sentidos que os jovens atribuem à escola*, foram apresentados os *resultados da pesquisa, obtidos* por meio dos questionários e estudos trazidos no referencial teórico. Os referidos resultados foram evidenciados em forma de gráficos, tabelas e textos descritivos e analíticos, servindo de base para a fundamentação e apontamentos que responderam às nossas questões de pesquisa.

Ainda no capítulo III buscou-se responder aos objetivos da pesquisa, que se encontram distribuídos dentro dos eixos de análise, estabelecidos para facilitar a compreensão das categorias a partir do olhar dos sujeitos da pesquisa.

No *eixo da caracterização do perfil dos jovens* (contemplou o objetivo - Caracterizar o perfil social dos jovens que frequentam a escola pública de Rio Branco). Neste eixo apresentamos os dados pessoais e algumas particularidades dos jovens participantes da pesquisa, tais como atividades por eles desenvolvidas, escolaridade dos pais, renda, dentre outras. A análise dos dados tornou possível observar que a maior parte dos sujeitos é composta pelo sexo feminino, são solteiros e estão, em sua maioria, na faixa etária de 15 a 18 anos. Além disso, a grande maioria mora com os pais (46%) ou apenas com um deles (37%), dos quais 28% não concluíram o ensino fundamental. Nos surpreendeu o fato de que um percentual grande viva com ambos os pais, pois nos dias atuais muito se comenta a respeito da desestrutura da “família tradicional” e como isso afeta o desempenho escolar dos alunos, haja vista que sem a presença de um dos pais, o outro fica sobrecarregado, comprometendo o acompanhamento do filho na escola. Entretanto, fê-nos refletir se o que mais afeta o desempenho no processo de aprendizagem do estudante jovem é a não participação dos pais na vida escolar, e não conviver com ambos ou com apenas um deles.

Nesse eixo também se verificou que um percentual significativo de jovens estuda e ajuda nos afazeres domésticos (37%), outro grupo considerável apenas estuda (29%). Poucos trabalham (formal e informalmente) e estudam (11%). Porém, mesmo exercendo atividades quase que exclusivamente destinadas ao estudo, a grande maioria não dedica o tempo ocioso aos estudos, dedicando-se a ele apenas de 2 a 4 horas semanais. A análise dos dados evidenciou que os jovens reconhecem a importância do estudo, entretanto falta disposição em mudar de atitude e fazer o que dele é esperado. Alguns deles acreditam que terão tempo para realizar os estudos e vão adiando. Outros, porém, necessitam trabalhar para complementar a renda familiar ou custear seus estudos, devido ao cansaço da dupla jornada, não encontram disposição para dedicar mais horas aos estudos.

O *eixo da percepção que têm de si mesmos* (contemplou o objetivo - Identificar e analisar as percepções que os jovens têm de si mesmos). Ao tratarmos sobre o jovem e a percepção que ele tem da escola em que estuda, consideramos necessário indagá-los sobre sua auto percepção da juventude ou como o jovem se vê e pensa de si mesmo. Como resposta a esse questionamento, segundo a pesquisa 100% deles apontou que se considera jovem, segundo a pesquisa. Para a maioria das pessoas, juventude é sinônimo de transição, é uma fase da vida. Considerando esta percepção, verifica-se que alguns jovens participantes também enveredam por esse caminho.

Veem a juventude sob um aspecto cronológico, que passará à medida que ficarem mais velhos. Alguns dos participantes da pesquisa compreendem a juventude a partir das atitudes, dos comportamentos, da forma de ser e viver. Outros ainda, entendem a juventude como uma fase de construção de sua identidade, de construir seus projetos de vida e traçar os caminhos a serem percorridos, que poderão lhes propiciar uma melhoria das condições socioeconômicas e culturais.

Nesse mesmo eixo, quando indagado aos sujeitos da pesquisa de que forma eles avaliavam os aspectos relativos as relações interpessoais no ambiente escolar os seguintes dados foram apresentados: se relacionam melhor com os professores (ótimo 30% e bom 55%) e com os coordenadores e gestores (ótimo 25% e bom 55%). Os sujeitos demonstraram ter mais dificuldade de se relacionar com os colegas (ruim 10% e regular 45%). A análise dos dados demonstrou que não é necessariamente a violência entre os jovens que dificulta a inter-relação, mas a indisciplina, a imaturidade e a ausência de interação entre eles. Como eles afirmaram gostar muito do intervalo na escola e de atividades práticas, talvez este seja um caminho que possa contribuir para essa melhor interação.

O eixo dos *sentidos que o jovem sujeito da pesquisa atribui à escola, como a reconhece e o que ela ensina*; (contemplou os objetivos - Identificar e analisar os motivos que levam esses jovens estudantes a frequentar a escola - Analisar as percepções dos jovens sobre a escola de Ensino Médio pública de Rio Branco do ponto de vista do que ela ensina para o ingresso no mercado de trabalho, e em termos formativos)

No questionário aplicado aos jovens estudantes, foi perguntado sobre o que mais gostam na escola e, das categorias elencadas, citaram os projetos de arte (39%) que foram os que apresentaram maior preferência, seguido das aulas (25%) e do intervalo (22%) Daí compreendeu-se que os jovens gostam de muitas coisas na escola, dentre elas têm preferência pelo intervalo, pois é um momento em que podem interagir com os amigos e funcionários com os quais têm afinidades, usar o celular, paquerar, etc. Verificar este aspecto é importante como um ponto de reflexão, já que pouco se valoriza este momento na escola. As aulas também são preferidas por 25% dos jovens, apesar de demonstrarem certa insatisfação com as metodologias utilizadas por grande parte dos professores, como ficou evidente na fala de alguns alunos. Mas têm maior preferência pelas atividades relacionadas a projetos envolvendo arte. Isto evidencia que os jovens estando em uma fase da vida em que

tudo ocorre de forma intensa e rápida, também preferem uma abordagem metodológica que dê certa ênfase aos aspectos mais práticos da aula, que promova a interação entre eles e que dê sentido ao que estão estudando

Apesar de ouvirmos muitas vezes a expressão do tipo “esses jovens não querem saber de nada, não querem estudar”, os dados revelaram que 81% deles veem a escola como um espaço de aprendizado. Com isso, pensa-se que eles sabem que a escola é uma instituição que irá proporcionar os elementos teórico-científicos necessários para a realização de seus projetos de vida. Contudo, sabe-se que a escola vivencia cotidianamente problemas com jovens que não se interessam pelo que está sendo ensinado pelo professor, não respeitam as regras disciplinares, tiram notas baixas, dedicam pouco tempo aos estudos. Isto evidencia que, apesar deles saberem que a escola é um espaço de aprendizado, eles não compreendem a importância do seu papel para que a efetivação do aprendizado aconteça.

Ao perguntarmos o que os jovens mudariam na escola, verificamos que a estrutura física, que envolve principalmente laboratórios e bibliotecas, alcançou o percentual de 37% e as avaliações 29%. O currículo foi o elemento em que os jovens menos mudariam na escola, apenas 3%. A análise dos dados evidenciou que a preocupação com a parte física da escola ocorre porque sob o olhar do aluno, este aspecto é mais facilmente percebido e que causa maior desconforto. Também se identificou que eles não compreendem o que é currículo, um elemento essencial para a transmissão-assimilação do saber sistematizado.

Quando indagados a respeito dos mecanismos mais eficazes para garantir a qualidade da educação na escola, os jovens responderam, em sua maioria, o uso de tecnologia em sala de aula (29%) e melhoria de infraestrutura (22%). Estes dados revelam o grande interesse dos alunos em que as novas tecnologias sejam utilizadas com maior frequência em sala de aula e que isto é fator importante para a qualidade da educação. Diante desse fato, cabe à escola encontrar meios para auxiliar os docentes no sentido de construir referenciais que estruturam uma nova metodologia que venha a atender os parâmetros exigidos pelos jovens que chegam à escola, moldados nesse contexto informacional. Mas também conscientizá-los que os instrumentos tecnológicos são apenas ferramentas de apoio ao ensino. Que a verdadeira aprendizagem está em compreender os conteúdos historicamente construídos.

O último eixo que abordou as perspectivas dos jovens sobre escola e a reforma do Ensino Médio (contemplou o objetivo - Identificar e relacionar as percepções e conhecimentos dos jovens da escola de Ensino Médio de Rio Branco sobre a atual reforma do Ensino médio, com o modelo apresentado pelo Governo Federal).

Quando indagamos aos participantes da pesquisa o que a escola os oportunizará após a conclusão do Ensino Médio, considerando suas metas de trabalho e estudo, obtivemos o seguinte resultado: 75% deseja ingressar no ensino superior e trabalhar e 21% quer apenas se dedicar aos estudos. Ao associarmos estas informações com a renda familiar, vê-se que, para a realidade conseguir um emprego, mesmo com a continuação dos estudos, é fundamental para colaborar com a renda da família. Para atingir este objetivo, que é ingressar no ensino superior foram indagados se o conhecimento oferecido na escola lhes possibilitaria a realização de seus respectivos projetos de vida. Para este questionamento 97% dos jovens responderam *sim* e apenas 3% *não*. Isso confirma que eles reconhecem a escola como instituição que possibilitará o ingresso ao ensino superior e uma melhor colocação no mundo do trabalho, já que esses são os principais objetivos após a conclusão do Ensino Médio.

Com as mudanças recentes ocorridas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, na qual houve alterações introduzidas na Lei nº 9.394/1996 (LDB) pela Lei nº 13.415/2017 na Base Curricular Comum do Ensino Médio, entender o que o jovem pensa a respeito do Novo Ensino Médio, considera-se de suma importância. Assim, quando se abordou este assunto, apenas 56% declararam saber do que se trata a reforma do Ensino Médio. Entretanto, verificou-se que, na verdade, o jovem tem um conhecimento muito vago do que seja a recente reforma do Ensino Médio, talvez o conhecimento oriundo das mídias sociais nas quais o Governo Federal faz propaganda da reforma não seja esclarecedor. Nesse caso, entendemos que é papel da escola orientá-los a este respeito.

Após a realização da pesquisa foi possível perceber que os jovens gostam da escola, conhecem o papel dela, mas não o compreende, pois apresentam baixo rendimento, indisciplina e falta de interesse pelo que está sendo ensinado. Eles sabem que, para a realização de seus projetos de vida que é, principalmente, ingressar no ensino superior, necessitam aumentar as horas de estudo em casa e estar mais envolvidos nas aulas; contudo, a “irresponsabilidade”, segundo eles característica própria dos jovens, e a preguiça não os permitem avançar nesse processo. Eles têm

noção superficial sobre o que é currículo, prática pedagógica e avaliação, por isso, muitas vezes não compreendem a importância destes elementos no processo ensino-aprendizagem. A percepção que têm sobre a atual reforma do Ensino Médio é limitada e contraditória, uma vez que só ouviram falar através dos meios de comunicação e, de forma equivocada em muitos aspectos.

Diante disso, faz-se necessário que a escola, num primeiro momento, aprimore a comunicação com estes jovens fazendo um trabalho de conscientização sobre o papel dele no processo de ensino. Também consideramos importante que se promovam debates sobre o atual Ensino Médio, deixando claro todos os aspectos em que a reforma promove mudanças com relação à carga horária, ao currículo, às práticas pedagógicas e à proposta pedagógica, como bem salientou o participante A2, quando afirmou: “seria interessante que a escola promovesse uma palestra informando tudo sobre o Novo Ensino Médio, pra gente conhecer melhor e não ficar pegando informação errada”.

Por fim, conclui-se destacando a necessidade de se refletir mais acerca dos sentidos que os jovens atribuem à escola, pois esperam dela uma formação que lhes possibilite um futuro no qual seja possível a realização de seus projetos de vida, e lhes garanta um rompimento com a realidade presente, que é de ser um instrumento de produção de mais-valia do capitalismo, tendo que trabalhar para sobreviver e fazendo um grande esforço para proceder com os estudos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Biancocini de. **Educação, projetos, tecnologia e conhecimento**. São Paulo: PROEM, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BOSCHETTI, Luís Paulo Zanolla. **A pedagogia das competências: estudo de caso em um curso de tecnologia da UTFPR**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Em NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.). 9ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 16 out. 2017.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. **Zygmunt Bauman: da juventude sólida para a juventude líquida**. Cadernos, Zygmunt Bauman, ISSN, vol. 4, num. 8, 2014.

CANÁRIO, Rui. **A escola: das “promessas” às “incertezas”**. Educação Unisinos, vol 12, número 2, 2008. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5309>

CAPES. **Catálogo de teses e dissertações**. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 -Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

DESLAURIERS J. P. **Recherche Qualitative**. Montreal: McGraw Hill, 1991.

_____.; NONATO, Symaira Poliana. **Juventude, trabalho e escola: reflexões sobre a condição juvenil**. Trabalho & Educação | Belo Horizonte | v.27 | n.1 | p. 101-118 | jan-abr | 2018.

FERREIRA Jr., Amarílio. **História da Educação Brasileira: da Colônia ao século XX**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 69-90.

_____. **Por que a urgência da reforma do ensino médio? MEDIDA PROVISÓRIA Nº 746/2016 (LEI Nº 13.415/2017)**. Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 139, p.355-372, abr.-jun., 2017.

GAMBOA, S. S. **Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica**. In: SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 84-110.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUIMARÃES, Alessandro da Silva. **O fenômeno da(s) juventude(s) a partir de um prisma sociológico: desafios teóricos e epistemológicos**. Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Progr. Pós-Grad. Educação Vitória v. 15 n. 2 Ago./Dez. 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisas – Indicadores – RBMC - Censo 2010**. Visita em 17 de maio de 2018. <https://www.ibge.gov.br/>

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2018**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 10 05. 2019.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. São Paulo: Papirus, 2007.

_____. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 5ª.ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

LEÃO, G.M.P. **Juventude**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Guia de implementação do Novo Ensino Médio**. Visita em 17 de junho de 2019. <http://novoensinomedio.mec.gov.br/#!/guia>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Guilhermina Lobato. **Limites e possibilidades das TIC na educação.** 2007. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 03, pp. 41-50. Disponível em: <http://ticsproeja.pbworks.com/f/limites+e+possibilidades.pdf>. Acesso em 23 jun. 2019.

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas.** In: MORAN, J. M.I; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus. 2006. p.11-66.

NUNES Clarice. **O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos.** Revista Brasileira de Educação Nº 14, pg. 35- 60. Mai/Jun/Jul/Ago 2000.

OSORIO, Luiz Carlos. **Família Hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar** - trad. Patrícia Chittoni Ramos, Porto Alegre, Artmed, 2000.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – Casa Civil. **Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010.** Visita em 17 de maio de 2018.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm.

QUAPPER, Klaudio D. **¿Juventud o juventudes? Acerca de cómo mirar y remirar a lãs juventudes de nuestro continente.** In: BURAK, S. D. (Org.). Adolescencia y Juventud en America Latina. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. Agenda Juventude Brasil – **Pesquisa nacional sobre o perfil e opinião do jovem brasileiro em 2013.**

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Leila Ferreira da. **Percepção de jovens universitários sobre o processo de ensino: aprendizagem em disciplinas virtuais ofertadas em cursos presenciais'** 27/03/2015 100 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: Universidade Católica de Brasília.

SILVA, Monica Ribeiro da Silva. OLIVEIRA, Rosangela Gonçalves de. [organizadoras]. **Juventude e ensino médio: sentidos e significados da experiência escolar.** Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2016.

SOUSA, J. (2006) **Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações.** Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política, Florianópolis: v. 5 n. 8. (pp. 9-30).

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal**. Revista Educação e Realidade, 2008.

_____. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.): **Retratos da juventude brasileira – Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005 (Reimpressão 2008).

_____. **Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação**. In: Juventude e Escolarização (1980-1998). Realização: Comitê dos Produtores da Informação Educacional (Comped), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) Coordenação: Marília Pontes Sposito. Brasília-DF, MEC/Inep/Comped, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, Cynthia Greive. **A escola e a República: o estadual e o nacional nas políticas educacionais**. Rev. bras. hist. educ., Campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), p. 143-178, jan./abr. 2011.

VEIGA, Ilma Passos (coord.). **Repensando a Didática**. Campinas: Papirus, 1989

VIGOTSKI, L. S. (2001). **Pensamento e palavra**. In L. S. Vigotski. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934)

XAVIER, Libânia Nacif. **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova como divisor de águas na história da educação brasileira**. FE/PROEDES - UFRJ. In: COLÓQUIO NACIONAL 70 ANOS DO MANIFESTO DOS PIONEIROS: um legado educacional em debate, 2002, Belo Horizonte e Pedro Leopoldo. Anais... Belo Horizonte e Pedro Leopoldo, ago. 2002.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013

ANEXOS

ANEXO 1

Quadro 4- Banco de dissertações e teses da CAPES

ANO	AUTOR	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2003	STOELBEN, Isabel Cristina Velasques.	Juvenildade, saber e violência: uma leitura da realidade escolar'	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE
2003	MELLO, Eliana Dable de.	Juventude & Utopia: experiências entre muros de uma escola pública'	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE
2004.	MELLO, Eliana Dable de.	Juventude e utopia: experiências nas varandas de uma escola pública.	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE
2004	PINTO, Therezinha de Jesus Conde.	Jovem, trabalho e profissão: projetos de vida em questão	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO.
2006	SOUZA, Adriano Mohn e.	Jovens e Educação empreendedora: que discurso é esse?	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, GOIÂNIA
2008	ARAÚJO, Erondina Santos de	Jovens no mundo do trabalho: educação e renda em uma sociedade líquida	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO
2009	CANELLA, Dagmar de Mello e Silva.	Nos modos de dizer-se de jovens, algumas estéticas existenciais do contemporâneo.	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO
2015	COSTA, Ramiro Marinho.	Configurações da política de integração: educação profissional e básica na modalidade de educação de jovens e adultos nos institutos Federais de Educação em Santa Catarina.	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
2015	SILVA, Leila Ferreira Da.	Percepção de jovens universitários sobre o processo de ensino: aprendizagem em disciplinas virtuais ofertadas em cursos presenciais	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA.
2018	SOBRAL, Carlos Augusto de Santana	Juventudes e escolarização: sentidos atribuídos à escola pelos jovens de Cruzeiro do Sul - AC	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

Fonte: catalogodeteses.capes.gov.br (visita em Nov/2018)

ANEXO 2

Quadro 5- Publicações em periódicos na área da educação sobre o tema juventude

ANO	AUTOR	TÍTULO	REVISTA/PERIÓDICO
1997	FERRETTI, Celso João.	Formação profissional e reforma do ensino técnico no Brasil: anos 90.	Educação & Sociedade <i>Educ. Soc.</i> [online]. 1997, vol.18, n.59
2003	AMANCIO, Ana Maria e NEVES, Rosa Maria Corrêa das.	Conhecendo seus próprios talentos: jovens de escolas públicas em instituições de pesquisa no Rio de Janeiro.	Educação & Sociedade <i>Educ. Soc.</i> [online]. 2003, vol.24, n.83
2007	DAYRELL, Juarez.	A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.	Educação & Sociedade <i>Educ. Soc.</i> [online]. 2007, vol.28, n.100
2007	NAKANO, Marilena e ALMEIDA, Elmir de	Reflexões acerca da busca de uma nova qualidade da educação: relações entre juventude, educação e trabalho.	Educação & Sociedade <i>Educ. Soc.</i> [online]. 2007, vol.28, n.100
2010	MAIA, Ana Augusta Ravasco Moreira and MANC EBO, Deise	Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado.	SCIELO Psicologia: Ciência e Profissão <i>Psicol. cienc. prof.</i> [online]. 2010, vol.30, n.2, pp.376-389
2011	LEAO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio e REIS, Juliana Batista dos	Juventude, projetos de vida e ensino médio.	Educação & Sociedade <i>Educ. Soc.</i> [online]. 2011, vol.32, n.117, pp.1067-1084.
2011	LEAO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio e REIS, Juliana Batista dos	Juventude, projetos de vida e ensino médio.	Educação & Sociedade <i>Educ. Soc.</i> [online]. 2011, vol.32, n.117, pp.1067-1084.
2014	BRENNER, Ana Karina e CARRAN O, Paulo Cesar Rodrigues.	Os sentidos da presença dos jovens no Ensino Médio: representações da escola em três filmes de estudantes.	Educação & Sociedade <i>Educ. Soc.</i> [online]. 2014, vol.35, n.129, pp.1223-1240
2016	DAYRELL, Juarez Tarcísio e JESUS, Rodrigo Ednilson de.	Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar.	Educação & Sociedade <i>Educ. Soc.</i> [online]. 2016, vol.37, n.135, pp.407-423.
2017	BERNARDIM Márcio Luiz; RIBEIRO Monica da Silva.	Juventude(s) e Ensino Médio: da inclusão escolar excludente aos jovens considerados nem-nem	Contrapontos univali/periódicos. v17n4.p688-704. Out-dez, 2017

2018	DAYRELL, Juarez; NONATO, Symaira Poliana	Juventude, trabalho e escola: reflexões sobre a condição juvenil.	Trabalho & Educação v.27 n.1 p. 101-118 jan-abr 2018.
------	--	--	--

Fonte: Revistas: Trabalho e educação, Educação & Sociedade, Scielo, Contrapontos (visita em Nov/2018)

ANEXO 3**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Eu, _____, RG _____, CPF _____, AUTORIZO o aluno (a) _____, RG _____, CPF _____, regularmente matriculado na instituição de ensino _____, na série: _____, turma: _____, a participar da pesquisa a ser realizada por SUSIANE MARIA NASCIMENTO DA ROCHA TAVARES, RG 296660, CPF 616915502-72, discente do Programa de Pós-Graduação do Curso de Mestrado em Educação com matrícula 20172110018, tel. (68) 99987-1971, email: susietavares@hotmail.com, que procederá com aplicação de questionário e realização de grupo focal com o(a) aluno(a) acima mencionado(a), que tem a finalidade de contribuir com o Projeto de Pesquisa intitulado SENTIDOS QUE OS JOVENS ESTUDANTES ACREANOS DO ENSINO MÉDIO ATRIBUEM À ESCOLA, que tem por objetivo primário compreender a forma como jovens estudantes acreanos do Ensino Médio vêm a escola e seu processo educativo, no intuito de identificar os sentidos que os mesmos atribuem à instituição onde estudam, e de que modo essa percepção interfere na construção de seus projetos de vida.

O pesquisador acima qualificado se compromete a:

- 1- Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos, ou seja, assegurar que todos os dados colhidos nesta pesquisa serão utilizados somente para fins de análise, com o intuito de trazer apontamentos concretos para melhoria da qualidade do ensino nesta etapa final da Educação Básica.
- 2- Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens (que permanecerão em sigilo), bem como garante que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

Rio Branco, Acre, _____ de _____ de 2019.

Responsável Legal RG nº _____

ANEXO 4**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, RG _____, CPF _____, aluno(a) regularmente matriculado(a) na instituição de ensino _____, na série: _____, turma: _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) SENTIDOS QUE OS JOVENS ESTUDANTES ACREANOS DO ENSINO MÉDIO ATRIBUEM À ESCOLA desenvolvida(o) por SUSIANE MARIA NASCIMENTO DA ROCHA TAVARES, RG 296660, CPF 616915502-72, discente do Programa de Pós-Graduação do Curso de Mestrado em Educação com matrícula 20172110018, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (68) 99987-1971 ou e-mail susietavares@hotmail.com. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por ELIZABETH MIRANDA DE LIMA, professora doutora da Universidade Federal do Acre.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender a forma como jovens estudantes acreanos do Ensino Médio veem a escola e seu processo educativo, no intuito de identificar os sentidos que os mesmos atribuem à instituição onde estudam, e de que modo essa percepção interfere na construção de seus projetos de vida.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de preenchimento de questionário e participação em grupo focal, a ser válida a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou sua orientadora.

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Rio Branco, Acre, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____

ANEXO 5

QUESTIONÁRIO

Prezado(a) aluno(a):

O presente **questionário** compõe parte da pesquisa de trabalho de conclusão de curso de Mestrado, ainda em andamento, intitulada: **Sentidos que os jovens estudantes acreanos do Ensino Médio atribuem à escola às escolas públicas do município de Rio Branco, Acre**, que está sendo desenvolvido pela discente do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre, Susiane Maria Nascimento da Rocha Tavares, telefone 99987-1971, email susietavares@hotmail.com,

Busco através desta, compreender os sentidos que os jovens estudantes acreanos do Ensino Médio atribuem à escola e seu processo educativo, no contexto das escolas públicas do município de Rio Branco, Acre. Todos os dados colhidos nesta pesquisa terão total sigilo e serão utilizados somente para fins de análise.

Esclarecemos que não existe identificação do respondente, interessando a pesquisadora apenas as informações prestadas.

Agradeço sua cooperação.

Autorização do responsável: _____

Rio Branco, Acre, ____/____/____

EIXO 1- CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS

1. SEXO:

- A () Masculino.
- B () Feminino.

2. ESTADO CIVIL:

- A () Solteiro(a).
- B () Casado(a).
- C () Divorciado(a)
- D () Outros.

3. IDADE:

- A () 15 anos.
- B () 16 anos.
- C () 17 anos.
- D () 18 anos.
- E () 19 anos.

4. COM QUEM VOCÊ MORA?

- A () Pais.
- B () Pai ou mãe
- C () Irmãos
- D () Tios/avós
- E () Esposo/Companheiro
- F () Outros. Quem? _____

5. QUAL DAS OPÇÕES ABAIXO MELHOR REPRESENTA O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELA FAMÍLIA?

- A () Ensino Fundamental incompleto
- B () Ensino Fundamental completo
- C () Ensino Médio Incompleto
- D () Ensino médio Completo
- E () Ensino Superior incompleto
- F () Ensino Superior completo
- G () Pós-Graduação

6. QUAL É A RENDA DE SUA FAMÍLIA?

- A () De até um salário mínimo.
- B () De até dois salários mínimos.
- C () De até três salários mínimos.
- D () De até quatro salários mínimos.
- E () De até cinco salários mínimos.
- F () Mais de cinco salários mínimos.

7. SÉRIE QUE ESTUDA:_____

8. PERÍODO:

A () Manhã B () Tarde C () Noite

9. EM QUAL MODALIDADE DE ENSINO?

- A () Regular
- B () Semi-integral
- C () Integrado

10. VOCÊ EXERCE OUTRA ATIVIDADE ALÉM DE ESTUDAR?

- A () Apenas estudo.
- B () Estudo e trabalho formalmente.
- C () Estudo e trabalho informalmente.
- D () Estudo e ajuda nos afazeres domésticos.
- E () Estudo e faço cursos de aperfeiçoamento.
- F () Estudo e faço cursos profissionalizantes.

11. QUANTO TEMPO VOCÊ GASTA EM CASA PARA AS TAREFAS ESCOLARES?

- A () Até 2 horas por semana.
- B () De 2 a 4 horas por semana.
- C () De 4 a 6 horas por semana.
- D () De 6 a 8 horas por semana.
- E () Mais de 8 horas por semana.

12. EM RELAÇÃO AO SEU DESEMPENHO ESCOLAR, DE QUEM VOCÊ RECEBE MAIS COBRANÇAS? (Indique apenas o principal).

- A () Dos pais.
- B () Dos Colegas.
- C () Do núcleo pedagógico e gestor da escola.
- D () Dos professores.
- E () Outros.
Quais?_____

EIXO 2 - PERCEPÇÃO QUE OS JOVENS TÊM DE SI MESMOS**13. VOCÊ SE CONSIDERA JOVEM?**

- A Não.
B Sim.

Justifique

14. COMO VOCÊ AVALIA OS ASPECTOS RELATIVOS ÀS SUAS RELAÇÕES SOCIAIS, DE ACORDO COM A SEGUINTE CLASSIFICAÇÃO:

1=ÓTIMO; 2=BOM; 3=REGULAR; 4 = RUIM.

- Com os colegas
 Com os professores
 Com as equipes gestora e pedagógica
 Com os funcionários da escola
 Com a Secretaria Estadual de Educação

EIXO 3- COMO OS JOVENS VEEM A ESCOLA**11. QUAL A QUANTIDADE DE ALUNOS EM SUA SALA DE AULA?**

- A 25 alunos.
B 30 alunos.
C 35 alunos.
D 40 alunos.
E Acima de 40 alunos.

12. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA ESCOLA?

- A O intervalo.
B As aulas.
C As atividades extra-sala de aula.
D Projetos de música, dança e teatro.
D Outros. Quais? _____

13. COM QUAL DAS ÁREAS DE CONHECIMENTO VOCÊ MAIS SE IDENTIFICA NA ESCOLA?

- A () Ciências Humanas
- B () Ciências da Natureza
- C () Códigos e Linguagens
- D () Matemática

JUSTIFIQUE

16. VOCÊ FREQUENTA A ESCOLA PORQUE ELA TE PROPORCIONA:

(Numerar em ordem de prioridade, começando do número 1 para a maior prioridade e continuando em ordem crescente).

- A () Ascensão social.
- B () Fuga dos afazeres domésticos.
- C () Um certificado.
- D () Melhor oportunidade de emprego e renda.
- E () Interação social.
- F () Nada. Porém sou obrigado(a), por meus pais, a frequentá-la.
- G () Outro. Qual? _____

14. COMO VOCÊ VÊ A ESCOLA?

- A () Um espaço de aprendizado.
- B () Lugar de se fazer amigos.
- C () Oportunidade de sair de casa.
- D () Uma prisão.
- E () Apenas um espaço onde posso conseguir um certificado.
- F () Outros. Quais? _____

29. INDIQUE SE VOCÊ UTILIZA OU NÃO NESTA ESCOLA:

(Marque apenas UMA opção em cada linha.)

RECURSOS	Sim, utilizo.	Não utilizo porque não acho necessário.	Não utilizo porque a escola não tem.
1. Computadores	A ()	B ()	C ()
2. Internet	A ()	B ()	C ()
3. Tablets	A ()	B ()	C ()
4. Jornais e revistas informativas	A ()	B ()	C ()
5. Livros de consulta para os alunos	A ()	B ()	C ()
6. Livros de leitura direcionados para os jovens	A ()	B ()	C ()
7. Livros didáticos	A ()	B ()	C ()
8. Data show	A ()	B ()	C ()
9. Máquina copiadora	A ()	B ()	C ()

15. PARA VOCÊ, QUAIS SÃO OS MECANISMOS MAIS EFICAZES PARA GARANTIR A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO PROMOVIDA NA SUA ESCOLA?

(Pode escolher mais de uma opção)

- A () Incentivos salariais aos professores.
- B () Cursos de aperfeiçoamento para os docentes.
- C () Ampliação da carga horária.
- D () Uso de tecnologias em sala de aula (tablets, celulares, internet, computadores, dentre outros).
- E () Melhorar a Infraestrutura escolar (bibliotecas, laboratórios etc.)
- F () Apoio a formação de organizações estudantis.
- G () Mudança no currículo oferecido.
- H () Redução do número de disciplinas curriculares.
- I () Outros. Qual? _____

16. COMO VOCÊ AVALIA OS ASPECTOS RELATIVOS À SALA DE AULA, DE ACORDO COM A SEGUINTE CLASSIFICAÇÃO:**1 = ÓTIMO; 2 = BOM; 3 = REGULAR; 4 = RUIM.**

- () Carga horária
- () Formação dos professores
- () Comportamento dos colegas
- () Autonomia do professor
- () Formas de avaliação
- () Conteúdo Ensinado
- () Práticas pedagógicas dos professores
- () Uso de recursos materiais

22. COMO VOCÊ AVALIA OS ASPECTOS RELATIVOS ÀS CONDIÇÕES DE ESTUDO NA ESCOLA, DE ACORDO COM A SEGUINTE CLASSIFICAÇÃO:

1= ÓTIMO; 2= BOM; 3= REGULAR; 4 = RUIM.

- () Ambiente físico (edificação e espaço).
- () Recursos materiais (mobiliário e equipamentos).
- () Recursos pedagógicos (livros, computadores etc.).
- () Recursos financeiros.
- () Recursos humanos disponíveis.

26. COMO VOCÊ AVALIA O DESEMPENHO DE SUA ESCOLA EM RELAÇÃO À QUALIDADE DO ENSINO:

- A () Ótimo
- B () Bom
- C () Regular.
- D () Ruim.
- E () Péssimo

27. EM SUA OPINIÃO, O TRABALHO DESENVOLVIDO HOJE EM SUA ESCOLA TEM COMO FINALIDADE: (Numerar em ordem de prioridade, começando do número 1 para a maior prioridade e continuando em ordem crescente).

- () Oferecer uma educação ampla/geral aos alunos.
- () Atender às exigências da Secretaria de Educação em relação ao desempenho escolar dos alunos.
- () Preparar os alunos para o Enem e demais vestibulares.
- () Preparar bem os alunos para responder corretamente as avaliações externas, tais como, Saeb, Prova Brasil, SEAP.
- () Preparar os alunos para o mercado de trabalho.
- () Preparar os alunos para a cidadania.

15. O QUE VOCÊ MUDARIA NA ESCOLA?

- A () As práticas pedagógicas dos professores.
- B () O currículo oferecido.
- C () A carga horária.
- D () A estrutura física.
- E () As avaliações.
- F () Outros. Quais? _____

EIXO 4- PERSPECTIVAS SOBRE A ESCOLA E A REFORMA DO ENSINO MÉDIO A ESCOLA

17. CONSIDERANDO AS SUAS METAS DE TRABALHO E ESTUDO, A ESCOLA OPORTUNIZARÁ A VOCÊ, APÓS A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO:

- A () Ingressar no Ensino superior e se dedicar apenas aos estudos.
- B () Conseguir um emprego e parar de estudar.
- C () Trabalhar e cursar o Ensino superior.
- D () Outro. Qual? _____

18. O CONHECIMENTO OFERECIDO EM SUA ESCOLA CONTRIBUI PARA QUE SEU PROJETO DE VIDA TENHA POSSIBILIDADE DE SE REALIZAR?

- A () Sim
- B () Não

28. SE VOCÊ TEM CONHECIMENTO DA ATUAL REFORMA DO ENSINO MÉDIO, EM SUA OPINIÃO ELA CONTRIBUI PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DO CONHECIMENTO OFERECIDO NAS ESCOLAS, DE MODO A TRAZER MAIS BENEFÍCIOS AOS ALUNOS?

- A () Sim
- B () Não

Justifique

ANEXO 6

GRUPO FOCAL

Prezado(a) aluno(a):

O presente **grupo focal** compõe parte da pesquisa de trabalho de conclusão de curso de Mestrado, ainda em andamento, intitulada: **Sentidos que os jovens estudantes acreanos do Ensino Médio atribuem à escola às escolas públicas do município de Rio Branco, Acre**, que está sendo desenvolvido pela discente do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre, Susiane Maria Nascimento da Rocha Tavares, telefone 99987-1971, email susietavares@hotmail.com,

Busco através desta, compreender os sentidos que os jovens estudantes acreanos do Ensino Médio atribuem à escola e seu processo educativo, no contexto das escolas públicas do município de Rio Branco, Acre. Todos os dados colhidos nesta pesquisa terão total sigilo e serão utilizados somente para fins de análise.

Esclarecemos que não existe identificação do respondente, interessando a pesquisadora apenas as informações prestadas.

Agradeço sua cooperação.

Autorização do responsável: _____

Rio Branco, Acre, ____/____/____

QUESTÕES DISCUTIDAS NO GRUPO FOCAL

Para melhor compreensão da análise dos resultados faremos a organização das questões a serem abordadas nas discussões do grupo focal em quatro eixos.

- **EIXO 1- CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS;**

- 1- Durante a aplicação do questionário aos alunos desta escola, verificamos que a grande maioria dos pais não concluiu o ensino médio. Vocês consideram este fato um aspecto positivo ou negativo no seu processo educativo? Justifique.
- 2- Analisando o perfil dos alunos, a partir dos questionários, percebe-se que apesar de os jovens exercerem atividades quase que exclusivamente, destinadas ao estudo, a grande maioria não dedica o tempo ocioso aos estudos, destinando a ele apenas de 2 a 4 horas semanais. Porque vocês dedicam tão pouco tempo aos estudos, mesmo reconhecendo que este é importante para a realização de seus projetos de vida?

- **EIXO 2 - PERCEPÇÃO QUE OS JOVENS TÊM DE SI MESMOS**

- 3- Vocês se consideram jovens? Por quê?

- **EIXO 3 - SENTIDOS QUE O MESMO ATRIBUI À ESCOLA, COMO A RECONHECE E O QUE ELA ENSINA;**

- 4- Através do questionário verifica-se que 39% dos jovens preferem as atividades relacionadas a projetos envolvendo arte, apesar de não preferirem a área de códigos e linguagens, como visto anteriormente, preferida por apenas 16% dos jovens. Porque os jovens preferem o prático ao teórico?
- 5- Que atividades práticas vocês preferem, além dos projetos de arte?

- 6- Através do questionário aplicado aos jovens, observamos que eles veem a escola como um espaço de aprendizado. Contudo, não compreendem a importância do seu papel para que a efetivação do aprendizado aconteça. O que vocês têm a dizer a esse respeito?
- 7- A escola vivencia cotidianamente situações envolvendo jovens, tais como falta de interesse pelo o que está sendo ensinado, indisciplina, baixo rendimento escolar, dentre outros. O que vocês têm a dizer a esse respeito?
- 8- Porque os jovens dedicam tão pouco tempo aos estudos, mesmo reconhecendo que este é importante para a realização de seus projetos de vida, como o ingresso no ensino superior, por exemplo?
- 9- Como vocês definem currículo, prática pedagógica e avaliação?

- **EIXO 3- AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS SOBRE A ESCOLA E A ATUAL REFORMA DO ENSINO MÉDIO;**

- 10- Vocês têm algum projeto de vida? Quais?
- 11- O conhecimento oferecido nas escolas lhes possibilita a realização de seus projetos de vida? Comente.
- 12- Que vocês pensam a respeito da atual Reforma do Ensino Médio?
- 13- Menos de 5% dos estudantes participantes da pesquisa mudaria o currículo e menos de 10% a carga horária, ou seja, os pontos em que o governo, dentre outros, privilegia na Reforma do Ensino Médio, são os que os alunos menos têm interesse em mudar. O que vocês pensam sobre isto?